UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RAIMUNDO MARQUES DA CRUZ NETO

**Em busca das províncias grandiosas: As *entradas* espanholas quinhentistas na
fronteira oriental dos Andes centrais (1538-1561)**

**São Paulo
2014**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Em Busca das Províncias Grandiosas: As *entradas* espanholas quinhentistas na
fronteira oriental dos Andes centrais**

Raimundo Marques da Cruz Neto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Natalino dos Santos

**São Paulo
2014**

*Para meu pai, Dr. Juraci, que fez tudo o que
pode para me ajudar a viver longe da nossa
aldeia.*

AGRADECIMENTOS

A história, enquanto campo do saber, faz parte da minha vida desde os anos 90. Entre idas e vindas, conheci uma infinidade de pessoas que, pelos mais diferentes caminhos, contribuíram com o meu aprendizado e me trouxeram até esse ponto. Como não seria possível citar nominalmente a todas essas figuras, começo por agradecer a todos os professores, colegas e alunos que cruzaram comigo ao longo dessa vida. Com cada um deles aprendi um pouco mais sobre o ofício que tanto amo.

É necessário agradecer também a uma instituição, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por ter me agraciado com a bolsa de mestrado que tornou possível a realização dessa pesquisa.

Dentre os que quero agradecer pessoalmente, a lista não poderia começar senão com o Prof. Eduardo Natalino dos Santos. Esse extraordinário estudioso da história indígena aceitou me orientar, mesmo fora de sua principal área de interesse, e por isso devo a ele minha gratidão. Isso não é tudo, seus ensinamentos, conselhos e conversas foram sempre capazes de tornar mais fácil o que para mim parecia complicado. Aprendi, desde os primeiros contatos, a admirá-lo pelo raciocínio fino, por sua quase infinita paciência e pelo modo sempre elegante com o qual apontava as minhas falhas.

Devo muito também a outro orientador, nesse caso, dos tempos de graduação. Renovo aqui minha oferta de eterna amizade ao Prof. Rafael Chabouleyron. Ele foi fundamental em todos os primeiros passos dessa pesquisa, despertando meu interesse pelo tema e apontando muitos dos caminhos que resultaram no projeto deste mestrado. Rafael é a prova viva de que inteligência e erudição não excluem humildade e gentileza.

Aos professores que tomaram parte em meu exame de qualificação, também preciso registrar meus agradecimentos. Antonio Porro é um dos grandes no tema que investigo, cada uma de suas observações foi ouvida com respeito e atenção. Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron não só foi um dos leitores mais precisos desse trabalho, como também é um amigo e historiador que admiro.

Com os colegas, orientados do Eduardo, tive experiências edificantes, tanto no que diz respeito às reuniões do grupo de pesquisa, quanto nas vezes que frequentamos os botecos paulistanos. Meu “muito obrigado” para Ana, Carla, Eduardo (o pequeno), Joyce e Maria Luíza.

Não poderia mencionar a palavra “boteco” sem lembrar das pessoas que me fizeram sentir acolhido na “concretolândia”. Camila Fontes, Fábio de Souza, Fernanda Bombardi, Marília Calazans e Vanessa Teixeira foram a “minha turma” durante todo o tempo que morei em São Paulo. Junto com eles, outras pessoas também me ensinaram a gostar da “terra da garoa”, agradeço ao tio Almir, tia Elizama e seus filhos Paulo e Helga, Luiz Jorge Ferreira e Peter Muller.

Em “casa”, gostaria de agradecer aos amigos que, mesmo de longe, cruzavam os dedos para que tudo desse certo e, sempre que podiam, davam aquela ligada para o “exilado”: Adriana Coimbra (de Campinas), Antônio Calado, Brasilino Assaid, Fernando Penha, Manoel Neto e Márcio Vilhena. Reservo um agradecimento especial para Cris Guimarães pela força que deu na revisão desse texto e, mais importante, por sua família ainda me fazer sentir junto de um dos maiores amigos que tive, seu irmão Heber Cirino.

Agradeço agora aos mais importantes dentre todos: minha pequena e maluca família. Começo por minha irmã Rose, que sempre torceu por mim, mesmo quando eu era apenas chato e impicante. Minha “folclórica avó” Glória, por cada uma das vezes em que lutou na minha trincheira, fosse qual fosse a razão da batalha. Minha irmã Renata, pelas vezes em que foi minha “irmã mais velha”, mesmo sendo mais nova. Sempre ao seu lado, agradeço ao meu cunhado Elielson, por terem juntos nos dado o Rafael. Esse sobrinho, o “Cabeção”, me ensinou a rir de coisas que dantes eu não via graça, e me fez perceber que está na hora de ter meus filhos.

Para Regiane, minha esposa, eu reservo todo o amor e carinho que tenho; sua ausência foi uma das coisas mais choradas e sentidas, mas sua voz sempre acalentou meu coração e dissipou qualquer dúvida. Recomendo a ela que leia com atenção o final do parágrafo anterior.

À minha mãe, agradeço por cada vez que sentou ao meu lado e, segurando minha mão, apoiou para que a letra não saísse torta. Ao meu pai, a quem dedico esse trabalho, agradeço por seu amor e cuidados, mesmo os mais exagerados. Se minha mãe me ajudou a escrever, meu pai me deu o gosto pela leitura. Para esses eu digo sem medo de errar: “não teria conseguido sem vocês”.

ÍNDICE

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO.....	10
 CAPÍTULO 1	
HISTORIOGRAFIA E FONTES NARRATIVAS:	
Os escritos sobre o vale amazônico quinhentista.....	15
1.1 A AMAZÔNIA QUINHENTISTA NA HISTORIOGRAFIA	
1.1.1 Os primórdios da nação (luso) brasileira: os fundadores do IHGB.....	16
1.1.2 O imaginário da conquista: cultura, gênero e natureza.....	23
1.1.3 A história dos povos da várzea: o uso das narrativas pelos arqueólogos.....	30
1.1.4 As narrativas como objeto de pesquisa.....	39
1.2 A FRONTEIRA ORIENTAL NAS FONTES NARRATIVAS.....	42
1.2.1 Os testemunhos diretos: narradores-viajantes.....	45
1.2.2 Os testemunhos indiretos: narradores-cronistas.....	54
 CAPÍTULO 2	
O SIGNIFICADO DA FRONTEIRA ORIENTAL	
Motivações hispânicas para as <i>entradas</i> amazônicas.....	62
2.1 O ESPÓLIO DO PERU.....	63
2.2 A TERRA DOS ANTIS.....	64
2.3 A TERRA DAS PROVÍNCIAS GRANDIOSAS.....	73
2.4 A TERRA PARA GENTE OCIOSA.....	85
 CAPÍTULO 3	
A DESCOBERTA DO VALE AMAZÔNICO	
Arranjo e execução das <i>entradas</i> e as primeiras imagens da fronteira oriental.....	93

3.1 UM COMENTÁRIO PRELIMINAR SOBRE AS <i>ENTRADAS</i>	94
3.2 AS LICENÇAS DE HERNANDO PIZARRO.....	95
3.2.1 Jornada de Ambaya.....	97
3.2.2 Jornada dos Chunchos.....	100
3.2.3 Jornada dos Guancachupachos.....	104
3.2.4 O destacamento de Diogo Nunes.....	108
3.2.5 Balanço das jornadas de 1538.....	110
3.3 A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS SOBRE A <i>MONTAÑA</i>	111
3.3.1 As representações sobre a natureza.....	112
3.3.2 As representações sobre os povos.....	118
3.4 A DESCOBERTA DO RIO DAS AMAZONAS.....	121
3.4.1 Jornada da Canela.....	122
3.4.2 A apologia de Orellana: o relato de Gaspar de Carvajal.....	128
3.4.3 As províncias da várzea do rio das amazonas.....	134
3.4.4 O epílogo de Francisco de Orellana.....	145
3.5 O ARREFECIMENTO DAS <i>ENTRADAS</i> AMAZÔNICAS.....	146
3.5.1 Jornada de Omágua e Dourado.....	147
3.5.2 O desencanto com a fronteira oriental.....	155
CONCLUSÃO	158
BIBLIOGRAFIA	163

RESUMO

A presente dissertação analisa o arranjo e a execução de entradas espanholas na fronteira oriental dos Andes centrais, entre os anos de 1538 e 1561. Nosso objetivo consiste em avaliar as origens do interesse, os resultados apresentados e as razões para o arrefecimento dos contatos. A região em questão identifica-se com as terras situadas a leste da cidade de Cuzco, parcialmente inserida no quadrante que os incas chamavam de *antisuyu*. Algumas vezes, essas empresas foram além daquele território, alcançando as terras baixas do vale; configurando desse modo a primeira série de contatos sistemáticos com o que hoje chamamos de Amazônia. No período pesquisado, a expansão da conquista em direção a essa região esteve sempre na agenda dos castelhanos, ainda que não tenham logrado êxito em consolidar esse projeto.

ABSTRACT

This Dissertation examines the planning and execution of the Spanish expeditions on the eastern border of the Central Andes, between 1538 and 1561. Our purpose is inquire the origins of interest, the results presented and the reasons for the reduction of the contacts. The region in question is identified with the lands located at the east of Cuzco, partly inserted in the inca's *antisuyu*. Sometimes, these expeditions were beyond that territory, reaching the lowlands; thereby configuring the first series of systematic contacts with the region that we now call Amazon. In the period surveyed, the expansion of conquest to these lands always been on the plans of the Castilians, although it has not been successfully.

INTRODUÇÃO

Em um de seus trabalhos mais importantes, o historiador amazonense Arthur César Ferreira Reis comenta que embora, pelo Tratado de Tordesilhas (1494), o Vale amazônico tenha sido reservado aos espanhóis, isso não teria sido suficiente para gerar a ocupação efetiva da região. Ferreira Reis reconhece a ocorrência de algumas expedições castelhanas por aquelas terras, percorrendo-as *em direção ao Atlântico, vindos do Pacífico, por duas vezes*; mas ainda que alguns conquistadores tivessem recebido concessões para dar início ao processo de colonização, *não se vieram empossar da região, desinteressados dela*. Ainda segundo o autor, *o maciço andino (...) era um impedimento físico a ponderar e que importou muito contra os interesses da Espanha*.¹

Ferreira Reis tinha razão ao considerar as dificuldades representadas pelo que chama de "maciço andino", bem como sobre a ausência de uma ocupação efetiva do Vale amazônico pelos espanhóis. No entanto, a tese do suposto "desinteresse" é algo que pretendemos reavaliar ao longo desta dissertação. Nossa pesquisa dedicou-se ao estudo de uma série de incursões organizadas a partir do Peru, entre os anos de 1538 e 1561, com o propósito de conhecer e tomar posse de regiões situadas em sua fronteira oriental. O principal objetivo dessas empresas consistia em ampliar o raio da conquista espanhola na América meridional. A promessa de riquezas e benesses fez com que, no período em questão, muitos castelhanos aceitassem enfrentar o desafio oferecido pela descida dos Andes centrais.

O que chamamos de "fronteira oriental" neste trabalho corresponde às terras localizadas à leste do Peru. Interessa-nos, inicialmente, as ações que foram direcionadas a um território que as fontes espanholas quinhentistas chamaram de *montaña*. De acordo com France Marie Casevitz o termo designaria os *piedemontes amazónicos de la cordillera andina oriental* situados entre 400 e 1800 metros de altitude. A definição costumava ser usada para diferenciar essa área da *sierra*, localizada acima dos 1800 metros. A *montaña* partilha uma série de elementos característicos do que hoje entendemos, genericamente, como "Amazônia", como temperaturas mais altas, o alto índice pluviométrico e a vegetação cerrada.²

¹ REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p.33.

² CASEVITZ, F.M. Renard; SAIGNES, Th.; TAYLOR, A.C. *Al Este de los Andes: Relaciones entre las sociedades amazónicas y andinas entre los siglos XV y XVII*. Lima: Instituto Francés de Estudios Andinos, 1998. p.35.

Outro conceito relevante para essa pesquisa é proveniente da organização territorial do período pré-hispânico. *Tahuantinsuyu* é a palavra *quéchua* utilizada para designar as terras submetidas política e tributariamente aos governantes de Cuzco; seu significado seria "as quatro terras" ou "as quatro partes", em alusão às seções que se formavam a partir dessa cidade.³ A porção oriental era denominada como *antisuyu*, quadrante em que a região que os espanhóis chamaram de *montaña* estava localizada.

Os habitantes do *antisuyu* eram designados, genericamente, como *antis* e eram descritos com certo desprezo pelos incas, refletindo uma relação histórica bastante complexa. A relação entre esses povos foi forjada em uma longa tradição de trocas culturais e comerciais⁴, mas também em episódios de enfrentamento e tentativas de subordinação. Em diferentes etapas de sua expansão territorial, os incas se propuseram a conquistar a "terra dos *antis*", na maioria das vezes sem lograr bons resultados. As razões para o insucesso de suas empresas eram identificadas na inaptidão dos povos do altiplano em se deslocar pela geografia da *montaña*, bem como na maneira aguerrida e inusitada pela qual os naturais da região impunham resistência aos invasores das terras altas.⁵

As primeiras expedições organizadas pelos espanhóis atingiram justamente essa zona da *montaña*. Em certa medida, a sorte dos cristãos não foi muito diferente da que tiveram os incas, incorrendo em dificuldades muito semelhantes em se adaptar ao novo ambiente. A maior parte das *entradas* resultou em fracasso e os expedicionários retornaram às terras altas sem consumir os projetos de conquista.

Apesar da sequência de insucessos, durante algum tempo os espanhóis continuaram buscando superar as dificuldades com a região da *montaña*, organizando novas incursões destinadas a dilatar as posses de sua Coroa naquela direção. A resiliência castelhana é explicada pelas notícias que obtinham junto aos indígenas do altiplano, bem como dos expedicionários que regressavam das *entradas* na fronteira oriental, dando conta da existência de províncias riquíssimas e muito povoadas escondidas no interior daquelas terras. Uma vez que os povos da *montaña* não demonstraram possuir aquelas características, imediatamente, a atenção foi voltada para o que poderia haver adiante, nas terras planas que hoje chamamos de vale amazônico.

³ Cf. MURRA, John. "As Sociedades Andinas anteriores a 1532". In: Leslie Bethell (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial, volume 1*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p.83; e FAVRE, Henri. *A Civilização Inca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 41.

⁴ Cf. BERTAZONI, Cristiana. *Representações do Antisuyu em El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno de Felipe Guaman Poma de Ayala*. Revista de História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 120-121.

⁵ Idem, p.118.

O termo "Amazônia" não pertence ao século XVI. Sempre que o utilizarmos nessa dissertação, em todas as suas variações, estaremos fazendo apenas como um termo geral de conotação puramente geográfica. Na verdade, consideramos mais apropriado o uso de expressões como "fronteira oriental", aludindo a uma próxima etapa possível para a conquista hispânica. Em outras ocasiões a ideia de *montaña*, para circunscrever a área do *piedemonte andino-amazónico*. Finalmente, a noção de *antisuyu*, sempre que houver referência a uma ação incaica ou a informação proveniente dos povos do altiplano.

Apesar de o Tratado de Tordesilhas conferir a maior parte do atual território amazônico aos espanhóis, é ainda mais inadequada a utilização de termos como "Amazônia espanhola" ou "Amazônia portuguesa" durante o século XVI. Pensar a região desse modo, conferindo-lhe definições que comportam uma conotação política, é um anacronismo para o período quinhentista. Durante esse tempo, a região era uma terra habitada por uma infinidade de povos indígenas, seus únicos e verdadeiros senhores. Os grupos que viviam na várzea dos rios, particularmente no Amazonas, travaram os seus primeiros contatos com europeus justamente durante as *entradas* que avançaram de maneira mais profunda pela fronteira oriental.

O objetivo geral desta dissertação consiste em estudar algumas dessas expedições de organizadas pelos castelhanos, com o propósito de expandir os domínios da coroa espanhola em direção à fronteira oriental do Peru. Nosso recorte temporal apresenta como baliza inicial o ano de 1538, quando ocorreram as primeiras experiências sistemáticas no sentido de desbravar a região da *montaña*, e apresenta como término o ano de 1561, quando começou a arrefecer o interesse pelas *entradas* nessa direção, muito em função dos trágicos e perigosos eventos ligados à Jornada de Omágua e Dourado.

A escolha por esta pesquisa justifica-se pela relevância desses episódios no sentido de elaborar algumas das primeiras imagens, obviamente segundo o olhar dos espanhóis, acerca da natureza e dos povos amazônicos. Além disso, o processo de desvelamento do território começa a ocorrer, ainda que de modo limitado, a partir dessas ações. Essa questão nos permite considerá-los como a etapa inicial do descobrimento e conquista do que hoje chamamos de Amazônia, processo que seria largamente expandido a partir do início da colonização portuguesa no século seguinte.

Um de nossos objetivos específicos consiste em apresentar os fatores que explicam a condição periférica das ações espanholas quinhentistas na historiografia produzida no Brasil. Os pesquisadores nacionais quase sempre trataram esse tema como um mero preâmbulo para o período lusitano, considerando as *entradas* castelhanas como episódios pontuais e esporádicos.

cos. Mesmo quando a historiografia mais recente se debruçou sobre a questão, sua abordagem quase nunca considerou, com honrosas exceções, a avaliação de conjunto e a reinserção dessas experiências no contexto político colonial do Peru.

Outro de nossos objetivos específicos passa pelo entendimento do surgimento do interesse castelhano pela fronteira oriental dos Andes centrais. Procuraremos discutir a relação entre as informações obtidas por intermédio dos indígenas e a organização das *entradas*, ao mesmo tempo, demonstrando como a crença da existência das províncias grandiosas começou a se formar no imaginário dos conquistadores. O contexto político do Peru é indispensável para a análise dessa questão, de modo que precisaremos recorrer a leitura de alguns elementos fundamentais referentes a esse ponto.

Tencionamos também apresentar algumas das *entradas* mais representativas para o recorte cronológico que estudamos. Avaliaremos o seu contexto de organização e execução, demonstrando quais os fatores que ocasionaram a impossibilidade dessas empresas consumarem o seu projeto de conquista.

Os documentos utilizados nessa dissertação estão classificados em dois tipos básicos: Os que foram elaborados por observadores diretos e os que foram produzidos por narradores que recolheram suas informações em segunda mão. No primeiro grupo encontram-se os testemunhos escritos por participantes das *entradas*, cujo conteúdo oferece algumas das primeiras descrições relativas aos povos e à floresta amazônica. O segundo grupo é constituído por certa pluralidade de textos no que concerne ao contexto de produção e a posição do autor. Verifica-se a presença de narradores espanhóis que viveram em *Nueva Castilla*, aprenderam o quíchua e se dedicaram a entender o modo de vida dos povos incaicos, como por exemplo, Pedro Cieza de León. Há também os que guardam um maior distanciamento, como Gonzalo Oviedo y Valdés.

Embora o conjunto das fontes dessa pesquisa reúna textos muito diferentes entre si, no que concerne ao tipo narrativo (cartas, relaciones, documentos administrativos, crônicas e histórias universais), ao contexto de produção (documentos contemporâneos aos eventos e documentos posteriores) e ao nível de participação nos eventos (testemunhas oculares e testemunhas de segunda mão), convencionou-se reduzi-los a designação genérica “crônica”. Na redação da dissertação optamos por evitar a utilização indiscriminada deste termo, aplicando-o somente quando de fato estivermos nos referindo ao tipo narrativo dessa natureza. A opção se justifica por entender que, ao resgatar a pluralidade dessas fontes, reuniremos um número maior de ferramentas metodológicas a fim de interpretá-las e criticá-las.

No que concerne à estrutura formal da dissertação, esta se encontra distribuída em três capítulos. O primeiro, dividido em duas partes, aborda a produção elaborada em torno do Vale amazônico quinhentista. O primeiro tópico apresenta um balanço historiográfico acerca da Amazônia quinhentista. Em seguida, apresentamos a organização do *corpus* documental da pesquisa. A descrição pormenorizada das narrativas tem o objetivo de explicitar seus tipos discursivos e as características inerentes a estes. Objetiva-se com isso descortinar seus respectivos contextos de produção, circulação e uso.

O segundo capítulo está voltado para a análise das questões que ajudam a entender o interesse dos castelhanos pela fronteira oriental, considerando a interação com os povos andinos, o surgimento das informações sobre as províncias grandiosas e o contexto político colonial do Peru.

O terceiro capítulo é reservado para a análise de duas questões fundamentais, o processo de organização e execução das *entradas* e o modo como a natureza e os povos da *montaña* e do vale amazônico são descritos nas narrativas dessas expedições.

CAPÍTULO 1

HISTORIOGRAFIA E FONTES NARRATIVAS

Os escritos sobre o vale amazônico quinhentista

As pesquisas em história da Amazônia, exclusivamente dedicadas ao estudo do século XVI, não são frequentes. Em geral, a investigação desse período é feita em conjunto com os anos seiscentos, quando começa a colonização portuguesa.⁶ Apesar disso, alguns dos relatos escritos pelos viajantes quinhentistas são bastante conhecidos, sendo regularmente citados em textos acadêmicos, nos mais diversos campos do saber. Na maioria das vezes, é possível verificar três posicionamentos recorrentes: a percepção das incursões pela floresta como episódios isolados e excepcionais; a redução dos escritos à condição de “crônicas de índias”; a interpretação das narrativas como manifestação do maravilhoso, projeção dos valores medievais e, nos casos mais extremos, um simples produto da fantasia dos seus autores.

Nesta dissertação, não apenas procuramos reler os tradicionais textos dos viajantes, sopesando cada um dos procedimentos citados, como também nos esforçamos para ampliar esse *corpus* documental. Buscamos em outras fontes quinhentistas elementos que nos permitam uma melhor compreensão sobre a preparação das *entradas*, bem como as origens do interesse hispânico por sua fronteira oriental. Para tanto, utilizaremos dois cadernos de fontes: 1) Os testemunhos diretos, escritos pelos narradores-viajantes; 2) Os testemunhos indiretos, redigidos pelos cronistas que recolheram informações das incursões de outras formas.

O objetivo geral desse capítulo consiste em organizar a produção bibliográfica relativa ao período quinhentista amazônico, tanto no que concerne à sua historiografia, quanto a suas fontes históricas impressas. Com isso pretendemos identificar as principais ideias admitidas pelos pesquisadores acerca desse recorte cronológico/ espacial, considerando suas vantagens e seus problemas. Buscamos ainda analisar o contexto de descoberta e publicação das fontes quinhentistas, relacionando o propósito de criação das “histórias nacionais” no século XIX e o

⁶ Esses são os casos de: PORRO, Antonio. *O Povo das Águas: Ensaios de Etno-História Amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995; UGARTE, Auxiliomar Silva. *Sertões de Bárbaros. O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (Séculos XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer, 2009; PEDRO, Juliana Castro. *Embates pela Memória: Narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia ibérica*. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao programa de pós-graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Orientador: Prof. Dr. Fernando Torres Londoño). São Paulo: 2006; NEVES, Auricléa Oliveira das. *A Amazônia na Visão dos Viajantes dos Séculos XVI e XVII: Percurso e discurso*. Manaus: Editora Valer, 2011.

“esquecimento” da Amazônia espanhola nos estudos sobre o primeiro século da conquista. Por fim, interessa aqui apresentar o contexto de produção e circulação desses testemunhos, evidenciando suas diferenças internas e externas, almejando desse modo promover uma reflexão que possa direcionar a utilização das narrativas ao longo da dissertação.

1.1 A AMAZÔNIA QUINHENTISTA NA HISTORIOGRAFIA

1.1.1 Os primórdios da nação (luso) brasileira: Os fundadores do IHGB

No ano de 1840, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) publicou, pela primeira vez, nas páginas da segunda edição de sua revista, um documento identificado como “a carta de Diogo Nunes”, transcrita pelo membro Francisco Adolfo de Varnhagen. O texto traz o breve relato de um expedicionário, dando conta da descoberta de uma província muito rica chamada Machiparo, localizada nas proximidades do Peru. A transcrição é precedida por uma exposição sumária de seu conteúdo e pela indicação da localização do manuscrito. Não há, contudo, qualquer informação sobre quem é o seu autor ou do que se tratava o seu destacamento. Na única nota de rodapé, verificamos o seguinte:

*A carta que offereço ao Instituto, e que julgo de interesse ser publicada, foi por mim vista e copiada com todo o escrúpulo. Se directamente não diz respeito á Historia do Brasil, está com ella em contacto; trata da America Meridional, e será recebida com satisfação pelo público litterario, que melhor do que nós a poderá commentar.*⁷

O relato informa que a expedição foi organizada a partir de *Nueva Castilla*, detalhe que fez com que Varnhagen o classificasse no campo da História da América. O texto está escrito em português e o destinatário é o monarca lusitano D. João III, dois elementos que despertam a atenção do historiador e de seus colegas de Instituto. José Carlos Reis lembra que para aqueles homens importava, sobretudo, a elaboração de uma “história luso-brasileira”.⁸ As

⁷ Diogo Nunes. “Carta de Diogo Nunes”. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916. p.375. (Republicação da edição de 1840. Doravante citado como: Carta de Diogo Nunes).

⁸ Cf. REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil 1: De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p.25.

entradas espanholas não despertavam ainda maiores interesses, porém, como veremos, em certos momentos vieram para a linha de frente de suas investigações.

Varnhagen evita tecer maiores comentários, algo justificável pelas poucas informações que dispunha a respeito daquele documento. Em seu tempo, o Visconde de Porto Seguro ainda não tinha acesso à quarta parte da crônica de Pedro Cieza de León, onde constam informações detalhadas sobre a *entrada* de Alonso de Mercadillo, da qual Diogo Nunes alega ter feito parte.⁹ Além disso, o conhecimento da época não lhe permitia saber que a Província de Machiparo, descrita na carta, estaria localizada no interior do atual território brasileiro.

De acordo com alguns dos comentadores de Varnhagen, a lusofilia foi um traço distintivo de sua obra. Arno Wehling recorda que o historiador se empenhou em demonstrar a superioridade do feito colonial português em comparação ao espanhol e ao inglês.¹⁰ Varnhagen sustentava que a base da nacionalidade brasileira estaria nos tempos coloniais, período em que as ações sociais foram frutos de uma *política desejada, planejada e executada pelo Estado português*.¹¹ José Carlos Reis não deixa escapar a amizade que Varnhagen devotou à dinastia lusitana, afirmando que *seu amor pelo Brasil (...) se confundia com a fidelidade à família real portuguesa*. O imperador por seu turno precisaria dos historiadores daquela geração para colaborar na legitimação no poder, necessidade que justificaria buscar no passado referências luso-brasileiras.¹²

A preferência de Varnhagen pelos feitos portugueses pode ser constatada em sua *História Geral do Brasil*. Na sessão XII, intitulada *Capitanias cuja primitiva Colonização se Malogrou*, encontramos sua impressão acerca das primeiras tentativas de conquista do Vale amazônico. Varnhagen trata prioritariamente da expedição comandada pelo português Aires da Cunha, organizada com o propósito de tomar posse das capitanias setentrionais do Brasil. Detalha os motivos, a organização, o trajeto, os percalços e o desmembramento da empreitada do lusitano, para só então mencionar brevemente a *entrada* de Francisco de Orellana:

⁹ Escrita em meados do século XVI, a monumental *Crónica del Perú* de Pedro Cieza de León foi dividida em quatro tomos, tendo sido apenas o primeiro publicado enquanto seu autor ainda estava vivo. Em 1877, aparecia a primeira edição do primeiro livro do tomo IV, denominado *Guerra de las Salinas*, neste volume encontramos detalhes da entrada comandada por Alonso de Mercadillo. Cf.: Pedro Cieza de León. *Guerras Civiles del Peru I: Guerra de las Salinas*. Coleccion de Documentos Inéditos para la Historia de España, Tomo LXVIII. Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, 1877. (Doravante citado como: Cieza de León. *Guerra de las Salinas*).

¹⁰ Varnhagen argumentava que os lusitanos superaram obstáculos consideravelmente maiores do que as outras nações colonizadoras, dentre os quais destaca o meio físico e a resistência indígena. Cf. WEHLING, *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.159.

¹¹ Idem. p.186.

¹² REIS, *As Identidades do Brasil*, p.25.

*Pouco depois chegava ao conhecimento do governo português a notícia da tão arriscada como feliz viagem desde o Peru até a foz do Amazonas, feita pelo capitão Orellana. Esta viagem patenteava de todo, para nos servimos da expressão da época, que o Brasil era a continuação do Peru.*¹³

A seguir, Varnhagen comenta rapidamente sobre os preparativos da segunda viagem de Orellana ao rio das Amazonas, mas não avançará muito. Já no mesmo parágrafo, retoma o interesse pelo reino português, tratando da organização de outra expedição, possivelmente contemporânea a do espanhol, onde Diogo Nunes irá tornar a aparecer. Quase uma década e meia havia se passado desde a publicação de sua carta na revista do IHGB, agora o Visconde de Porto Seguro parecia dispor de novas informações sobre o obscuro personagem:

*Enquanto pois em Espanha se preparava Orellana, (...) se apresentava em Portugal Diego Nuñez de Quesada, com projectos (...) de varar pelo sertão do Amazonas aos lindes dos Andes. Este Diego Nuñez estivera muitos annos no Peru e trouxera de la grandes cabedaes. Associou-se pois ao capitão portuguez João de Sande, e parece que chegaram a ordenar quatro navios com ajuda do governo. Pelos apontamentos que Nuñez nos deixou vê-se que elle tinha cabal conhecimento do Alto Amazonas, e da terra do Machifaro de que tambem nos dão razão Orellana e Orsua.*¹⁴

Em 1900, a terceira edição de *História Geral do Brasil* foi deixada aos cuidados de Capistrano de Abreu; seu trabalho compreendia o acréscimo de notas ao texto de Varnhagen, bem como a redação de uma introdução para cada um dos três volumes. O meticuloso historiador cearense lançou-se em um trabalho hercúleo, destinado a corroborar cada um dos documentos utilizados pelo Visconde de Porto Seguro, algo que evidentemente contribuiu para a demora da publicação.¹⁵ Em 1904, em uma correspondência, Capistrano teceria um comentário acerca do motivo de seu atraso:

¹³ VARNHAGEN, *História Geral do Brasil: Antes da sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962. p.196.

¹⁴ Idem, p. 197.

¹⁵ Cf. OLIVEIRA, Maria da Glória de. *A Anotação e a Escrita: Sobre a história em capítulos de João Capistrano de Abreu*. História e Historiografia, Rio de Janeiro, vol. 3, 2009. p. 90.

*Estou às voltas com a edição de Varnhagen e espero publicar até o fim do ano (...) o primeiro volume (...). Tem me dado muito mais trabalho do que pensava: o autor é de um descuido que se parece bastante com relaxamento. Pensava eu a princípio que os documentos examinados por ele não precisassem de novo exame, e que eu só tivesse que aproveitar novas monografias ou o material que ele não conhecia. Triste ilusão!*¹⁶

Um exemplo do “descuido” de Varnhagen apareceria justamente no fragmento em que apresentou as novas informações sobre Diogo Nunes. Na quarta nota relativa à sessão XII, o historiador cearense desfez o equívoco cometido, argumentando que o Visconde de Porto Seguro teria narrado situações que ocorreram com dois indivíduos homônimos, como se fizessem parte da biografia de um só.¹⁷ Deste modo, a notícia de que Diogo Nunes possuía recursos para explorar a província, dispondo inclusive de um sócio para esse fim, não era verdadeira para o autor da carta que mencionamos.

Apesar da confusão, Varnhagen foi sem dúvida um dos mais destacados historiadores de sua geração, conhecido pela obsessão e perícia com que investigava em arquivos nacionais e estrangeiros, sempre em busca de novos filões documentais. Em seu tempo, os pesquisadores e o Estado brasileiro elucubravam sobre como começar a escrever a história de um país recém-emancipado, todavia, sem ser capaz de romper completamente a herança do passado lusitano. Os atos inaugurais eram todos portugueses, de modo que o início da história da região setentrional do Império era, necessariamente, a fundação da vila de Belém pelo lusitano Francisco Caldeira Castelo Branco. Desde o início, as *entradas* espanholas ficavam relegadas a um plano secundário e episódico. A exceção será trabalhada a seguir.

De acordo com Lília Moritz Schwarcz, o tema dos “descobrimientos” foi um dos prediletos da geração fundadora¹⁸, havendo um volume considerável de trabalhos abordando os primeiros contatos lusitanos com a *terra brasilis* em sua revista institucional. O ponto dissonante nessa tradição localiza-se na atração que o suposto encontro dos espanhóis com as guerreiras Amazonas exerceu sobre os membros do Instituto. O historiador Johnni Langer, que escreveu um artigo sobre o tema, afirma que *ao contrário de outras fantasias coloniais*, o

¹⁶ RODRIGUES, José Honório. *Correspondências de Capistrano de Abreu*. Apud: OLIVEIRA, “A Anotação e a Escrita”, p.91.

¹⁷ Cf. ABREU, Capistrano de. *Notas*. In: VARNHAGEN. *História Geral do Brasil*. pp.206.

¹⁸ Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.113.

debate em torno das míticas mulheres sobreviveu ao ceticismo dos tempos do iluminismo.¹⁹ Passaremos a usar algumas das fontes indicadas por ele, a fim de entender melhor a questão.

A hipótese de que os indígenas brasileiros eram descendentes de uma grande civilização que se degenerou circulava pelo IHGB desde, pelo menos, a premiada monografia “Como se deve escrever a história do Brasil”, produzida pelo botânico e viajante alemão Karl F. P. von Martius.²⁰ Associar o habitante nativo das terras brasileiras a uma sociedade antiga não era uma tese desagradável naqueles anos, especialmente se a dita civilização possuísse ligações com o mundo greco-romano. A partir dessa ideia, podemos começar a pensar o tratamento conferido pelo Instituto ao encontro de Orellana com as mulheres guerreiras.

Nas primeiras edições da Revista do IHGB, o tema ainda está em aberto. No parecer sobre a obra do naturalista alemão Alexander von Humboldt, escrito pelos sócios José Silvestre Rebello e Lino Antônio Rebello, os autores comentam a experiência de Orellana sem colocar em xeque sua veracidade, inferem sobre o episódio e tentam racionalizá-lo.²¹ Já em um ensaio sobre a condição das mulheres indígenas do Brasil, encontramos uma defesa clara da existência das Amazonas. Seu autor, o militar e político José Joaquim Machado de Oliveira, utiliza-se da suposta experiência de Orellana, objetivando fundamentar seu argumento de que o gênero feminino gozava de uma situação muito positiva entre os ameríndios.²² Machado de Oliveira critica o descrédito de alguns sobre o episódio:

Sobre bases frágeis tem-se elevado o propugnáculo por meio do qual se procura combater a existência das Amazonas nas margens do Grande Rio, segundo asseverou Orellana (...) considera como uma invectiva para comover os ânimos dos Espanhóis, justamente irritados contra Orellana por seus atentados na conquista do Peru, ou para alimentar com o maravilhoso a credulidade romanesca do monarca da Espanha. Mas, se tal foi o intuito de Orellana (...) não lhe seria (...)

¹⁹ LANGER, Johnni. *As Amazonas: História e Cultura Material no Brasil Oitocentista*. Mneme – Revista Virtual de Humanidades, nº10, vol. 5, 2004. p.2.

²⁰ Martius diz em dado momento: *Investigações mais aprofundadas (...) provarão ao homem desprevenido que aqui não se trata do estado primitivo do homem, e que pelo contrário o triste e penível quadro, que nos oferece o actual Indígena brasileiro, não é senão o residuum de uma muito antiga, posto que perdida história*. MARTIUS, Karl F. P. von. “Como se deve escrever a História do Brasil”. *Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo sexto, nº 24. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1844. p.385.

²¹ Cf. REBELO, José Silvestre; REBELO, Lino Antônio. “Juízo sobre a obra intitulada Examen critique l’histoire de la geographie du nouveau continent de Alexandre Humboldt”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1840). Tomo II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916. p.108.

²² Cf. MACHADO DE OLIVEIRA, José Joaquim. “Qual a Condição do Sexo Feminino entre os Indígenas do Brasil?”. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo IV, nº14, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1842. pp.168-206.

*mais consentâneo com o espírito da época (...) referir que deparara com um magote de gigantes ou homens descomunais, e que investido por eles os desbaratara, e pusera em fuga a efeito do seu valor coadjuvado por seu séquito?*²³

A polêmica em torno das Amazonas resultou na elaboração de um projeto de pesquisa a ser desenvolvido pelo sócio e poeta Gonçalves Dias. O programa, na verdade, já tinha sido elaborado sem qualquer resposta desde 1841, sendo retomado *ipsis litteris* em 21 de outubro de 1853, mediante encomenda pessoal de D. Pedro II que, na ocasião, presidia a sessão. O Imperador repassou ao poeta os seguintes questionamentos:

Quais são os vestígios existentes no Brasil que possam provar uma civilização anterior á conquista dos Portugueses? (...)

*Se existiram ou não Amazonas no Brasil? Se existiram, quais as testemunhas de sua existência, quais seus costumes, usanças e crença? Se se assemelhavam ou indicavam originarem-se das Amazonas da Scythia, Líbia, e quais os motivos de seu rápido desaparecimento? Se não existiram, que motivos tiveram Orellana (...) para nos asseverarem sua existência.*²⁴

O autor de *I-Juca Pirama* não estava presente na sessão em que foi destacado para o programa de pesquisa sobre as guerreiras amazonas.²⁵ No entanto, dois meses depois, o resultado de suas investigações já estava publicado na revista, sendo possível que, graças ao fato de a investigação ter sido proposta havia mais de dez anos, já tivesse reunido parte das informações que usou. Gonçalves Dias demonstrou notável erudição ao explorar o mito das Amazonas desde a Antiguidade até o mundo moderno. Em seu exame do mundo clássico, avaliou os contributos de Apolônio de Rodes, Virgílio, Justino, Platão, Hipócrates e Heródoto, dentre outros. Chegando à conclusão de que o material levantado não era capaz de anular as dúvidas acerca da existência das Amazonas.

Quando avança para a versão moderna, a experiência vivida por Orellana vem para linha de frente, como era de se esperar. Sua missão é atestar a autenticidade das guerreiras na América, ou vaticinar o fim do mito. Orellana é então apresentado como um sujeito ambicioso, ávido pela possibilidade de tornar sua descida pelo grande rio em uma nova descoberta.

²³ Idem. p.184.

²⁴“Actas das sessões do Instituto desde 21 de Dezembro de 1852 até 4 de Novembro de 1854”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo XVII, nº13. Rio de Janeiro: 1854. p.104.

²⁵ Idem, p. 103.

Por outro lado, o fato de seu destacamento ter se perdido de Gonçalo Pizarro exigia um feito que *atenuaria as justas censuras de que se tornara merecedor*.²⁶ Gonçalves Dias considera que o simples fato de navegar em uma embarcação mal preparada, atravessando nações hostis, constituindo a pioneira experiência a desbravar territórios existentes entre os Andes e o Oceano Atlântico, seria motivo suficiente para que Orellana alcançasse a glória e até as recompensas ambicionadas. Contudo, tal fato não teria sido suficiente para o capitão, sendo preciso coroar sua aventura com aquele feito extraordinário, deste modo, o encontro com as mulheres guerreiras revela-se um blefe.

Consideramos que a partir da longa análise feita por Gonçalves Dias, a discussão referente à existência das Amazonas entre os habitantes da floresta, especialmente no que diz respeito a uma suposta relação com aquelas que povoaram as narrativas clássicas, chega a um ponto pacífico: suas conclusões negam a existência das mulheres guerreiras de Francisco Orellana. Ainda que não tenha havido repercussão da dissertação do poeta nas páginas da revista institucional, cessaram os comentários relativos à possível existência das Amazonas.

O interesse dos fundadores do IHGB pelas *entradas* espanholas na Amazônia foi, como se pode notar, sempre pontual e periférico. O estudo detalhado daquelas expedições não se coadunava com a agenda daqueles homens, voltada para a elaboração de uma história nacional, fundamentalmente luso-brasileira. Mesmo no debate acerca das Amazonas, onde irremediavelmente precisaram se reportar a uma expedição castelhana, os fundadores pareciam muito mais seduzidos pela possibilidade de encontrar um elo, ainda que remoto, entre os primeiros habitantes do Brasil e as grandes civilizações antigas.

Embora a “Carta de Diogo Nunes” tenha sido publicada por intermédio do Instituto, não se faz qualquer relação entre a empresa deste e a de Francisco de Orellana. Os historiadores dessa geração não se importam em identificar o fato de que ambas as empresas partiram da América hispânica, em um intervalo de tempo muito pequeno, voltadas para um propósito semelhante, conquistar regiões situadas em sua fronteira oriental. Esta dissertação busca religar os nexos dessas empresas espanholas, comparando suas motivações, planejamento, desdobramentos e o modo como elas se retroalimentaram.

Relembrando o que dissemos na introdução, a separação entre “Amazônia portuguesa” e “Amazônia espanhola”, no que concerne o período quinhentista, corresponde a um anacronismo que ainda não incomodava os primeiros historiadores do IHGB. A despeito disso, percebemos a projeção das fronteiras nacionais do século XIX sobre o passado colonial, usando

²⁶ GONÇALVES DIAS, Antônio. *Amazonas*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Tomo XVIII, nº17, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1855. p.35.

esse critério para delimitar e selecionar os temas de interesse daqueles estudiosos. Nossa pesquisa descarta essa clivagem, quando consideramos a ideia de “fronteira oriental”. As empresas aspiravam descobrir novas províncias, sua localização exata era ignorada, sabia-se pouco em princípio. Somente com o melhor conhecimento da geografia do vale é que se tornou possível criar marcos que separavam as porções da coroa ibérica.

1.1.2 O Imaginário da Conquista: Cultura, Gênero e Natureza.

A influência do IHGB sobre o fazer historiográfico brasileiro começou a perder força nos anos 30 do século passado, quando as universidades lhe tomaram a batuta da pesquisa histórica no país.²⁷ No curso desse processo, Sérgio Buarque de Holanda foi ao lado de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, um dos mais representativos autores. Desde *Raízes do Brasil*, sua obra apresenta um interesse pelo cotejamento entre os modelos de colonização estabelecidos por Portugal e Espanha em terras americanas.²⁸ Devido a essa característica, é possível encontrar numerosas referências às fontes castelhanas em seus livros, dentre as quais, constam algumas narrativas quinhentistas amazônicas.

Sérgio Buarque inovou ao utilizar as “crônicas coloniais” como ferramenta para entender o imaginário da colonização, algo que aparece em cores vivas naquela que é hoje uma obra clássica da historiografia brasileira: *Visão do Paraíso*. Publicado em 1958, o livro é fruto de sua tese para admissão na cátedra de “História da Civilização Brasileira” na Universidade de São Paulo.²⁹ Trata-se de uma erudita reconstrução da genealogia intelectual das representações mentais que caracterizaram o descobrimento e a colonização do Brasil. A crença na existência física do Jardim do Éden localizado em algum ponto do continente recém-descoberto, é destacada como um elemento primordial do estoque cultural trazido pelos conquistadores. Segundo essa lógica, seria sintomática que nas imediações do paraíso existissem lugares e criaturas fantásticas:

É interessante notar como nestes casos, não menos do que nos motivos claramente edênicos, se mostra Colombo ainda tributário de velhas convenções eruditas, forjadas ou desenvolvidas por inúmeros teólogos, historiadores, poetas, viajantes,

²⁷ Cf. REIS, *As Identidades do Brasil*, p.117.

²⁸ Cf. PRADO, Maria Ligia Coelho. *Repensando a História Comparada da América Latina*. Revista de História da Universidade de São Paulo, nº153. São Paulo, 2005. p.13.

²⁹ Cf. COSTA LIMA, Luiz. *Sérgio Buarque de Holanda: Visão do Paraíso*. Revista da Universidade de São Paulo, São Paulo, nº 53, 2002.p.44.

*geógrafos, até cartógrafos, principalmente durante a Idade Média. (...) Quase se pode dizer de todas as descrições medievais no Éden que são inconcebíveis sem a presença de uma extraordinária fauna mais ou menos antropomórfica.*³⁰

O “país das Amazonas” é enquadrado por Sérgio Buarque em uma galeria de quimeras composta ainda por sereias, cinocéfalos, ciclopes e homúnculos. As crônicas que trataram da existência das mulheres guerreiras estariam, sob esta perspectiva, impregnadas pelo estoque cultural dos conquistadores e por essa via, os mitos europeus migraram para o Novo mundo. Os escritos de Cristóvão Colombo foram os primeiros a afirmar sua existência em solo americano, inspirado nas viagens de Marco Polo e em uma longa tradição que nos leva até o mundo grego. Sérgio Buarque afirma que depois do navegador genovês, o mito iria se *alastrar como uma epidemia*³¹ pelos relatos subsequentes, dentre os quais está o do Frei Gaspar de Carvajal.

Sérgio Buarque esquadrinha o encontro dos espanhóis com as guerreiras Amazonas, desde a chegada das primeiras informações, obtidas por intermédio dos índios Apária, até o interrogatório feito por Orellana com o nativo capturado durante a refrega com as míticas mulheres. A descrição anotada por Carvajal é comparada com as cidades do sol andinas, observadas anteriormente por Francisco Xerez, cronista da conquista dos Incas e secretário pessoal de Francisco Pizarro. Sobre a semelhança entre os textos, comenta que a narrativa do religioso já não é puramente imaginária, *e coincide notavelmente, em verdade, com o que ele e seus companheiros teriam podido ver no Peru.*³² A ideia é lançada, mas não é desenvolvida; o autor prefere investir no argumento de que a tradição clássica e a medieval alimentaram o maravilhoso no relato de Carvajal:

*Quanto ao elemento fantástico, ou largamente fantasiado, no relato de Carvajal sobre o país das Amazonas, provém quase todo ele de fontes eruditas e coincide em grande parte com as notícias de Estrabão, Arriano, Deodoro Sículo – para tratar apenas de historiadores que acreditavam na sua existência – quando não de poetas clássicos.*³³

³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p.17.

³¹ Idem. p. 24.

³² Id. p.29.

³³ Id. p.29-30.

Para os propósitos desta dissertação, Sérgio Buarque de Holanda oferece algumas lições preciosas. Embora essa obra traga uma erudita investigação sobre as matrizes ibéricas do imaginário do Novo Mundo, interessa-nos particularmente a identificação de referenciais americanos no discurso dos narradores. Quando os homens de Orellana saíram pela foz do rio Amazonas, fazia meio século desde que Cristóvão Colombo desembarcou nas ilhas caribenhas. Essas cinco décadas produziram gerações acostumadas com a vida no além-mar, muitos deles tinham passado a maior parte de sua vida na América. Essa vivência não pode ter passado em branco, no que concerne a formação de seu estoque intelectual.

O estudo apresentado em *Visão do Paraíso* é considerado um dos primeiros trabalhos de história cultural realizados no Brasil; chegando mesmo a ser descrito como uma precoce história das “mentalidades”.³⁴ A partir dele, os pesquisadores passaram a observar a presença de elementos das tradições clássica e medieval nos textos modernos, especialmente naqueles que foram produzidas na aurora da colonização. No que diz respeito às narrativas que tratam sobre a Amazônia, tal dimensão foi algumas vezes amplificada, visto que a floresta era tida como o cenário perfeito para excitar a imaginação dos primeiros viajantes, com sua natureza exuberante, capaz de esconder tesouros e quimeras.

Com o passar do tempo, alguns pesquisadores começaram a insinuar uma nova perspectiva para a leitura daqueles textos, algo que fica mais evidente nos estudos sobre Carvajal. Esse novo olhar não significou um rompimento completo com a percepção anterior, antes disso lhe foi complementar; tratava-se de considerar a contribuição dos povos indígenas para a elaboração das primeiras imagens sobre a região. Nesse sentido, em um pequeno artigo, Luiz Mott lançou uma hipótese polêmica. O antropólogo afirma que os comentadores da experiência de Orellana com as guerreiras amazonas ainda não tinham se dado conta da ocorrência de uma confusão etnohistórica. Gaspar de Carvajal, possivelmente, teria descrito como sendo as míticas mulheres guerreiras, ninguém menos que as “Virgens do Sol” do Império Inca, ou mesmo, as guerreiras lésbicas existentes em várias sociedades ameríndias.

As “Virgens do Sol”, conhecidas em língua *quíchua* como *acllacuna*, seriam mulheres escolhidas entre todas as habitantes do Império por sua beleza. Algumas eram destinadas ao concubinato do *Sapa Inka* ou dos dignitários do Estado, outras eram usadas nos sacrifícios humanos e as demais se tornavam sacerdotisas nos templos dedicados ao sol. A tradição oral

³⁴Cf. COSTA LIMA, Op.cit., p.45 e VAINFAS, Ronaldo. “História das Mentalidades e História Cultural”. In: Ciro Flamarion Cardoso & Ronaldo Vainfas (Org.). *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. pp. 159-160.

elaborada em torno destas últimas, *transmitida e modificada ao longo de gerações*³⁵, é apontada por Mott como sendo a origem da confusão sobre as amazonas. Comparando a narrativa obtida por Carvajal sobre os domínios dessas e a descrição dos templos em que viviam as *acillacanas*, chega à seguinte conclusão:

*Obviamente que a descrição da cultura material dessas aldeias não corresponde de forma alguma à ergologia das tribos da floresta amazônica, posto que desconheciam casas de pedra assoalhadas, metalurgia de ouro e prata, tecidos finos de lã de “ovelhas do Peru” (vicunhas, lhamas e alpacas). (...) tais elementos ergológicos pertencem claramente ao complexo cultural incaico e nunca às tribos coletoras-caçadoras amazônicas. As terras frias e altas, com pouca lenha, onde moravam as tais mulheres ilustres, os grandes e altíssimos morros e serros onde se situava a capital das belicosas coniupuiara evocam claramente a ecologia do altiplano andino em vez da paisagem plana e tropical da hiléia amazônica.*³⁶

A observação não dá conta do problema por completo, pois apesar de ser uma hipótese razoável para justificar o que o cronista “ouviu”, não seria suficiente para dar conta da experiência concreta relatada por Carvajal, quando os homens de Francisco Orellana combateram algumas amazonas. Mott lança mão de uma explicação complementar, remontando à tradição verificada em determinados grupos ameríndios, caracterizada pela *reversão do papel de gênero* (...), *podendo incluir travestismos* (...), *a adoção de papéis sócio-econômicos do sexo oposto, assim como, geralmente, conduta homoerótica*.³⁷ Mott sustenta que não é pequena a possibilidade de as mulheres observadas por Carvajal e Orellana serem enquadradas na categoria das *Çacoimbaeguiras*, termo usado pelos Tupinambás para designar índias lésbicas³⁸, em geral, envolvidas em ações masculinas, dentre as quais se encontra a guerra.

A partir do que foi dito acima, podemos resumir a “hipótese” apontada por Luiz Mott no título de seu artigo da seguinte forma: a existência das “Virgens do Sol” entre os Incas teria dado origem a uma tradição oral, difundida entre os povos da floresta, sobre a existência de uma sociedade rica em metais preciosos, liderada por uma “rainha”, vivendo em casas de pedras, constituída exclusivamente por mulheres. A descrição colhida por Francisco Orellana

³⁵ MOTT, Luiz. “As Amazonas: um mito e algumas hipóteses”. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *América em Tempo de Conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. p. 45.

³⁶ Idem.

³⁷ Id. p. 46.

³⁸ Id.

coincidiria com tal cenário, mas quando submetida aos ouvidos dos espanhóis, imediatamente a narrativa seria filtrada pelos códigos culturais europeus, passando a tomá-las como sendo as guerreiras Amazonas, conhecidas desde a Antiguidade Clássica. Finalmente, o suposto contato com as míticas mulheres guerreiras, teria sido, na verdade, um encontro com índias tupi-nambás que praticavam a “inversão sexual”. Tal seria a grande confusão etnohistórica.

A hipótese de Mott traz uma contribuição, propondo um tema para reflexão. A circulação e projeção de informações entre os Andes e o Vale amazônico não ocorria exclusivamente por intermédio dos castelhanos, como quando as casas do sol andinas eram identificadas nos relatos de Gaspar de Carvajal; davam-se também por intermédio dos indígenas que reproduziam imagens obtidas por meio de uma longa relação com os povos das terras altas.

Com o interesse de investigar a construção das identidades de gênero nas crônicas de conquista, Maria Izilda Santos de Matos também se debruçou sobre a lenda das Amazonas. Em sua pesquisa, utilizou tanto o texto do dominicano Gaspar de Carvajal, quanto o relato do jesuíta espanhol Cristóbal de Acuña, escrito em meados do século XVII. Seguindo os passos de Sérgio Buarque de Holanda, a historiadora faz uma rápida digressão com a finalidade de reconstruir as matrizes intelectuais do mito. Comenta as formulações de autores da antiguidade acerca das Amazonas (Homero, Heródoto, Hipócrates, Platão e Plutarco), demonstra a existência de mulheres guerreiras entre diferentes povos (eslavos, germânicos, celtas, hindus e africanos) e menciona o aparecimento delas em novelas de cavalaria medievais e do renascimento. Quando avança para a difusão do mito em terras americanas, Maria Izilda novamente demonstra sua afinidade com a obra de Sérgio Buarque:

*Para os cronistas do Novo Mundo, o discurso sobre algo que não se conhecia demandava uma comparação com algo já conhecido, como os relatos de antigos mitos da tradição greco-romana, já que a Renascença européia proporcionava a redescoberta do mundo antigo e de sua cosmovisão. Assim, a fauna e flora exuberantes, os lugares exóticos, a riqueza conquistada sem esforço, as monstruosidades corporais e as Amazonas povoavam o imaginário dos navegantes que ousavam enfrentar a aventura transoceânica.*³⁹

³⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. “Encontros, Desencontros e Recriações: Imagens Perdidas no Rio das Amazonas”. In: BRAIT, Beth & BASTOS, Neusa. (Org). *Imagens do Brasil: 500 anos*. São Paulo: EDUC, 2001. p. 255.

Ainda segundo Maria Izilda, o mito das Amazonas teria sido evocado por conta do completo estranhamento dos espanhóis, em face ao contato com índias guerreiras. A cultura ibérica pressupunha a inferioridade física e intelectual das mulheres, noção generalizada a partir da formação dos Estados nacionais, quando se estabeleceu uma nova ordem moral, interessada em normatizar a conduta feminina. Valores misóginos circulavam em cantigas, versos, tratados médicos e estudos teológicos. Por conta disso, as mulheres belicosas encontradas na floresta encarnavam a “desordem”, a inversão completa dos valores; sua absurda existência precisava ser traduzida em termos conhecidos, desse modo, foram vinculadas ao mito antigo.

Os saberes nativos também são considerados pela historiadora. Vários mitos indígenas apontavam a existência, em tempos imemoriais, de sociedades lideradas por mulheres. Esse seria o caso do mito de *Jurupari*, um herói que teria libertado os homens do governo feminino, injusto e impiedoso, ensinando que as mulheres não deveriam mais se envolver com essas questões. A conduta inadequada é identificada como o fator responsável pelo declínio do poder feminino. O contato com essa tradição, disseminada por meio da oralidade, teria provocado a interpenetração com a leitura europeia sobre as Amazonas, *o que chegou até nós foram os escritos dos conquistadores, onde as vozes se mesclam, o imaginário, os relatos e as experiências de uns e de outros se fundem num texto único*.⁴⁰

O breve estudo de Maria Izilda não objetiva entender a experiência de Francisco de Orellana, nem tampouco se ocupa em considerar o seu contexto histórico de arranjo e execução. A autora objetiva tomar a narrativa de Carvajal como uma fonte para entender um problema diferente, ou seja, um estudo de gênero a partir do imaginário dos conquistadores e colonizadores do Novo Mundo.

Um ponto comum entre os três autores citados reside na atenção exclusiva ao texto de Carvajal e, por conseguinte, aos eventos relacionados à descoberta do rio das Amazonas. Essa abordagem, em nossa compreensão, contribui para a preservação do caráter episódico das empresas castelhanas em relação ao vale amazônico.

Uma análise de conjunto das “Crônicas de conquista” do Vale amazônico aparece com o historiador Auxiliomar Silva Ugarte. Em “Margens Míticas”, um de seus primeiros artigos, examina cartas e *relaciones* quinhentistas, visando demonstrar *como esses documentos foram responsáveis pela inserção da Amazônia (...) no imaginário europeu*.⁴¹ Ugarte também recorre a um conjunto de textos que circulavam pelo Velho Mundo, avaliando o impacto das notí-

⁴⁰ Idem, p.260.

⁴¹ UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do séc. XVI”. In: Mary del Priore e Flávio dos Santos Gomes (Org.). *Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e Histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p.4.

cias oriundas da região, responsáveis por reações de surpresa e descrédito nos círculos intelectuais lusitanos, espanhóis e italianos. Quando aborda os viajantes, dentre os quais estão Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal e Francisco Vázquez, o historiador se interessa por reconhecer nas suas descrições da natureza e dos povos nativos, o filtro estabelecido pelos *conceitos, juízos, símbolos, mitos, e valores de sua própria civilização*.⁴²

No terceiro capítulo de sua tese de doutorado⁴³, defendida apenas um ano após a publicação do artigo comentado acima, Auxiliomar Ugarte analisa as representações da natureza amazônica elaboradas pelos cronistas quinhentistas. O historiador sustenta que ao descrever a fauna, a flora, o clima e os rios da região, os viajantes procuraram tornar seus relatos inteligíveis para os seus leitores, pois esses não dispunham dos parâmetros necessários para “visualizar” as novidades que estavam sendo apresentadas.⁴⁴ Nesse sentido, as minuciosas descrições do espaço natural, bem como o uso de aproximações, a partir de seu próprio vocabulário e daquilo que era familiar ao imaginário europeu, foram as principais estratégias adotadas para tornar cognoscível o espaço natural amazônico.

Segundo Ugarte, as impressões manifestas por aqueles escritores oscilavam entre descrever a natureza amazônica como paradisíaca ou como infernal.⁴⁵ Essas percepções seriam definidas por variáveis que estavam ligadas às expectativas criadas em torno de suas viagens, dos desdobramentos enfrentados em seu transcurso, de seu estado de espírito e dos resultados obtidos com elas. O historiador aponta que, com exceção de Diogo Nunes, interessado que estava em enaltecer a região com vistas a obter autorização para conquistá-la, todos os demais narradores apresentaram tal comportamento pendular. Sobre os dois outros viajantes estudados em nosso trabalho, Auxiliomar Ugarte considera:

Se Gaspar de Carvajal recordou de sua pátria por ter “visto” bosques e campos semelhantes aos de lá e ter sentido agradável o “clima” na Província de São João, não deixou de lamentar sobre as nuvens de mosquitos na Província de Apária, que não deixaram os espanhóis nem comer, nem trabalhar, nem dormir direito. Se Francisco Vázquez e Pedrarias de Alместo admiraram a imensidão do rio

⁴² Idem, Ibidem.

⁴³ UGARTE, A.S. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (Séculos XVI-XVII)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

⁴⁴ Idem, Ibidem, p.117.

⁴⁵ Id. Ibid. pp.238-239.

*Amazonas, não deixaram de ficar temerosos com possíveis enfermidades que os fariam morrer no imenso vale.*⁴⁶

A investigação sobre o “imaginário da conquista”, percebido a partir dos relatos dos expedicionários que percorreram os rios amazônicos durante o século XVI, esteve sempre condicionada, talvez com exceção do artigo de Luiz Mott, pela noção de que as tradições clássicas e medievais eram as grandes matrizes para a interpretação do Novo Mundo. Embora todos os autores aqui estudados considerem em alguma medida a importância da longa vivência daqueles homens na América, bem como seus contatos com os saberes nativos, pouco se aventuram em analisar a penetração dessas experiências nas estratégias e cosmovisão dos cronistas.

O trabalho de Auxiliomar Ugarte constitui uma importante referência para a escrita dessa dissertação, tendo em vista que, na esteira do que fez Antonio Porro no campo da etnohistória, esse historiador foi o precursor da leitura de conjunto sobre as imagens elaboradas pelos narradores quinhentistas e seiscentistas. Seu trabalho destoa do que estamos propondo, em função de seu interesse estar voltado apenas para o vale amazônico, não considerando as outras operações de alcance mais curto que também iremos analisar.

1.1.3 A História dos Povos da Várzea: os usos das narrativas pelos arqueólogos.

Boa parte da produção acadêmica que trataremos a seguir relaciona-se de algum modo com uma obra clássica, publicada entre os anos de 1940 e 1947: *O Handbook of South American Indians* (HSAI). Este trabalho consiste em um manual de referência para estudos etnográficos, editado pelo *Smithsonian Institution*, sob a batuta do antropólogo norte-americano Julian Steward.⁴⁷ Uma de suas contribuições mais influentes foi a elaboração de uma tipologia quadripartite que distribuía os indígenas da América do Sul, de acordo com seu nível de complexidade política e cultural nos seguintes grupos: Tribos marginais (bandos); Tribos de floresta tropical; Tribos Circuncaribenhas (cacicados) e Civilizações andinas (Estado).

De acordo com Robert Carneiro, a pouca evidência arqueológica disponível na época da organização do HSAI fez com que Steward e seus colaboradores lançassem mão de dados

⁴⁶ Id.Ibid. p. 239.

⁴⁷ O HSAI é dividido em sete volumes, distribuídos tematicamente da seguinte forma: 1) *The Marginal Tribes*. 2) *The Andean Civilizations*. 3) *The Tropical Forests Tribes*. 4) *The Circum-Caribbean Tribes*. 5) *The Comparative Ethnology of South Americans Indians*. 6) *Physical Anthropology, Linguistics and Cultural Geography of South American Indians*. 7. *Index*.

etnográficos e de certas noções de ecologia cultural para a elaboração de sua tipologia.⁴⁸ A sequência *bando – aldeia autônoma – cacicado – Estado* revela uma concepção claramente evolucionista, onde cada um desses grupos está situado em um “estágio evolutivo”, demarcado por sua demografia e por seu nível de organização política e religiosa. No topo desta cadeia encontramos as civilizações andinas, que serviriam de parâmetro para a definição do lugar dos demais com base na presença ou não dos elementos ali verificados, tais como: poder centralizado, sistema de tributos, estratificação social, agricultura intensiva e alta densidade demográfica.

Focando nossa atenção no terceiro volume do HSAI, onde estão concentrados os estudos sobre as “Tribos de Floresta Tropical”, verificamos logo no prefácio a súplica de Steward:

*Further field work in archeology, linguistics, and ethnology, all desperately needed in the area, and comparative studies of existing data should go far toward permitting a synthesis of these data in terms of ecological, historical, and configurational factors.*⁴⁹

No fragmento, podemos observar duas questões interessantes, o propósito de se elaborar uma síntese dos dados relativos à floresta tropical em termos de uma análise ampla de seus padrões culturais e as fontes de conhecimento que deveriam ser privilegiadas para atender esse propósito: arqueologia, linguística e etnologia, não havendo qualquer menção às fontes etnohistóricas. Portanto, a elaboração inicial do conceito de Cultura de Floresta Tropical aparece como um esforço preliminar, uma primeira tentativa de sistematização, fundamentada na premissa de que seria possível pensar os povos amazônicos segundo uma visão totalizante, não fazendo grandes distinções no espaço ou no tempo.

Coube ao antropólogo Robert Lowie a tarefa de escrever a introdução do volume sobre as “Tribos de Floresta Tropical”, onde deveria apresentar uma síntese do padrão cultural verificado entre aqueles povos. Lowie apresenta os indígenas amazônicos como inferiores às civilizações andinas, por estarem desprovidos da arquitetura monumental e de refinamentos metalúrgicos, mas superando, por exemplo, os botocudos, cuja economia estaria fundamentada na caça e coleta. Os povos da floresta, conforme se vê no avançar de seu pensamento, conseguiram atingir certo padrão de assentamento, vivendo em aldeias mais ou menos fixas, ainda que

⁴⁸ Cf. CARNEIRO, Robert. *A Base Ecológica dos Cacicados Amazônicos*. Revista de Arqueologia, 20, 2007. p.119.

⁴⁹ STEWARD, Julian (Ed.). *Handbook of South American Indians – v.3 The Tropical Forest Tribes*. Washington DC: United States Government Printing Office, 1948. p.XXI.

dispersas ao longo do território. Sua maior propensão ao sedentarismo, quando comparados às tribos marginais do Brasil central, devia-se à agricultura de coivara e à exploração dos recursos aquáticos.⁵⁰

A importância dos rios para os povos da floresta também foi sublinhada por Julian Steward, em seu artigo de encerramento para o volume. É interessante notar como neste texto, Steward já reconhece um nível mais aprimorado de organização para os habitantes de regiões próximas aos grandes cursos d'água, em comparação com aqueles que viveriam no interflúvio.⁵¹ Entretanto, como já observou Carneiro, o autor não chega a considerar a possibilidade de esses povos terem alcançado o nível seguinte de sua tipologia, ou seja, o dos *cacicados*.⁵² Nas áreas onde esta organização existiu, teria se dado por um processo de difusão, a partir da migração de povos sub-andinos que, não suportando as inúmeras restrições ecológicas da floresta, regrediram para o nível de “cultura de floresta tropical”.

Creio ser importante tratar brevemente das características de uma organização do tipo *cacicado*. Conforme já foi apontado por Carneiro, Julian Steward ainda não havia usado essa palavra na organização do HSAI, na verdade o termo que utilizou seria *tribos circumcaribenhas*.⁵³ Segundo o próprio Steward narra, seu propósito original era incluir as sociedades indígenas da Venezuela, do norte do rio Orinoco e da porção norte da Colômbia entre as *Tribos de Floresta Tropical*, no entanto, acabou optando por reservar um volume separado para esses povos, por ter notado a existência de diferenças sensíveis entre o modo de organização daquelas duas áreas.⁵⁴

As *tribos circumcaribenhas* estariam em um nível de organização mais elevado do que aquele em que se encontravam as *Tribos de Floresta Tropical*. Viveriam em aldeias bem mais numerosas, onde várias unidades menores estariam orbitando na zona de influência de um grande chefe principal. Haveria também um bom nível de especialização profissional, permitindo o aparecimento de uma cerâmica e de um artesanato mais elaborado, em contraste com a divisão sexual do trabalho observada na Amazônia. A vida religiosa apresentaria também um

⁵⁰ Cf. LOWIE, Robert. “The Tropical Forests: An Introduction”. In: Julian Steward (Editor). *Handbook of South American Indians* – v.3 *The Tropical Forest Tribes*. Washington DC: United States Government Printing Office, 1948.p.1-56.

⁵¹ Cf. STEWARD, Julian. “Culture Areas of the Tropical Forests”. In: Julian Steward (Editor). *Handbook of South American Indians* – v.3 *The Tropical Forest Tribes*. Washington DC: United States Government Printing Office, 1948. p.883-899.

⁵² Cf. CARNEIRO, A *Base Ecológica dos...*, p.119.

⁵³ Idem. p.118.

⁵⁴ Cf. STEWARD, Julian. “Preface”. In: In: Julian Steward (Editor). *Handbook of South American Indians* – v.3 *The Tropical Forest Tribes*. Washington DC: United States Government Printing Office, 1948. p. XXI.

padrão mais complexo, onde já se verificava a presença de elementos como templo, sacerdotes e ídolos.

De acordo com André Prous, em 1950 o casal de arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans teria sido enviado por Julian Steward para a foz do rio Amazonas, onde deveriam realizar um trabalho de campo com o objetivo de colocar à prova suas ideias acerca do processo de difusão. Ainda segundo Prous, *a partir dessa data, a arqueologia amazônica no Brasil será dominada pela personalidade e as teorias do casal*.⁵⁵ Em artigo publicado em 1954, Meggers tratou da importância da interação entre meio ambiente e desenvolvimento cultural, sustentando que no caso amazônico, a paisagem portentosa da floresta representa uma ilusão, conduzindo à falsa impressão de fertilidade, pois seu solo seria, na verdade, extremamente pobre, impossibilitando o aparecimento de populações densas e sociedades culturalmente complexas.⁵⁶

A relação entre densidade demográfica e complexidade sociopolítica e cultural foi bem apresentada pelo antropólogo Carlos Fausto. Analisando o HSAI, Fausto explica que cada um dos quatro níveis de organização propostos estaria associado a certo limite demográfico, e que o crescimento populacional demandaria novos mecanismos de organização, para uma melhor produção e distribuição dos recursos, resultando na progressiva diferenciação e estratificação social.⁵⁷ O pensamento de Meggers encaixa-se com essa ideia, pois sustenta que o potencial agrícola de um dado ambiente é o fator determinante para que ocorra o adensamento populacional da região. Neste sentido, a pobreza do solo amazônico seria uma barreira para o incremento populacional, que por não ocorrer tornaria impossível a ascensão de seus povos a um nível de *cacicados*.

Se o ambiente da floresta tropical restringia o adensamento populacional e, por conseguinte, impossibilitava o aparecimento de sociedades complexas, esta ideia parecia conflitante com a verificação de alguns registros que costumavam ser associados ao nível dos *cacicados*. O exemplo mais representativo desta questão seria a cerâmica marajoara, cuja confecção aparentemente demandava certo nível de especialização profissional não condizente com a *cultura de floresta tropical*, tornando-se um possível furo na teoria de Betty Meggers. Para dar conta do problema, a autora argumentou em favor da hipótese de difusão cultural, cujo ponto de origem seria naturalmente a região andina, única área onde, segundo sua compreensão,

⁵⁵ Cf. PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília DF: Editora da Universidade Nacional de Brasília, 1992. p.428.

⁵⁶ Cf. MEGGERS, Betty J. *Environmental Limitation on the Development of Culture*. *American Anthropologist*, New Series, v.56, nº5, Part 1 (Oct., 1954), 801-824.

⁵⁷ Cf. FAUSTO, Carlos. *Os Índios Antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p.15-16.

uma cultura deste nível poderia ter se originado. Mais do que isso, sua ocorrência e posterior desaparecimento no registro arqueológico era a confirmação de que a floresta não apenas restringe o aparecimento de sociedades complexas, mas também é responsável pela degeneração das mesmas.

Do mesmo modo que ocorrera no HSAI, os primeiros trabalhos de Meggers apontavam para certa continuidade entre o modo de vida dos indígenas pré-conquista e aqueles que estavam sendo investigados pelos antropólogos no século XX. Segundo Juliana Sales Machado, a geração de arqueólogos encabeçada por Meggers e Evans recusou-se a usar as fontes históricas, dentre as quais identificamos as narrativas quinhentistas, por considerarem que estas não são confiáveis, privilegiando deste modo as fontes etnográficas, com as quais traçavam paralelos genéricos entre os “índios da Amazônia” do presente e do passado pré-colonial.⁵⁸ No que concerne à credibilidade dos relatos quinhentistas, Meggers afirmou o seguinte:

*o padrão cultural indígena foi completamente destruído nos 150 anos que se seguiram à sua descoberta, deixando apenas narrações fragmentadas e impregnadas de parcialidade dos observadores que forneceram os detalhes do caráter anterior dessas culturas. (...) os dados fornecidos são geralmente vagos e inconsistentes (...). Além do mais, a exatidão das informações específicas deve ser avaliada tendo-se em vista o fato de que, pelo que sabemos, poucos foram os observadores que tomaram notas durante suas viagens, que as impressões eram geralmente confiadas à memória sob a tensão das batalhas e que a tentação de enfeitar ou exagerar, para a glorificação pessoal, pode ter sido bastante forte.*⁵⁹

Em um sentido amplo, acreditamos que as considerações de Meggers neste trecho são pertinentes, uma vez que aprendemos que um pesquisador das humanidades deve sempre exercer a crítica de suas fontes. Por outro lado, a “parcialidade” com a qual os narradores descrevem os povos com os quais mantiveram contato é um questionamento que, apesar de válido, não deve ser encarado como uma justificativa para descartar o relato. Em um artigo clássico, Jacques Le Goff afirmou que o historiador não deve fazer o papel de ingênuo perante sua

⁵⁸ Cf. MACHADO, Juliana Salles. *Arqueologia e História nas Construções de Continuidade na Amazônia*. Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Belém, v.4, n°1, p.57-70. Jan.-Abr, 2009.

⁵⁹ MEGGERS, Betty J. *Amazônia: A ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p.153-154.

fonte, pois segundo ele *qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro (...) e falso*.⁶⁰ Cabe ao pesquisador considerar que este é produto de seu tempo, esforçando-se para identificar seu contexto, os interesses que o levaram a ser produzido e seu público receptor, de outro modo, é preciso questioná-lo e entender suas motivações para que possa ser usado com algum nível de segurança.

O comentário de Meggers sobre a prática pouco recorrente dos narradores “tomarem notas” no curso de sua observação talvez não se enquadre ao caso do nosso Gaspar de Carvajal. Um dos mais importantes estudiosos do relato em terras brasileiras, o etnohistoriador Antônio Porro, considera a hipótese de que o dominicano conservasse consigo um diário ao longo da descida do Rio Amazonas, que teria lhe servido de base para a confecção de sua *relación*.⁶¹ Esta possibilidade nos parece factível, uma vez que é possível notar uma série de marcadores temporais na narrativa de Carvajal, ora representados pelo indicativo do santo padroeiro daquele dia, ora pela data.

A crítica ao determinismo ambiental, presente tanto nos trabalhos de Julian Steward quanto nos de Betty Meggers e Clifford Evans começou a ser elaborada na virada dos anos 60 para os 70. No livro “O Alto Amazonas”, o arqueólogo norte-americano Donald W. Lathrap questiona o contraste entre as regiões circumcaribenhas e da floresta tropical. Para este pesquisador, o surgimento de sociedades complexas na Amazônia não dependia de um processo intrusivo ou de difusão cultural, pois a região da várzea possuía recursos naturais suficientemente abundantes para suportar o aparecimento de sociedades do tipo *cacicado*.⁶²

Essa inflexão em relação ao potencial da várzea amazônica promove uma primeira condição para a reabilitação dos relatos quinhentistas. Muito embora tenham ocorrido pequenas incursões terra à dentro por parte dos participantes das entradas, a maior parte do cenário descrito por estes diz respeito aos grupos indígenas que habitavam as margens dos rios, portanto, tais informações viriam ao encontro da necessidade de se avaliar o tipo de organização daqueles indígenas. Embora Lathrap não se aventure muito pelas narrativas, tece um comentário que prenuncia uma leitura diferente acerca dos textos dos viajantes:

(...) os relatos dos primeiros exploradores da bacia do Amazonas, que se referiram de forma verossímil a densas populações, unidades políticas vastas, chefes

⁶⁰ LE GOFF, Jaques. “Documento/Monumento”. In: *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p.538.

⁶¹ Cf. PORRO, As *Crônicas do Rio Amazonas: Notas Etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1992. p.37.

⁶² Cf. LATHRAP, Donald W. *O Alto Amazonas*. Lisboa: Editorial Verbo, 1975. p.49.

*ou reis poderosos, sacerdotes, templos e ídolos ao longo do curso principal do Amazonas, desde a nascente perto de Nauta, até a foz.*⁶³

Contemporâneo de Donald Lathrap, o antropólogo Robert Carneiro também criticou abertamente o determinismo ecológico. Tendo feito pesquisa de campo entre os *Kuikuru*, no alto Xingu, Carneiro observara que naquela região, mesmo com uma técnica agrícola rudimentar como a coivara, era possível produzir excedentes de alimentos em uma escala até mesmo superior a dos Andes. O antropólogo então argumentou que no processo de formação do Estado nesta última região teria atuado um fato, ausente na região amazônica, que nomeou como “circunscrição ambiental”. A disputa entre populações por um espaço reduzido teria ocasionado conflitos de grande magnitude, cuja pressão resultaria na necessidade do aparecimento do Estado.⁶⁴

Em 1970, no mesmo ano da publicação de Lathrap, Carneiro apresentava *A Theory of the Origin of State*, onde avança nas ideias apresentadas anteriormente. Encorpendo a tese de que era possível o surgimento independente de *cacicados* na Amazônia, advoga que a concentração de recursos naturais nas regiões de várzea teria gerado ali também uma área de circunscrição ambiental. Os agricultores nativos estariam em constante disputa pelo domínio dessas áreas, provocando guerras pelo acesso ao rio, onde alguns grupos terminavam por submeter outros, resultando na emergência de grandes chefes indígenas, cuja autoridade era reconhecida em várias aldeias periféricas à sua.⁶⁵

Robert Carneiro, tal qual Lathrap, apontou para a validade de utilização dos relatos quinhentistas como forma de refletir sobre a ocupação da várzea amazônica, indo além deste, ao valer-se de fragmentos das narrativas para dar suporte às suas próprias posições:

As fontes etno-históricas sugerem que a circunscrição social esteve realmente operando aqui, mesmo antes de 1542. Para começar elas falam de assentamentos muito próximos uns dos outros ao longo do Amazonas. Em um trecho do rio de 240 milhas de comprimento, por exemplo, Carvajal relata que não havia mais do que um tiro de balestra entre as aldeias. E para o interior, longe do rio, o quadro não era diferente. Então, não havendo a escolha de habitar a frente do rio, o inte-

⁶³ Idem.

⁶⁴ Cf. CARNEIRO, *A Base dos Cacicados Amazônicos*, p.122.

⁶⁵ Idem, p.123-124.

*rior era também habitado. E esses habitantes do interior vinham todo o dia para o rio deslocar aqueles que estavam assentados lá.*⁶⁶

O panorama em relação às fontes etnohistóricas é realmente outro a partir dos anos 70. Até mesmo Betty Meggers, em *Amazônia: A ilusão de um paraíso*, ainda que cheia de ressalvas, também irá admitir a validade do uso das narrativas quinhentistas como um suporte válido para as pesquisas arqueológicas:

*Apesar das deficiências, entretanto as primeiras crônicas atestam com clareza que a densidade demográfica e o nível de desenvolvimento cultural eram bem maiores na várzea do que na terra firme, ao tempo do primeiro contato com os europeus. Os Omagua do alto médio Amazonas e os Tapajós, da foz do rio do mesmo nome, são mencionados com bastante frequência em diversos relatos, de modo a se poder ter uma descrição geral dessas culturas.*⁶⁷

Como se não bastasse esse comentário, a maior parte das informações apresentadas no capítulo *Adaptação Indígena à Várzea* está fundamentada nas narrativas de viajantes quinhentistas e seiscentistas. Em larga medida, esta postura pode ser explicada a partir de uma ligeira mudança nas próprias concepções de Meggers acerca da história dos povos amazônicos anteriores à conquista. Essa inflexão foi percebida por Robert Carneiro que destacou três modificações fundamentais: Consciência da existência de cacicados ao longo do Amazonas; aceitação de que os cacicados não fossem necessariamente intrusivos; reconhecimento da diferença entre várzea e terra firme.⁶⁸

O maior esforço crítico empreendido contra o trabalho de Betty Meggers talvez tenha sido o que foi feito, a partir dos anos 80, pela arqueóloga norte-americana Anna C. Roosevelt. A autora retoma pontos de crítica que já tinham sido feitos por autores como Robert Carneiro e Donald Lathrap, relativos ao caráter intrusivo das realizações culturais amazônicas e acentua o questionamento em torno da “projeção etnográfica”, segundo a qual os indígenas contemporâneos apresentariam um modo de vida semelhante ao dos que povoaram a Amazônia no período anterior à conquista europeia. Roosevelt chega a ultrapassar os limites da crítica acadêmica, levantando acusações sobre a ligação de certos pesquisadores com o Departamento de

⁶⁶ Id. p.127.

⁶⁷ MEGGERS, *Amazônia: A ilusão de um paraíso*, p.154.

⁶⁸ Cf. CARNEIRO, *A Base Ecológica dos Cacicados*, p.124.

Estado norte-americano, pois em um contexto de guerra fria, *os conceitos neo-colonialistas de apropriação, de dependência do terceiro mundo (...) podem ter sido mais importantes que as evidências empíricas*⁶⁹ na elaboração da teoria.

Roosevelt considera que os avanços metodológicos da arqueologia, somados com a atuação de profissionais oriundos de instituições norte-americanas independentes e com o fortalecimento dos trabalhos realizados por pesquisadores brasileiros torna possível uma libertação dos postulados do determinismo ecológico. Os novos dados coletados nas escavações confirmariam a existência de sociedades densamente povoadas e com um nível de organização bem mais complexo do que fora pensado antes, para as chamadas *Culturas de Floresta Tropical*. O impacto da colonização teria provocado um grande despovoamento das áreas de várzea, seja devido à morte, ou à migração para as áreas de interflúvio. Dessa maneira, a utilização de dados etnográficos para a descrição dos povos antigos seria na verdade um grande equívoco de interpretação.

Por outro lado, se os dados etnográficos aparecem como enganosos segundo a perspectiva de Roosevelt, o mesmo já não acontece com as fontes etno-históricas:

*A influência da teoria sobre os etnólogos cegou-os quanto às diferenças significativas existentes entre os povos etnográficos e os pré-históricos, documentadas tanto pelas evidências arqueológicas, quanto pela literatura sobre a conquista européia. (...) como os arqueólogos moldaram o quadro pré-histórico com base, principalmente, nas expectativas da teoria e modelaram os modos de vida pré-históricos, em grande parte, com base nas populações indígenas amazônicas vivas, os registros empíricos arqueológicos e etnohistóricos foram desconsiderados.*⁷⁰

O interesse cada vez mais acentuado pelas fontes narrativas produzidas pelos viajantes das primeiras horas da conquista não foi determinado por seu estudo sistemático ou pelo surgimento de novos documentos da mesma natureza. O interesse em encontrar referências que deem conta de um padrão de ocupação populacional mais densa, organização mais centralizada de poder, especialização profissional, vida religiosa partilhando de elementos como sacerdotes, templos e ídolos fez com que as mesmas narrativas que haviam sido praticamente des-

⁶⁹ ROOSEVELT, Anna. "Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia". In: Walter Alves Neves (Org.). *Origens, Adaptações e Diversidade Biológica do Homem Nativo da Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1990. p.103-135.

⁷⁰ Idem. p.105.

cartadas anteriormente, passassem a servir aos propósitos desta nova etapa da produção do conhecimento.

O uso das narrativas quinhentistas como fonte para pesquisas históricas e arqueológicas é precioso, mas necessita ser feito com extrema cautela. Conhecer a fundo o contexto de produção, a tipologia das narrativas, os interesses subjacentes ao processo de organização das entradas, bem como da feitura de seus relatos são questões essenciais para que o pesquisador possa fazer uma leitura crítica e não incorra em um tratamento ingênuo desses documentos. Carlos Fausto assinalou bem alguns dos obstáculos percebidos no campo das narrativas quinhentistas:

*Os textos são desiguais, resultam de experiências diversas e foram escritos em épocas distintas. (...) Outro problema é separar o joio do trigo, pois há passagens claramente fantasiosas, como as referências ao reino das Amazonas ou ao Eldorado de riquezas infinitas. Apesar disso, em seu conjunto, as crônicas oferecem informações interessantes sobre os povos da várzea nos séculos XVI e XVII.*⁷¹

Conforme sabemos, muitas das “passagens fantasiosas” referidas por Fausto foram interpretadas por nossa historiografia como uma projeção sobre a floresta de imagens oriundas do estoque intelectual ibérico, alimentado tanto por sua tradição medieval quanto pelo humanismo.⁷² cremos que também seja preciso reconhecer diversas passagens onde é possível constatar uma forte influência do mundo andino, em descrições sobre a paisagem, o clima, a cultura material, os animais e a cosmogonia. Some-se a esses problemas a escassez de textos contemporâneos que nos permitam confrontar as informações obtidas nesses documentos, procedimento indispensável para o estudo crítico das fontes.

1.1.4 As Narrativas como Objeto de Pesquisa:

Na última década, alguns pesquisadores adotaram uma perspectiva de análise diferente das que vimos até o momento. Essa orientação é a que mais se aproxima das nossas intenções com o desenvolvimento dessa dissertação. Os relatos em si passam a ser vistos como objeto de investigação e não mais como mera fonte de informações, destinada a outros interesses. Es-

⁷¹ FAUSTO, *Os Índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro, p.42-43.

⁷² Vide por exemplo: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ses trabalhos são provenientes, principalmente, de cursos de pós-graduação e de projetos de pesquisa, vinculados tanto à seara dos historiadores, quanto à dos estudos literários. Importa a esses pesquisadores investigar tipologias dos documentos, estratégias narrativas, diálogos intertextuais, referências à tradição clássica e medieval, dentre outras questões. Tais procedimentos são de grande importância para esclarecer a intencionalidade do documento e a construção de seu discurso interno, informações que irão servir inclusive para uma melhor utilização dos mesmos por aqueles que se valem deles como fontes.

Elsa Otilia Heufemann-Barría defendeu em 2000 a tese intitulada *Raíces Medievales de las Crónicas Coloniales Españolas*.⁷³ A autora estudou as *relaciones* escritas por Gaspar de Carvajal e Francisco Vásquez, com a pretensão de demonstrar a presença do maravilhoso nos motivos literários e episódios por eles registrados. Mais do que isso, sustenta que os narradores foram responsáveis por uma *ficcionalización de la realidad amazônica, utilizando la tradición medieval española*.⁷⁴ Heufemann-Barría detalhou essa “tradição” a partir da análise de alguns traços da literatura castelhana, salientando que naquele período a mescla de elementos reais e fictícios era uma prática recorrente. A partir disso, estuda a disseminação dessa literatura no Novo Mundo, no que diz respeito a sua circulação e leitura.

O século XVI é avaliado como uma época em que ocorreu grande popularização da leitura, particularmente devido à difusão do invento de Gutemberg. O hábito corrente de leitura em voz alta é visto como um fator que amplia, sobremaneira, o alcance daquelas histórias. Na Espanha e no Novo mundo, as novelas de cavalaria teriam constituído um gênero bastante apreciado, pois de acordo com a documentação explorada durante a sua pesquisa, seriam estes os livros mais solicitados pelos livreiros da América hispânica. Mesmo que os conquistadores da expedição de Orellana não tivessem lido a literatura clássica, certamente eram conhecedores dos detalhes da lenda das Amazonas, tendo em vista a popularidade desses romances. Segundo Heuffemann-Barría:

*Probablemente después de lecturas como éstas, los conquistadores se sintieron estimulados a seguir el rastro de las Amazonas, que se sumó a la influencia recibida de la tradición occidental del mito griego y al poder que esta leyenda ejercía en el imaginario de cada uno.*⁷⁵

⁷³ HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces medievales de las crónicas coloniales españolas: las Relaciones del río Amazonas*. Tese de Doutorado em Letras apresentada na Universidade de São Paulo. 2000.

⁷⁴ Idem, p.18.

⁷⁵ Id, p.167.

Oriunda dos estudos literários, essa pesquisadora está mais interessada em discutir o texto do que o processo histórico, como não é de se estranhar. O esforço em estudar as matrizes culturais dos narradores é interessante, porém suas conclusões permanecem restritas ao universo cultural ibérico, como deixa claro desde o título de sua tese. Não pretendemos negar a influência das tradições gregas ou medievais, contudo, como já demonstrou Sérgio Buarque, elas não são as únicas. É preciso um esforço para entender o diálogo com os indígenas, buscando identificar quais traços de sua própria cultura foram assimilados pelos conquistadores, para só assim esboçar as raízes intelectuais dessas narrativas.

Em 2006, a historiadora Juliana de Castro Pedro apresentou a dissertação *Embates pela Memória: Narrativas de Descoberta nos Escritos Coloniais na Amazônia Ibérica*.⁷⁶ Embora o recorte temporal de seu trabalho compreenda preferencialmente os escritos do século XVII, a autora analisa os relatos quinhentistas no primeiro capítulo e contribui com algumas reflexões teóricas para o trato com esse tipo de documento. Castro Pedro sustenta que as narrativas de conquista estiveram sempre caracterizadas pela presença de três elementos descritivos: a geografia do território descoberto, os povos que o habitavam e os episódios que marcaram seu descobrimento. A historiadora propõe ainda um quarto elemento, constituindo verdadeiramente o argumento central de seu trabalho, a ideia de que os relatos seriam responsáveis por estabelecer uma “memória do descobrimento”, a ser utilizada como legitimadora dos projetos castelhanos ou lusitanos para a região.

Ao tratar das expedições de Alonso de Mercadillo, Francisco de Orellana e Pedro de Ursúa/Lope de Aguirre, Juliana de Castro Pedro se mostra interessada no processo de difusão dessas experiências, em sua capacidade de despertar a atenção das Coroas ibéricas, e mesmo de outros reinos, sobre a região. A Amazônia se torna famosa não apenas pelas eventuais riquezas camufladas pelas copas de suas árvores, mas também pela posição estratégica que seu grande rio passa a assumir. Os relatos funcionariam, de acordo com sua avaliação, como testemunhos de um “primeiro descobrimento”, uma legitimação dos direitos hispânicos sobre aquelas terras, tão próximas de seus domínios no Peru.

Entre 2005 e 2009, foi desenvolvido na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), um projeto sob o título *Cartografias da Floresta: As crônicas coloniais e o espaço amazônico*, coordenado pela historiadora Maria Cristina Bohn Martins. A pesquisa teve por objetivo analisar um conjunto de narrativas relativas à Amazônia, produzidas entre os séculos XVI e XVIII, com vistas a compreender *a inserção do espaço amazônico e de suas popula-*

⁷⁶ Cf. PEDRO, *Embates pela Memória*.

*ções no universo cognitivo europeu, (...) analisar o conjunto das representações elaboradas neste corpus e avaliar possíveis práticas de intertextualidade.*⁷⁷

A classificação proposta por Walter Mignolo, que analisaremos a seguir, funciona como um aporte teórico para os trabalhos escritos a partir do projeto de Maria Cristina Bohn Martins⁷⁸. No tratamento conferido às *relaciones* do século XVI, a autora busca compreender como a escolha deste tipo discursivo é capaz de incidir sobre seu conteúdo. Carvajal, por exemplo, teria escrito nesse formato, com vistas a levar até o rei uma defesa contra as acusações de traidor que pesavam sobre seu capitão. Além disso, a autora considera que as narrativas eram capazes de realimentar o interesse dos espanhóis pela floresta, pois a repercussão da viagem de Orellana estaria entre os fatores que estimularam a organização posterior da Jornada de Omágua e Dorado.

O tratamento das cartas e *relaciones* enquanto objetos de pesquisa, e não unicamente enquanto fontes, pode render vários proveitos, inclusive para o próprio conhecimento da Amazônia do século XVI. Esses documentos, conforme exposto ao longo desse item, já passaram pelos olhos, penas, canetas e teclados de inúmeros pesquisadores desde o século XIX, contudo, ainda que algumas questões pareçam completamente consolidadas, não é possível considerar que sua leitura esteja perto de atingir um consenso, ainda que momentâneo. As considerações mais conhecidas no campo da metodologia da história sempre apontam a necessidade de conhecer as fontes, para melhor criticá-las e interrogá-las, de modo que, uma vez que as narrativas não são informações dadas, mas construídas em torno de um processo histórico, importa, cada vez mais, conhecê-las em seu processo de elaboração, circulação e absorção.

1.2 A FRONTEIRA ORIENTAL NAS FONTES NARRATIVAS

Por um longo tempo, boa parte desses relatos permaneceu inacessível, ou até mesmo ignorada pelo grande público. A justificativa para isso reside, primeiramente, no fato de que os testemunhos dos participantes de *entradas* eram destinados à leitura dos funcionários do Conselho de Índias e, claro, ao monarca e seu círculo de confiança. Sua redação, portanto, não deveria em princípio servir à publicação. Pesava o fato de que esses manuscritos eram docu-

⁷⁷ MARTINS, Maria Cristina Bohn. “Cartografias da Floresta: a Amazônia nas crônicas coloniais”. *Notas de Pesquisa*. História Unisinos, v. 11, 2007. p.282.

⁷⁸ Cf. MARTINS, Maria Cristina Bohn. “Descobrir e Redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As Relaciones de Carvajal (1542), Alonso de Rojas SJ (1639) e Christóbal de Acuña SJ (1641)”. *Revista de História (USP)*, v. 156, 2007. pp. 31-57.

mentos de Estado; seu conteúdo revelava informações estratégicas a respeito da localização, acesso e potencial de exploração dos domínios hispânicos no Novo Mundo.

Mesmo as Crônicas e Histórias Universais, cujo propósito original voltava-se para a divulgação dos feitos castelhanos na América, muitas vezes, não obtiveram autorização para serem publicadas. Os inúmeros confrontos envolvendo conquistadores e indígenas, sobre os quais os narradores gastaram tinta em demasia, poderiam servir de fundamento para os críticos do modelo de conquista espanhol. De acordo com Jorge Luiz Ferreira, o Conselho de Índias e a própria Inquisição espanhola atuaram como censores desses relatos, temerosos de que os mesmos contribuíssem para alimentar a *Leyenda Negra* da conquista espanhola.⁷⁹

O aparecimento das primeiras versões impressas só ocorre a partir do século XIX, graças ao empenho de uma série de pesquisadores que, vasculhando em diferentes arquivos, bibliotecas e coleções particulares, encontraram e transcreveram suas versões manuscritas. Conforme já antecipamos, o historiador brasileiro Francisco Adolpho de Varnhagen, por exemplo, descobriu a “Carta de Diogo Nunes”, referente a um destacamento ocorrido em 1538. De forma similar, a “Relación do Fr. Gaspar de Carvajal” tornou-se conhecida, em seu texto integral, somente a partir de 1894, em meio a uma coletânea de documentos associados à expedição de Francisco de Orellana, publicada sob os cuidados do chileno José Toríbio de Medina.⁸⁰

O cenário oitocentista foi, na verdade, bastante fecundo no que tange a descoberta de documentos relativos ao descobrimento e à conquista do Novo Mundo. A revelação de narrativas guardadas em meio a montanhas de papéis empoeirados foi muito favorecida pelo ambiente intelectual e pelo contexto político do século XIX. A construção dos Estados-Nação americanos, possibilitada pela recente emancipação desses povos do jugo de suas antigas metrópoles, criou uma agenda destinada ao forjamento de suas identidades nacionais, e como parte importante dessa pauta, a elaboração de uma memória pátria.⁸¹ Ao encontro desse projeto, havia toda uma geração de historiadores interessada pela busca quase obsessiva de novos filões documentais. A convergência desses interesses favoreceu o levantamento de relatos que, não sem uma dose de anacronismo, passariam a ser tratados como textos inaugurais das nações.

⁷⁹ Cf. FERREIRA, Jorge Luiz. “Dilemas de um Conquistador: Pedro Cieza de León e a conquista do império dos incas”. In: Ronaldo Vainfas (Org.). *América em Tempos de Conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.120.

⁸⁰ Gaspar de Carvajal. “Descubrimiento del Río de Orellana”. In: José Toríbio Medina (Org.). *Descubrimiento del río de las Amazonas según la relación hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal con otros documentos referentes a Francisco de Orellana y sus compañeros*. Sevilla: Imprenta de E.Rasco, 1894. p.3-84. (Doravante citado como Relación de Carvajal).

⁸¹ Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

As narrativas em questão são normalmente apresentadas como “Crônicas”, ou em um formato mais específico, “Crônicas de Índias” ou “Crônicas americanas”. José Ribamar de Bessa Freire define textos dessa natureza da seguinte maneira: *gênero literário situado entre a história, os relatos de viagem e a etnografia*.⁸² É preciso considerar, no entanto, que esses textos apresentam algumas diferenças notórias quando comparados, particularmente no que concerne sua estrutura e seu público receptor. A utilização indiscriminada da palavra “crônica” é, portanto, uma generalização, mesmo que algumas vezes possa ser resultado de uma opção metodológica, a escolha de um “termo guia”, como quer Auxiliomar Ugarte.⁸³ Em certas ocasiões, de acordo com Eduardo Natalino dos Santos, seu uso *pode apresentar algumas vantagens analíticas, como a compreensão da circulação e da transformação de certas informações (...) entre esses distintos tipos de texto*.⁸⁴

Neste trabalho, porém, não faremos a escolha pelo conceito expandido, pois nos parece útil procurar adequar cada fonte ao seu *tipo discursivo*⁸⁵ preciso. Almejamos com isso construir ferramentas analíticas que auxiliem na identificação de uma das questões anteriormente anunciadas: o espaço de circulação desses textos, ou seja, o público a quem sua feitura estava destinada. A estratégia ajudará a identificar alguns dos interesses associados à redação dessas narrativas, colaborando para o reconhecimento do que pode ser classificado como simples retórica, ou quais as estratégias de argumentação utilizadas quando, por exemplo, o destinatário do texto é o monarca e seu círculo de confiança.

O semiótico argentino Walter Mignolo é um dos críticos do uso expandido da ideia de “crônica”. Contestando a classificação tradicional da prosa colonial hispano americana por períodos, agrupadas sob o termo geral, Mignolo lança a proposta da distribuição desses documentos segundo o seu *tipo discursivo*, organizados em três categorias fundamentais: cartas, *relaciones* e crônicas.⁸⁶ Ugarte alerta para a pouca abrangência do esforço classificatório do teórico argentino, apontando a existência de uma variedade de relatos que não se coadunam perfeitamente nessa tipologia tripartite.⁸⁷ Em que pese a validade dessa última crítica, a variá-

⁸² FREIRE, José Ribamar Bessa. “A Canoa do Tempo: Tradição oral e memória indígena”. Em: Jaime Salomão (Dir.). *América: descoberta ou invenção*. 4º Colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.142.

⁸³ Cf. UGARTE, *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (Séculos XVI-XVII)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004. p.27.

⁸⁴ SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Construir a História dos Povos Ameríndios com as Fontes Coloniais de Matriz Europeia”. In: Leandro Karnal et ali (Org.). *Cronistas do Caribe* – Coleção Idéias, 12.1 ed. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012, p.22.

⁸⁵ Cf. MIGNOLO, Walter. “Cartas, Crônicas y Relaciones del descubrimiento y la Conquista”. In: Luis Iñigo Madrigal (Coord.). *Historia de la Literatura Hispanoamericana. (Época Colonial)*. Madrid: Cátedra, 2008.

⁸⁶ Idem. p.57.

⁸⁷ Cf. UGARTE, *O Mundo Natural* ...p.23.

vel discursiva constitui um elemento importante a se considerar, ainda que não possa ser o único; se a classificação de Mignolo é limitada, precisaremos fazer um esforço para dilatá-la.

O contexto de produção é outro fator a ser respeitado no trato dessas fontes narrativas. Para os propósitos da dissertação, é preciso estar particularmente atento para o momento histórico vivenciado em *Nueva Castilla*, posteriormente chamado de Vice-Reino do Peru (1542). Durante os anos em que as *entradas* ocorreram com maior frequência, a agitação política local provocava mudanças repentinas, alterando muitas vezes o lugar social dos envolvidos nessas empresas. As demandas dos diferentes sujeitos sociais eram constantemente modificadas, refletindo-se na necessidade de formação de novas Jornadas de “Descobrimento e Conquista”. Eduardo Natalino dos Santos atenta para o fato de que também as fontes *refletem tensões oriundas das diversas fases de transformações radicais pelas quais passaram os Andes Centrais desde a conquista castelhana*.⁸⁸

A organização das fontes que passarei a fazer agora não ambiciona ser tomada como um modelo válido e exequível para qualquer trabalho, longe disso; seu formato é pensado para atender basicamente os propósitos desta pesquisa. O arranjo dos documentos levará em conta, antes de tudo, aquilo que considero ser a sua principal clivagem: os relatos produzidos por participantes das *entradas*, os chamados narradores-viajantes, testemunhas diretas da maior parte dos eventos que estão narrando; e os relatos que repercutem as expedições, ou informam sobre as concepções incaicas a respeito dos *antis*, chamados aqui de narradores-secundários. Dentro de cada um desses dois grupos, farei indicações relativas ao seu tipo discursivo e ao seu contexto de produção.

1.2.1 Os testemunhos diretos: narradores-viajantes.

Os documentos redigidos por narradores-viajantes são os mais conhecidos e utilizados pelos pesquisadores brasileiros. Arqueólogos⁸⁹ e etnohistoriadores⁹⁰ costumam visitá-los em busca de subsídios para o estudo das sociedades indígenas anteriores à conquista. As narrativas em questão são, basicamente, provenientes de três expedições:

A) Jornada dos Guancahupachos (1538): Comandada por Alonso de Mercadillo, tinha originalmente o propósito de conquistar os índios Guancachupachos. Os desmandos e a péssima

⁸⁸ SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Fontes Históricas e Nativas da Mesoamérica e Andes: conjuntos de problemas de entendimento e interpretação”. CLIO. Série Arqueológica (UFPE), v.22, 2007. p.24.

⁸⁹ Cf. NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

⁹⁰ Cf. PORRO, *O Povo das Águas*, 1996.

liderança do capitão, somados aos inúmeros percalços enfrentados durante a viagem, resultaram na insubordinação de seus homens, que acabaram por prender Mercadillo e retornar ao Peru.⁹¹ O documento direto disponível seria a já citada Carta de Diogo Nunes (1553), escrita ao rei de Portugal por alguém que informa ter participado desta expedição, e durante um destacamento avançado - ocorrido enquanto os homens de Mercadillo se levantavam contra ele – descoberto a rica província de Machiparo.

B) Jornada da Canela (1541): Comandada por Gonzalo Pizarro, ambicionava conquistar o reino de Eldorado e o País da Canela, assim chamada pela suposta abundância dessa especiaria. Seguindo a sina das jornadas amazônicas quinhentistas, os homens de Pizarro sofreram com inúmeras privações, resultando na divisão do grupo, em uma ação que deveria ser provisória. Francisco de Orellana partiu com a embarcação, armas e o pouco que sobrara de mantimentos em busca de novas provisões e jamais voltou. Pizarro então conduziu seus homens de volta ao Peru, às duras penas. Orellana, por seu turno, desce o grande rio levado pela corrente, tornando-se assim o responsável pela descoberta do Amazonas. Dois testemunhos diretos estão disponíveis acerca desses episódios: a) Carta de Gonzalo Pizarro (1542)⁹², relato sumário dos acontecimentos da Jornada da Canela, contendo a formalização de uma denúncia por traição contra Francisco de Orellana; b) A já mencionada Relación do Frei Gaspar de Carvajal (1542), relato pormenorizado do que foi vivenciado pelos homens de Orellana, após a separação do grupo. A narrativa também pode ser lida como a defesa do religioso contra as acusações de Pizarro.

C) Jornada de Omágua e Dourado (1560): O maior número de narrativas provém desta entrada, comandada por Pedro de Ursúa, que recebera do então Vice-Rei Andrés Hurtado de Mendoza, o Marquês de Cañete, o título de “Governador de Omágua y Dorado”. A empreitada deveria encontrar e tomar posse dessas duas províncias que, já havia algum tempo, alimentavam a imaginação dos espanhóis residentes no Peru. O fracasso dessa expedição logo foi percebido pelos homens de Ursúa, dando início a uma grande rebelião, comandada por Fernando de Guzmán e Lope de Aguirre. O levante resultou na morte de Ursúa e muitos dos expedicionários chegaram a declarar sua ruptura com a Coroa espanhola. Por conta da repercus-

⁹¹ Cf. Cieza de León, *Guerra de las Salinas*.

⁹² Cf. Gonzalo Pizarro. “Carta de Gonzalo Pizarro al Rey”. In: José Toríbio Medina (Org.). *Descubrimiento del río de las Amazonas según la relación hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal con otros documentos referentes à Francisco de Orellana y sus compañeros*. Sevilla: Imprenta de E.Rasco, 1894. p.85-94. (Doravante citada apenas como “Carta de Gonzalo Pizarro”).

são desses episódios, pelo menos sete testemunhos diretos foram produzidos: a) Relación do Bachiller Francisco Vázquez⁹³; b) Relación de Pedrarias de Alместo; c) Relación do Capitão Altamirano; d) Relación de Gonzalo de Zuñiga; e) Relación de Pedro de Monguia.

Os documentos citados enquadram-se basicamente em dois tipos discursivos: a *carta relatoria* e a *relación*. O primeiro tipo distingue-se por ser um texto curto, informativo, elaborado com a finalidade de colocar o soberano a par de uma empresa de conquista, ou de qualquer outra situação ocorrida em suas terras no Novo Mundo. A redação dessas “cartas relatorias”, conforme atesta Mignolo, foi muitas vezes realizada em cumprimento de uma exigência prévia dos monarcas espanhóis; prática inaugurada ainda nas primeiras viagens de Cristóvão Colombo, quando lhe foi requisitado que registrasse memórias dos lugares e povos que encontrasse, para conhecimento dos reis católicos.⁹⁴ Por conta de sua natureza breve, a carta deveria ser redigida objetivamente, com pouca margem para divagações.

Carta Relatoria é um tipo discursivo que qualifica bem com o que vemos em Gonzalo Pizarro e Diogo Nunes. Há uma questão peculiar nesses casos, nenhum destes escreve em cumprimento de uma exigência prévia de seus respectivos soberanos, ambos são levados pelas circunstâncias a tomar essa iniciativa. Pizarro dirige-se ao rei buscando se reposicionar no interior da nova conjuntura política do Peru, instaurada após o assassinato de seu irmão Francisco, ocorrido durante o período em que Gonzalo ainda estava na floresta. Por seu turno, Diogo Nunes só escreve sua carta quinze ou dezesseis anos após a *Jornada de Chupachos*. Diferente de Pizarro, não era espanhol e não gozava de uma posição destacada na sociedade. Aparentemente, a oportunidade de escrever ao soberano lusitano apareceu quando em seu regresso para Portugal, em 1553, viajou ao lado de Tomé de Souza.⁹⁵

Os escritos dos narradores-viajantes eram destinados à leitura de um público seletíssimo, formado por indivíduos que gozavam de posição social hierarquicamente superior a dos autores. O canal de comunicação representava uma oportunidade para ganhar prestígio junto a estes, particularmente, em relação ao soberano, que poderia recompensá-los com *benesses*. O historiador John H. Elliott informa que na sociedade de Castela, desde os tempos medievais, o

⁹³ Francisco Vázquez. *Relación de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado*. La Sociedad de Bibliófilos Españoles. Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, 1881. A mais completa de todas as narrativas, servindo inclusive de base para a maior parte das outras. Essa é a versão utilizaremos nesta dissertação (Doravante citada apenas como *Relación de Vázquez*).

⁹⁴ Cf. MIGNOLO, “Cartas, crónicas y relaciones”, p.59-60.

⁹⁵ Esta informação fundamenta-se em um documento atribuído a certo Luis Sarmiento, citado por Capistrano de Abreu nas notas que fez para a obra “História Geral do Brasil” de Francisco Adolpho de Varnhagen. Cf. PORRO, *As Crônicas do Rio Amazonas*, p.31.

desejo de “conquistar honras” e de valer más era uma ambição fundamental.⁹⁶ Ainda que não fosse natural da Espanha, de acordo com o que pensa Auxiliomar Ugarte, a vivência junto aos espanhóis (...) possibilitou a Diogo Nunes observar como os castelhanos organizavam suas conquistas.⁹⁷ Desse modo, após descrever a província de Machiparo, o expedicionário se coloca a disposição do soberano português para conquistá-la:

*V. A. for seruido q' eu vaa a pouoar e conquistar esta tr^a Em nome de V. A. ade ser com estas condições Ditas a Riba porq' asy o faz o emperador E mais me a V. A. De fazer merce por tres vidas de guouernação porq' asy as daa ho Emperador – com outras muytas merçes q' lhe mais ariba faz oulhamdo seus mereçimentos E a gouernação ha de ser de todo ho q' descobrir e pouoar.*⁹⁸

A obtenção de uma *mercê*, como a que Diogo Nunes solicita, é a contrapartida esperada após a prestação de um *servicio* ao soberano em Espanha.⁹⁹ Naturalmente, o tipo de benefício oferecido pelo monarca agradecido era equivalente ao proveito que este tiraria da ação de seu súdito. Por conta disso, é preciso estar atento ao excesso de cores com as quais, muitas vezes, os narradores das jornadas pintam o cenário de suas ações. Por outro lado, também estava em jogo uma estratégia de persuasão, na qual era indispensável fazer crer que o testemunho apresentado era absolutamente verdadeiro. Segundo Auxiliomar Ugarte, Nunes busca essa credibilidade por meio da ênfase colocada em sua condição de “testemunha ocular” daquilo que narra. Voltarei adiante a esse ponto.

“*Cartas relatorias*” e “*relaciones*” apresentam alguns pontos de aproximação, como por exemplo: as notícias sobre ações de “descobrimento e conquista”, o direcionamento dos escritos ao monarca ou ao conselho de Índias, a condição de *testigo de vista* dos seus autores. A *relación* começa a se diferenciar pelo fato de ser um tipo mais extenso de narrativa, o que possibilita a apresentação de informações mais detalhadas, algumas vezes abrindo margem para reflexões do narrador acerca daquilo que está sendo descrito. O encadeamento cronológico é outro de seus traços distintivos, aproximando-a assim daquilo que, mais a frente, será definido como “crônica” em seu sentido estrito.

⁹⁶ ELLIOTT, John H. “A Conquista Espanhola e a Colonização da América”. In: Leslie Bethell (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial. Volume 1*. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008, p.138.

⁹⁷ UGARTE, *O Mundo Natural...*, p.41.

⁹⁸ Carta de Diogo Nunes. p.379.

⁹⁹ Cf. ELLIOTT, “A Conquista Espanhola...”, p.144.

De acordo com Walter Mignolo, até o ano de 1574 a redação das *relaciones* não seguia qualquer princípio organizativo e não era uma obrigação previamente exigida pela coroa – situação que se modifica a partir do ano acima, quando a feitura desse tipo de documento passa a ser orientada por um questionário, entregue aos conquistadores pelo Conselho de Índias.¹⁰⁰ Antes disso, uma solicitação poderia ser feita, caso o rei considerasse necessário lançar luz sobre qualquer fato pertinente a conquista. As *relaciones* utilizadas na dissertação, como já aponte, apresentam ligações com duas jornadas onde ocorrem acusações de traição, de modo que seu conteúdo está diretamente relacionado com o esclarecimento de questões referentes a essas situações.

Em relação à *Jornada da Canela*, já aponte que a carta de Gonzalo Pizarro continha acusações de traição contra Francisco de Orellana, em virtude deste não ter retornado como fora combinado. Uma das principais peças da defesa de Orellana teria sido a famosa *Relación del Nuevo Descubrimiento del Famoso Río de Orellana* escrita por Gaspar de Carvajal, frade dominicano que tomara parte daquele destacamento, presenciando e narrando todos os episódios que resultaram na descoberta do rio Amazonas pelos europeus. No desfecho de sua narrativa, o religioso explicita sua intenção em “esclarecer as verdades” do que ocorrera no interior da floresta:

*Yo Fray Gaspar de Carvajal, el menor de los religiosos de la Orden de nuestro religioso Padre Santo Domingo, he querido tomar este poco trabajo y suceso de nuestro camino y navegación, así para decirla y notificar la verdad en todo ello, como para quitar ocasiones á muchos que quieran contar esta nuestra peregrinación, ó al revés de cómo lo hemos pasado y visto.*¹⁰¹

A “Jornada de Omágua e Dourado” ficou especialmente marcada pela insubordinação de Lope de Aguirre. Os eventos começaram como uma rebelião contra o desastroso comandante Pedro de Ursúa, voltando-se a seguir para a Coroa de Castela. De acordo com o que afirma Auxiliomar Ugarte, os sobreviventes desta *entrada* tiveram *suas personalidades marcadas pelos trágicos acontecimentos*,¹⁰² de modo que a pecha de “traidor” era um inconveniente com o qual estes provavelmente tiveram de se debater pelo resto de suas vidas. Dito isto, é natural aceitar que aqueles que escreveram suas próprias versões acerca dos episódios vivi-

¹⁰⁰ Cf. MIGNOLO, “Cartas, crónicas y Relaciones”, p.70-71.

¹⁰¹ Relación de Carvajal. p.83.

¹⁰² UGARTE, *O Mundo Natural...* p.58.

dos, buscassem sublinhar o desacordo que supostamente tinham em relação aos rumos da expedição. No mais extenso e importante dentre esses relatos¹⁰³, *Relación Verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Amágua y Dorado* (1562), seu autor, o bacharel Francisco Vázquez adverte:

*Esta relación hizo un soldado, llamado el bachiller Francisco Vázquez, soldado del dicho tirano; uno de los que no quisieron jurar á Don Fernando de Guzman por Principe, ni desnaturalizarse de los Reinos de Castilla, ni negar á su Rey y señor. Puédesele dar crédito á todo lo que escribe, porque fué hombre honrado y de crédito; (...) y siempre el tirano le trató muy bien á él y á los demás que no quisieron ser en el rebelión; y fué la causa, como hemos dicho, que primero que se rebelasen el dicho tirano y el D. Fernando, amonestaron á todo el campo que el que quisiese de su voluntad ser en el dicho rebelión, lo dijese, y el que no, también, que allí no se les hacia fuerza; por la cual causa, los que fueron rebeldes contra su Rey y señor, no tuvieron excusa, y son dignos de todo castigo.*¹⁰⁴

Tanto para a *relación* de Gaspar de Carvajal, quanto para aquelas que foram selecionadas para o estudo da *Jornada de Omágua y Dorado*, existe um contexto de produção e circulação que interfere diretamente no modo como esses narradores organizam seus relatos. Nos dois casos citados é possível perceber o propósito de reestabelecer aquilo que, sob o julgamento dos autores, seria a verdade a respeito dos fatos que sucederam em suas expedições.

Mencionamos acima a intenção de Diogo Nunes em persuadir o monarca em relação à veracidade de seu testemunho, valendo-se para tanto do recurso de reafirmar sua posição de “testemunha ocular” dos eventos narrados. No caso de Carvajal e dos narradores da *Jornada de Omágua y Dorado*, a busca por credibilidade é acentuada pela suspeita de traição. Algumas vezes implicitamente, mas em outros casos abertamente, os narradores conduzem sua argumentação com o objetivo de promover o que acreditam ser a “reposição da verdade” sobre os fatos. De modo similar, recorrem a um discurso organizado em torno da máxima “sei, porque vi”. Na narrativa de Gaspar de Carvajal, logo na abertura de sua *relación*, é possível ler:

¹⁰³ PORRO, *As Crônicas do...*, p.82.

¹⁰⁴ *Relación* de Francisco Vázquez, p.192.

*y aunque esto que he dicho hasta aquí no lo vi ni me hallé en ello, pero infórmeme de todos los que venían con el dicho Capitán, porque estaba yo con el dicho Gonzalo Pizarro y le vi entrar á él y sus compañeros de la manera que dicho tengo; pero lo que de aquí en adelante dijere será como testigo de vista y hombre á quien Dios quiso dar parte de un tan nuevo y nunca visto descubrimiento, como es este que adelante diré.*¹⁰⁵

Como um preâmbulo para os episódios que está prestes a narrar, o religioso também enfatiza sua posição de “testemunha ocular”, assumindo desse modo uma estratégia característica da maior parte das narrativas de viagem. Seu depoimento deverá ser tomado por fidedigno, pois ele viu o que nenhum dos leitores teve oportunidade de ver, seja no que concerne a honra e a liderança de Francisco de Orellana, ou sobre o combate travado contra as guerreiras Amazonas em meio ao rio. O historiador François Hartog referiu-se a esse recurso como “autópsia”, definição baseada na etimologia da palavra, “ver com os próprios olhos”. De acordo com esse autor, é a afirmação que objetiva assumir ares comprobatórios, pois pretende persuadir o leitor acerca da autenticidade daquilo que está sendo contado.¹⁰⁶

Por outra perspectiva, ainda me valendo da análise de François Hartog, a “retórica da alteridade”, ou seja, a operação narrativa que visa traduzir o outro, o desconhecido, para quem está lendo, passa necessariamente por dois polos: os olhos do narrador e os ouvidos do público. Hartog reconhece contudo que de um a outro, *o percurso não é linear (...) existindo todo um conjunto de corredores, escadas e passarelas.*¹⁰⁷ Laura de Mello e Souza, conferindo um sentido sutilmente diferente para a questão do olhar, avalia que inicialmente os olhos europeus *procuravam a confirmação do que já sabiam, relutantes ante o reconhecimento do outro.*¹⁰⁸ Nesse processo, os narradores-viajantes quinhentistas utilizariam a lente cultural ibérica para observar o Novo Mundo.

A descrição do outro, daquele que na maioria das vezes é um completo estranho para o leitor, requer uma habilidade de tradução que costuma ocorrer pela associação do original com aquilo que o estoque intelectual do receptor é capaz de reconhecer. Em uma passagem célebre de Carvajal, mulheres indígenas guerreando ao lado dos homens sugeriram ao religio-

¹⁰⁵ *Relación de Carvajal*, p.5.

¹⁰⁶ Cf. HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p.273-283.

¹⁰⁷ *Idem*, p.273.

¹⁰⁸ SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.21.

so uma associação instantânea com as guerreiras Amazonas, presentes no imaginário europeu desde a antiguidade. Alguns analistas, contudo, acabaram acentuando exageradamente essa tradução, estendendo a leitura para uma compreensão que ameaça simplificar tudo em um caso de fantasia. Neide Gondim comenta:

*Na (...) cidade das Amazonas (...) o cronista projeta a sociedade que conhece, rigidamente hierarquizada, medieval, dividida entre plebeias e nobres, dominada por uma matriarca, cercada por uma corte feminina, e obviamente possuindo um corpo de guerreiras e sentinelas. É um castelo medieval ao qual se adicionou o culto inca de adoração ao sol.*¹⁰⁹

O que está subjacente ao texto de Gondim é a compreensão de que o dominicano descreve com base em sua imaginação, pois *projeta a sociedade que conhece* sobre a cidadela das Amazonas, quanto a esta sociedade, sua leitura não deixa dúvida, trata-se da europeia. A presença de um elemento andino é tomada como uma simples adição, um detalhe de menor importância. O que deve fazer parte verdadeiramente do estoque cultural do narrador são elementos que remetem a vassalagem e feudos. Analisando a mesma passagem, Sérgio Buarque de Holanda destacou outros aspectos:

*Na cidade (...) existiam cinco “casas de sol”, com seus ídolos de ouro e prata, representando figuras femininas. (...) Os tetos das “casas de sol” ou adoratórios eram forrados de penas de papagaio multicoloridas. As mulheres andavam ordinariamente vestidas de lã, que havia ali “ovelhas” do Peru, ou lhamas, em abundância, e tinham seus vestidos cobertos de ouro. (...) Em muitos pontos a descrição de Carvajal não é puramente imaginária, e coincide notavelmente, em verdade, com o que ele e seus companheiros tinham podido ver no Peru.*¹¹⁰

Embora salientando os elementos andinos, Sérgio Buarque também enfatiza um tipo de projeção, desta vez relacionada com as sociedades que o religioso acostumou-se a conviver no Peru. Antônio Porro atenta para um detalhe que parece escapar, ou interessa menos, aos dois autores, a distinção entre o momento em que Carvajal narra aquilo o que alega ter visto daquele em que apenas relata o que ouviu dizer. A experiência visual do dominicano, neste

¹⁰⁹ GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2007. p.107.

¹¹⁰ HOLANDA, *Visão do Paraíso*, 1997.p.29.

episódio, ficou restrita às cenas de combate que teriam ocorrido, possivelmente, na foz do rio Trombetas, quando diz ter visto *dez ou doze mulheres (...) lutando na frente dos índios como líderes*¹¹¹. De acordo com Porro, a *participação ativa de mulheres na guerra não era incomum entre os indígenas americanos*.¹¹²

As descrições pormenorizadas do que seria a “cidade das Amazonas” foi obtida durante o interrogatório de um índio aprisionado, onde o intérprete teria sido o próprio Francisco de Orellana. De acordo com Carvajal, seu comandante *o entendia por meio de um vocabulário que fez*.¹¹³ Em meio a essa comunicação truncada e imprecisa, nada mais natural do que o aparecimento de inúmeras referências advindas do estoque intelectual ibérico, onde os espanhóis ouviram o que acharam que deveriam ouvir.¹¹⁴

Ainda não é o momento de avançar na leitura de Gaspar de Carvajal, pois essa é uma questão que enfrentaremos no terceiro capítulo, quando estiver analisando o conjunto das incursões espanholas na Amazônia. Nosso intuito por enquanto é apenas pinçar do debate sobre as Amazonas questões que nos permitam refletir sobre os narradores-viajantes quinhentistas. Neste sentido, consideramos que se a influência do estoque intelectual ibérico clássico/medieval não pode ser negada, ela deve pelo menos ser redimensionada, uma vez que essa compreensão, muitas vezes, conduz a uma interpretação do relato, ou grandes partes dele, como projeção da imaginação de seu autor.

John Murra recorda que no momento da conquista do Peru (1532), quarenta anos haviam se passado desde a chegada dos europeus à América, os mais experientes já estavam familiarizados com os costumes indígenas e os *filhos que haviam gerado no Novo Mundo estavam agora crescidos; falavam as línguas de suas mães*.¹¹⁵ Não me parece possível que essa longa vivência em terras americanas não tenha sido capaz de influenciar a percepção de mundo dos conquistadores. Sua inserção em redes de aliança e amizade com certos grupos indígenas, assim como a experiência adquirida no envolvimento em diversas conquistas, bem sucedidas ou não, são fatores que devem ser pesados para entender sua cosmovisão naquele contexto.

Apesar da proeminência da lente ibérica, é preciso admitir, como afirma Laura de Mello e Souza, que *aos poucos (...) as evidências da novidade cresceriam sobre o acervo milenar do imaginário europeu*.¹¹⁶ Analisando as representações do maravilhoso no Novo Mundo,

¹¹¹ diez ó doce, que éstas vimos nosotros, que andaban peleando delante de todos los indios como capitanas. In: Relación de Carvajal, p.59.

¹¹² PORRO, *O Povo das Águas*, p. 145.

¹¹³ *ya le entendía por un vocabulario que había fecho*. In: Relación de Carvajal, p.66.

¹¹⁴ Cf. HOLANDA, *Visão do Paraíso*, p.29-30.

¹¹⁵ MURRA, “As Sociedades Andinas ...”, p.63.

¹¹⁶ SOUZA, “O Diabo e a Terra...”, p.22-23.

Giulia Lanciani adverte que muitas dessas *figuras acabam por perder a legitimidade na medida em que se amplia o horizonte da experiência*.¹¹⁷ No contexto das incursões espanholas, após décadas de contato com o Novo Mundo, o estranhamento manifesto não poderia mais ser comparado com o de Colombo, ou de qualquer um dos primeiros conquistadores.

Lanciani afirma ainda que *A lenta apropriação dos mitos autóctones abre caminho para a conquista de formas inéditas do maravilhoso*¹¹⁸, conferindo assim um elemento novo que não pode ser descartado perante a sedução da explicação pré-fabricada de que os narradores simplesmente projetam o que traziam em sua bagagem intelectual europeia. Seria preciso enfrentar o desafio de perscrutar um universo simbólico mais amplo, composto por elementos de um sistema de pensamento que para nós é talvez ainda mais estranho do que para esses conquistadores. Compreender suas impressões prévias, bem como suas estratégias de ação quando finalmente se deparam com as sociedades indígenas amazônicas, requer também avaliar o quanto o aprendizado anterior, ao lado dos povos andinos, influenciou seu olhar.

1.2.2 Testemunhos Indiretos: Narradores-Cronistas.

O conjunto de fontes reunido nessa sessão é formado por crônicas, textos administrativos e histórias gerais. A maior parte das informações reunidas nesses documentos foi obtida em segunda mão, através de depoimentos orais, tanto espanhóis quanto nativos; de papéis oriundos da burocracia coloniais; e de fontes narrativas coevas. Os usos conferidos a eles servirão a dois objetivos fundamentais: 1) Compreender as motivações que levaram os expediçionários espanhóis a empreender suas empresas de conquista na fronteira oriental. 2) Analisar as *entradas* de menor alcance, para as quais não dispomos de relatos escritos por seus participantes diretos.

O sentido que conferimos à palavra “crônica” precisa ser entendido de modo mais circunscrito do que o de seu conceito expandido. Identifica um gênero literário muitas vezes apontado como o antecessor da historiografia moderna, organizado em uma sequência temporal fortemente estruturada, destinada a descrever os episódios que conformam o processo histórico de um determinado povo.¹¹⁹ Nos reinos ibéricos medievais, a cronística teve sua difusão favorecida pelo precoce fortalecimento das monarquias peninsulares, retirando dos mos-

¹¹⁷ LACIANI, Giulia. *O Maravilhoso como Critério de Diferenciação entre Sistemas Culturais*. Revista Brasileira de História. São Paulo: Vol.11, nº21, 1990/1991. p.24.

¹¹⁸ Idem, p. 24-25.

¹¹⁹ Cf. OVIEDO, José Miguel de. *Historia de la literatura hispanoamericana. De las orígenes a la Emancipación*. Vol.1. Madri: Alianza Editorial, 2001. p.76.

teiros a prerrogativa de elaborar as narrativas históricas.¹²⁰ A biografia de um soberano, a trajetória de uma dinastia, os eventos que configuraram uma guerra e os feitos notáveis de um povo são temas privilegiados por esse *tipo discursivo*.

Em função dessas questões, Walter Mignolo considera que no século XVI a crônica apresenta um significado muito próximo ao de história.¹²¹ Outra característica marcante é a preocupação com uma redação esmerada, em alguns casos recorrendo a interpretação fundamentada em argumentos embasados por referências clássicas e bíblicas. Os autores das três crônicas que tomam parte do nosso caderno de fontes serão chamados, sem ressalvas, de “cronistas do Peru”, pois seus trabalhos caracterizam-se pelo esforço em contar a história desta região, recuando até mesmo ao passado indígena.

O primeiro dentre esses autores é o espanhol Pedro Cieza de León, responsável por uma obra monumental, dividida em quatro tomos, intitulada “Crónica del Perú”¹²². De acordo com Jorge Luiz Ferreira, o cronista teria cruzado o Atlântico em 1535, estabelecendo-se no Novo Mundo ainda muito moço, possivelmente começado a escrever sua narrativa nos primeiros anos da década de 1540. Cieza de León viajaria por diversos pontos do antigo *Tahuantinsuyu*, interessado em conhecer e descrever as instituições incaicas e sua cultura material. Testemunhou e tomou parte de alguns dos episódios centrais da história da conquista hispânica, dentre os quais a guerra civil entre *pizarristas* e *almagristas*¹²³ e a “rebelião dos *encomenderos*”¹²⁴. Por intermédio de Pedro de La Gasca, recebeu a posição de “cronista”, o que teria lhe conferido acesso aos documentos oficiais da administração colonial.¹²⁵

Cieza de León é o principal informante acerca das *entradas* de menor alcance, descrevendo-as de forma pormenorizada desde sua organização até o seu desfecho. O autor não se furta de emitir opinião a respeito do que narra, muitas vezes tomando partido de certos indivíduos ou criticando outros abertamente. Por conta da proximidade com Pedro de La Gasca,

¹²⁰ Cf. FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Os Reinos dos Cronistas Medievais (Século XV)*. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2006. p.11.

¹²¹ Cf. MIGNOLO, “Cartas, Crônicas y Relaciones...”, p.75-76.

¹²² A crônica de Pedro Cieza de León está dividida segundo este esquema: 1. Parte Primera: *que trata la demarcación de sus provincias: la descripción delas, las fundaciones de las nuevas ciudades, los ritos y costumbres de los indios, y otras cosas extrañas dignas de ser sabidas*; 2. Parte Segunda: *que trata del señorío de los incas yupanquis y de sus grandes hechos y gobernación*. 3. Parte Tercera: *Descubrimiento y conquista del Perú*. Existe ainda o que muitos autores consideram como uma quarta parte da “Crónica del Perú”, subdividida em livros sob o nome geral de “Las Guerras Civiles del Perú”. São eles: I. *Guerra de las Salinas*; II. *Guerra de Chupas*; III. *Guerra de Quito*.

¹²³ Confronto motivado pelo desacordo acerca da divisão dos territórios conquistados envolvendo os partidários dos antigos sócios, tornados desafetos, Francisco Pizarro e Diego de Almagro, o Velho (1537-1538).

¹²⁴ Revolta iniciada pelos antigos proprietários de *encomiendas* – forma de exploração do trabalho indígena – quando esta foi proibida pela publicação das *Leyes Nuevas* (1542).

¹²⁵ Cf. FERREIRA, “Dilemas de um Conquistador”, p.118-119.

suas preferências políticas são explícitas, mostrando-se sempre favorável à administração realista em detrimento aos *encomenderos*. Cieza narra em detalhes os sofrimentos enfrentados durante as Jornadas de Descobrimento e Conquista, pois segundo relata, ele próprio em seus primeiros anos na América participara de empresas desse tipo:

*Los españoles ya comenzaban á sentir los trabajos, é á muchos de ellos les pesaba per se haber metido otra vez en el descubrimiento. Y esto en mí mismo he conocido la experiencia, que, cuando andaba en algun descubrimiento trabajoso, juraba é afirmaba que ántes moriria que volver á otra jornada si de aquella salia, mas luégo se nos olvida é deseamos vernos ya en otra.*¹²⁶

Em “La Guerra de las Salinas”, libro um do quarto tomo de sua crônica, subintitulado Guerras Civiles del Perú, Cieza de León descreve uma série de entradas autorizadas por Hernando Pizarro em 1538, logo após o desfecho dos embates envolvendo pizarristas e almagristas, são elas:

A) Jornada de Ambaya: Comandada por Pedro de Candía, *El Griego*, um dos homens de Francisco Pizarro durante a conquista do Peru. Sua expedição avançou até a região do rio Madre de Dios, localizada hoje no departamento peruano de mesmo nome.

B) Jornada de los Chunchos: Comandada por Pedro Anzúres, homem de confiança de Hernando Pizarro, com destacada participação na guerra movida contra Diego de Almagro. Herdou o comando sobre os homens de Pedro de Candía, após este ter sido preso suspeito de traição.

C) Jornada dos Guancahupachos: Comandada por Alonso de Mercadillo, culminando com o levante de seus homens, perante sua péssima liderança. Diogo Nunes, autor da carta que comentamos anteriormente, teria sido um integrante dessa expedição.

Pedro Cieza de León também se notabilizaria pelo modo como penetrou na cultura incaica. Interessou-se pelo quíchua, língua franca do Tahuantinsuyu, através do Frei dominicano Domingos de Santo Tomás, um de seus primeiros estudiosos de origem hispânica. Entre-

¹²⁶ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.362.

vistou diferentes indivíduos oriundos da antiga elite incaica, dentre os quais havia *Kurakas*, *Orejones* e *Quipocamayos*, coletando o depoimento destes para o uso no segundo tomo de sua Crônica, *Del Señorío de los Incas Yupanquis*.¹²⁷ Segundo Franklin Pease G. Y., a obra de Cieza de León *destaca por la calidad de su observación del ambiente*,¹²⁸ particularmente a partir desses dados que recolhera em Cuzco. O segundo tomo da “Crónica del Perú”¹²⁹ é, portanto, um dos pilares sobre os quais iremos tratar das questões ligadas às representações incaicas.

O segundo cronista a quem recorreremos será Agustín de Zárate, autor de *Historia del Descubrimiento y Conquista del Perú*.¹³⁰ Zárate era funcionário da burocracia do Reino, atuando como *Contador de Mercedes del Emperador*, alto cargo no setor de finanças do Estado moderno espanhol.¹³¹ Desembarcou no Peru em 1544, acompanhando o primeiro Vice-Rei Blasco Nuñez Vela, com a função de organizar as contas régias¹³², após os primeiros anos sob o controle dos conquistadores. Viveria no Novo Mundo, justamente durante o turbulento período em que os *encomenderos* estavam alvoraçados, sob a liderança de Gonzalo Pizarro. Enquanto procurava, em meio às dificuldades, desempenhar suas funções administrativas, Zárate registrava, com total diligência, tudo o que via e ouvia, constituindo o rascunho daquilo que, mais tarde, se tornaria a sua crônica do Peru.

A obra só pode ser publicada em 1555, quando o cronista já havia regressado à Espanha. Consta que na primeira edição haveria uma descrição pormenorizada das origens e crenças incaicas que, segundo Franklin Pease G.Y., teria desaparecido das edições posteriores. Zárate trata do princípio da ocupação espanhola no Peru, da jornada de Diego de Almagro ao Chile e das guerras civis. Dedicar ainda um capítulo inteiro para contar sobre a *entrada* de Gonzalo Pizarro na selva amazônica. Além disso, sem se aprofundar muito no tema, alude à

¹²⁷ Cf FERREIRA, “Dilemas de um Conquistador”, p.119.

¹²⁸ PEASE G.Y, Franklin. *Las Crónicas y los Andes*. México: Fondo de Cultura Económica; Peru: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1995. p.27.

¹²⁹ Pedro Cieza de León. *Segunda Parte de la Crónica del Perú – que trata del señorío de los incas yupanquis y de sus grandes hechos y gobernación*. Madrid: Imprenta de Manuel Gines Hernandez, 1880. (Doravante citada como: Cieza de León, *Señorio de los Incas*).

¹³⁰ Agustín de Zárate. *Historia del Descubrimiento y Conquista de la Provincia del Perú, y de las Guerras y Cosas Señaladas en Ella, acaecidas hasta el Vencimiento de Gonzalo Pizarro y de sus Secuaces, que en ella se rebelaron contra su Majestad*. In: Don Enrique de Vedia (Dir.). Biblioteca de Autores Españoles, desde la formación del lenguaje hasta nuestros días. Tomo Vigésimo Sexto. Historiadores Primitivos de Indias. Tomo Segundo. Madrid: Real Academia Española, 1853. p.459-574. (Doravante citado como: Zárate, *História del Descubrimiento*).

¹³¹ Cf. VEDIA, Don Enrique de. “Noticias Biográficas” In: Historiadores Primitivos de Indias, Tomo Segundo. Madrid: Real Academia Española, 1853. p.X.

¹³² Cf. PEASE G.Y., *Las Crónicas y los Andes*, p.23.

ocorrência de outras expedições voltadas para o mesmo objetivo, como demonstraremos no terceiro capítulo.

Fechando a lista dos “Cronistas do Peru” está o texto redigido por Inca Garcilaso de la Vega.¹³³ Nascido Gómez Suárez de Figueroa (1539-1616), trata-se de um autor mestiço, filho do capitão estremenho Garcilaso de la Vega e de Isabel Suárez (Chimpu Ocllo), neta do *Sapa Inca* Tupác Yupanqui. Passou sua infância no lar materno, onde aprendeu o *quéchua* e travou contato com sua cultura indígena. Na juventude, vivendo mais tempo com o pai, foi adquirindo hábitos espanhóis, mudando-se para a Europa a partir da década de 1560. Três décadas mais tardes, Inca Garcilaso passou a se dedicar aos escritos, redigindo ao longo de vários anos aquele que viria a ser seu trabalho mais importante, os *Comentarios Reales de los Incas*. A obra foi publicada em dois tomos (1609 e 1617), alcançando um sucesso notável. É considerada como o primeiro testemunho escrito por um “peruano” a ganhar uma edição impressa.¹³⁴

A obra de Inca Garcilaso de la Vega oferece algumas considerações sobre as expedições amazônicas. A erudição que lhe era peculiar, bem como o alcance de sua obra, a tornam importante para que possamos sopesar a repercussão daquelas empresas, a partir de seu distanciamento cronológico e espacial. Dos três cronistas utilizados, apesar da sua condição de mestiço, Garcilaso é o que parece mais alheio ao universo narrativo. Deve-se considerar, primeiramente, o afastamento temporal, pois sua narrativa é redigida em fins do século XVI. A seguir, não se pode negligenciar a formação humanista adquirida na Espanha, que se por um lado contribuiu para sua escrita primorosa, repleta de citações eruditas, por outro o deixa ainda mais apartado do cenário americano.

Em paralelo às crônicas, também recorreremos em certas ocasiões a dois títulos provenientes da administração colonial do Peru. O primeiro é a Instrução de Titu Cusi Yupanqui, Inca de Vilcabamba, uma espécie de procuração destinada aos cuidados do licenciado Lope Garcia de Castro, para que este pudesse representá-lo junto ao rei Felipe II em defesa dos seus interesses.¹³⁵ O segundo intitula-se *Gobierno del Perú* (1567), tratado creditado ao licenciado

¹³³ Inca Garcilaso de la Vega. *Comentarios Reales de los Incas*.2v. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985. (Doravante citado como: Garcilaso, *Comentarios Reales*).

¹³⁴ Cf. LAVALLE, Bernard. “El Inca Garcilaso de la Vega”. In: Luis Íñigo Madrigal (Coord.). *Historia de la Literatura Hispanoamericana*. Madrid: Cátedra, 2008. p.135-137

¹³⁵ Titu Cusi Yupanqui, Don Diego de Castro. *Ynstruçion del Ynga Don Diego de Castro Titu Cussi Yupanqui para el muy ilustre señor el licenciado Lope Garçia de Castro, Governador que fue destos reynos del Piru, tocante a los negocios que con su magestad, en su nombre por su poder a de tratar; la qual es esta que se siegue* (1570). Lima: Ediciones El Virrey, 1985. p.1-36. (Doravante citada como Instrucción de Titu Cussi).

Don Juan de Matienzo, onde constam suas leituras a respeito da sociedade que vinha se estabelecendo na região andina, bem como sugestões para o seu melhor funcionamento.¹³⁶

A Instrução de Titu Cusi Yupanqui é uma das peças mais singulares dentre aquelas que foram produzidas na esteira do processo de conquista do Peru. As informações contidas no corpo do texto são provenientes, em sua maior parte, de um depoimento oral transmitido em *quéchua* por Titu Cusi Yupanqui ao dominicano Fr. Marcos García, que por sua vez traduziu para o espanhol, sendo enfim transcrita por Martin de Pando.¹³⁷ Tendo em vista que o inca não possuía idade suficiente para ter testemunhado todos os episódios que narra, ou mesmo não estava presente em todos eles, verifica-se que algumas informações foram obtidas por intermédio do que lhe foi relatado por outros indivíduos, dentre os quais, estava seu próprio pai, Manco Inca.

A cidadela em que vivia Titu Cusi Yupanqui foi o último reduto da resistência incaica em face da conquista espanhola, sua localização situava-se junto aos *antis*. Os “incas de Vilcabamba” foram descritos pela historiografia como um arremedo completamente descaracterizado dos “incas de Cuzco”. Embora a *instrucción* não informe nada a esse respeito, é sabido por intermédio de Juan de Matienzo e Domingues Figueroa, o quanto a corte de Titu Cusi Yupanqui já adquirira alguns hábitos próprios dos indígenas do *antisuyu*, segundo as concepções andinas, dentre os quais estavam o uso de pinturas corporais e de plumagens. Em que pese o marco avançado da redação desta narrativa (1570), seu recurso deveria auxiliar na compreensão de alguns elementos cruciais relativos à descrição corrente a respeito dos *antis*.

Fechando o caderno de fontes, incluímos duas “Histórias Gerais”, escritas por Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés¹³⁸ e por Antonio de Herrera y Tordesilhas¹³⁹, respectivamente em meados do século XVI e no alvorecer do XVII. Esses trabalhos diferenciam-se das “Crônicas do Peru”, em especial, pela intenção de construir uma visão de conjunto para os feitos dos castelhanos em terras do além-mar. Consistem em obras monumentais, divididas em vários tomos, nos quais se pode acompanhar o desenvolvimento da conquista espanhola, tanto sob uma perspectiva espacial, quanto cronológica.

¹³⁶ Cf. PEASE G.Y., *Las Crónicas y los Andes*, p.34.

¹³⁷ Instrucción de Titu Cusi, p.34.

¹³⁸ Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*. Tercera Parte – Tomo IV. Madrid: Real Academia de la Historia. 1855. (Doravante citado como: Oviedo y Valdés, *Historia General*).

¹³⁹ Antonio de Herrera y Tordesilhas. *Historia General de las Indias Occidentales, o de los Hechos de los Castellanos en las Illas y Tierra Firme del Mar Océano, escrita por Antonio de Herrera, Coronista Mayor de su Majestad, de las Indias y de Castilla. En Ocho Décadas. Tomo Tercero, que contiene las Décadas Quinta y Sexta*. Amberes: Juan Bautista Verdussen, 1728. (Doravante citado como *Décadas de Antônio Herrera*).

Em Oviedo y Valdés, contemporâneo às primeiras *entradas* amazônicas, é possível encontrar considerações sobre o seu contexto de planejamento. O escritor é importante, particularmente, no trato com a descoberta do Rio Amazonas, capitaneada por Francisco de Orellana. Em 1542, ele era comandante da fortaleza de Santo Domingo, quando chegou um pequeno grupo, constituído pelos recém-saídos do Rio Amazonas. Em contato direto com os expedicionários, Oviedo y Valdés pode colher os depoimentos de muitos e ler o relato do Frei Gaspar de Carvajal. Desse modo, reconta a história da expedição, ao mesmo tempo em que publica a primeira versão da narrativa do dominicano.¹⁴⁰

Antonio de Herrera y Tordesilhas ocupou a função de “Cronista Maior de Índias”, título burocrático que lhe incumbia de escrever a história das ações dos espanhóis no Novo Mundo. Ao mesmo tempo lhe dava amplo acesso aos documentos conservados nos arquivos régios, bem como ao conjunto da produção narrativa verificada até aquele momento. Isso fez com que a maior parte de sua gigantesca obra fosse composta por textos parafraseados de outros autores, restando muito pouco de efetivamente original.¹⁴¹ Apesar desse problema, consideramos válido utilizar alguns fragmentos de sua obra em função da mesma ter sido publicada já no início do século XVII, ao passo que algumas das narrativas que lhes inspiraram só apareceram impressas no XIX. Foi portanto o texto de Herrera que, na maioria dos casos, foi conhecido primeiramente nos círculos intelectuais europeus.

Desde a fundação do IHGB até os nossos dias, sempre que se falou sobre a relação estabelecida entre os espanhóis e a Amazônia quinhentista, a análise esteve direcionada para as expedições de Orellana e Aguirre, e de forma minoritária, ao relato de Diogo Nunes. Pelo que ficou demonstrado ao longo desse capítulo, a justificativa para essa situação localiza-se na projeção das fronteiras nacionais em relação ao passado histórico da região. Postura consciente da parte dos historiadores do IHGB e não tanto quando se fala da historiografia produzida mais recentemente.

O legado da geração oitocentista de historiadores é importante, visto que, a despeito de sua influência teórico-metodológica ser pouco sentida em nossos dias, foi naquele momento, graças aos esforços daqueles pesquisadores, que quase todos os documentos que dispomos foram descobertos e publicados. A ausência de novas investigações documentais, especialmente nos arquivos espanhóis, nos leva a trabalhar com praticamente a mesma base documen-

¹⁴⁰ Cf. PORRO, *As Crônicas do Rio Amazonas*, p.38.

¹⁴¹ Cf. PEASE G.Y., *Op.Cit.*, p.46.

tal ao longo de décadas. Se as fontes são as mesmas, o que nossos historiadores fizeram ao longo do século XX foi propor novos problemas àqueles textos. A notável influência da historiografia francesa nos levou a olhar apenas para a descrição das maravilhas, presentes naqueles textos inaugurais.

Nas últimas décadas, a partir da ampliação do diálogo interdisciplinar com arqueólogos, etnohistoriadores e pesquisadores da área de letras; começamos a caminhar por uma trilha um pouco mais confortável, tendo em vista a possibilidade de dialogar com profissionais que abordam o período por fontes e olhares bastante diversos em relação ao nosso. Se não podemos, ou sabemos utilizar diretamente as fontes arqueológicas, é possível valer-nos de sua bibliografia, a fim de confrontar resultados. Ou ainda, buscar em abordagens e classificações dos saberes vizinhos, novas perspectivas para que possamos retornar a documentos já conhecidos.

Buscar a contextualização mais precisa das poucas fontes disponíveis gera, quase que automaticamente, a ampliação do *corpus* documental. *Pari passu*, desmitifica a tese episódica e excepcional das *entradas* amazônicas quinhentistas.

CAPÍTULO 2

O SIGNIFICADO DA FRONTEIRA ORIENTAL

Motivações hispânicas para as *entradas* amazônicas

Em sentido lato, a palavra *entrada* é usada nas narrativas quinhentistas ibéricas para definir as expedições de exploração do interior do continente americano. Os objetivos dessas empresas variavam conforme a natureza da licença que obtinham. Nos casos mais comuns, permaneciam restritos ao resgate, quer dizer, a preia de indígenas ou a pilhagem de objetos de valor como pérolas, esmeraldas e ouro. Havia também as ações destinadas à pacificação de uma dada região, ou ao início de seu povoamento. As mais notáveis, porém, foram indiscutivelmente as que receberam autorização para empreender conquista, ou seja, tomar posse de um território em nome da Coroa espanhola, submetendo os senhores anteriores, caso houvesse necessidade.

Fosse qual fosse seu objetivo precípua, as *entradas* desempenharam um papel fundamental no processo de desvelamento da geografia americana, ampliando cada vez mais os horizontes da cristandade. Os membros de um *real*¹⁴² compunham quase sempre a vanguarda das grandes descobertas, recolhendo e transmitindo informações que permitem ilustrar a polissemia do termo “descobrir” no século XVI;¹⁴³ a ideia está presente em experiências diversas, como o primeiro contato com uma região, os caminhos que levam aos mais diversos lugares, a localização dos filões de metais preciosos ou o encontro com grupos indígenas, até então, desconhecidos.

As incursões em direção à fronteira oriental contemplam, em primeiro lugar, o desvelamento de uma região que era vista como uma zona periférica do território submetido aos Incas, que hoje chamamos de *Piedemonte Andino-Amazónico*, ou como era recorrente nas narrativas quinhentista, a região da *montaña*. As grandiosas províncias, que constituíam o objetivo maior dessas empresas, estariam, no entanto, situadas em um ponto mais profundo daquele território, em uma área caracterizada por terras planas, coincidindo, portanto, com o Vale amazônico. Para que possamos entender a história da relação entre os espanhóis e a floresta, é preciso analisar o processo de formação daquelas jornadas.

¹⁴² Termo quinhentista que designa a tropa de expedicionários.

¹⁴³ Cf. GODINHO, Vitorino Magalhães. “O que significa descobrir?” In: Adauto Novaes (Org.). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.62-63.

O presente capítulo trabalha as matrizes do interesse castelhano pela chamada “fronteira oriental” do Peru. Objetivamos com isso demonstrar como o contato com os povos do altiplano foi capaz de despertar a cupidez dos espanhóis, no sentido de dilatar sua conquista em direção às terras baixas do leste. Ao mesmo tempo, poderemos perceber como as demandas de ordem político-social, pertinentes ao povoamento dos Andes, influenciaram a necessidade de novos descobrimentos. Com isso, será possível acentuar nossa convicção de que a vivência em terras americanas rendeu aos conquistadores uma bagagem cultural, tão ou mais importante, do que aquela oriunda de sua tradição ibérica.

2.1 O ESPÓLIO DO PERU:

No início da década de 1530, os espanhóis deram início ao processo de conquista dos Incas, um dos episódios mais celebrados de sua história no Novo Mundo. Atahualpa, um dos principais da terra, foi preso em Cajamarca em uma típica operação de assalto, característica dos povos ibéricos desde os tempos da Guerra de Reconquista. A oferta de um vultoso resgate em troca de sua liberdade é o primeiro grande demonstrativo da riqueza existente naquelas terras, excitando a cupidez dos conquistadores. Mais tarde, quando da conquista de Cuzco, um valor tão ou mais impressionante é saqueado das casas e templos ali existentes:

*El oro que se ha dicho que venia del Cuzco entró en este pueblo de Caxamalca á 3 dias de junio (...), y vinieron docientas cargas de oro y veinte y cinco de plata; en el oro al parecer habia más de ciento y treinta quintales; y después de haber venido esto, vinieron otras sesenta cargas de oro bajo.*¹⁴⁴

Para cada peça de ouro encontrada, imaginavam haver outra de igual valor que fora levada pela nobreza *cuzqueña* antes de sua chegada. A exploração do território andino estava apenas começando e os anos vindouros pareciam promissores. Em pouco tempo, um número crescente de espanhóis passa a se direcionar para a região, desejoso de tomar parte naquele butim. Todavia, os planos foram obscurecidos pela eclosão de inúmeros conflitos envolvendo os conquistadores, bem como pelo início de uma longa resistência nativa.

¹⁴⁴Francisco de Xerez. *Verdadera Relación de la Conquista del Perú por Francisco de Xerez, uno de los Primeros Conquistadores, según la primera edición impresa en Sevilla en 1534*. (Colección de libros que tratan de América, raros o curiosos). Tomo Primero. Madrid: 1891., p.151. (Doravante: Relación de Xerez).

O desvelamento das áreas contíguas fazia-se necessário, tanto para encontrar as fontes dos metais preciosos, quanto para realizar novas descobertas, visando atender as expectativas de uma série de indivíduos que foram colocados à margem dos espólios iniciais. É nesse contexto que começará a se formar o interesse pela fronteira oriental dos Andes centrais. Os indígenas do altiplano referiam-se a ela como uma região difícil, habitada por gente muito belicosa, a partir da qual localizavam-se os caminhos para outras províncias, muito ricas e bastante povoadas. Era o local perfeito para os incas esconderem os seus tesouros, configurando, desse modo a fronteira a ser explorada e, possivelmente, o passo ideal para a próxima conquista.

Durante aproximadamente três décadas, a *montaña* e, logo depois, o Vale amazônico estiveram na agenda da conquista dos castelhanos. Uma situação que, segundo acreditamos, contradiz a tese do "desinteresse" pela região durante o século XVI. Procuraremos, a seguir, esmiuçar as motivações para essas incursões, perscrutando os significados conferidos àquele território ao longo das primeiras décadas da presença espanhola no Peru.

2.2 A TERRA DOS ANTIS:

Uma porção do que chamamos aqui de "Fronteira Oriental" era denominada pelos povos do altiplano como *antisuyu*, quadrante que, de acordo com essa compreensão, seria habitado por gente bárbara (os *antis*), incapaz de se adaptar aos padrões culturais dos Incas. Tentaremos demonstrar como essas informações chegavam aos ouvidos dos conquistadores, em que medida foram capazes de estimular as primeiras incursões por aquelas terras e, finalmente, de que modo essa percepção condicionou os primeiros olhares dos europeus sobre aqueles povos.

Na cronologia das narrativas quinhentistas, a primeira alusão aos *antis*, ainda que de modo impreciso, ocorre com Francisco de Xerez. A passagem abaixo se dá quando um indígena principal da região procura por Francisco Pizarro, a fim de alertá-lo sobre um plano elaborado por Atahualpa, que naquele momento era cativo dos espanhóis:

Hágote saber que después que Atabalipa fué preso, envió á Quito, su tierra, y por todas las otras provincias, á hacer ayuntamiento de mucha gente de guerra para venirse sobre tí y tu gente y mataros á todos, (...) y que está muy cerca de aquí y verná de noche y dará en este real, quemándolo por todas partes, (...) y sacarán

*de su prisión á su señor Atabalipa. Y de la gente natural de Quito vienen docientos mil hombres de guerra y treinta mil caribes que comen carne humana (...).*¹⁴⁵

O termo "caribes" não deve ser entendido a partir de uma conotação étnico-geográfica, restringindo-os desse modo aos habitantes das regiões circuncaribenhas ou insulares. A palavra está dotada de um sentido mais amplo, relacionando-se com os povos ameríndios que os espanhóis identificam como inimigos. É preciso frisar a identificação que o narrador faz entre essa terminologia e a condição de "comedores de carne humana". O canibalismo é a primeira dentre as características atribuídas pelos povos do altiplano aos *antis*, um aspecto que segundo as suas tradições era tomado como um traço de barbárie. A chegada dos cristãos ao Novo Mundo tenderá, em diversas partes, a acentuar essa característica como um indicativo da necessidade de intervenção por parte dos conquistadores. Servindo como um dos argumentos considerados para a realização das "guerras justas".

Podemos realizar, a partir disso, uma consideração preliminar sobre o interesse dos espanhóis pelas terras dos *antis*. Sua presença no Novo Mundo é largamente justificada pela missão evangelizadora, visando expandir a cristandade e extirpar progressivamente práticas consideradas bárbaras ou demoníacas. Colaborar para a supressão do canibalismo dos *antis* seria, a primeira vista, uma oportunidade para o conquistador servir a Deus e aos Reis católicos. Tal argumento é, contudo, insuficiente para justificar todo o esforço, financeiro e físico, empreendido nos anos seguintes. Precisamos ampliá-lo, concatenando-o com outras questões de primeira importância, ainda ausentes na narrativa de Francisco de Xerez.

Devemos ter em mente que as narrativas redigidas nas primeiras horas da conquista não costumam primar pelo rigor com que descrevem os povos indígenas e os elementos de sua cultura.¹⁴⁶ Quase sempre recorrem a termos genéricos e imprecisos, denunciando sua pouca familiaridade com o objeto descrito. A narrativa de Xerez foi publicada apenas um ano após o término dos eventos que apresenta. Seu conhecimento sobre os indígenas da região não podia ser mais do que limitado, justificando assim sua pouca precisão em relação aos índios do *antisuyu*.

Os relatos produzidos nas décadas seguintes já apresentam um perfil diferente, contando com descrições pormenorizadas a respeito das populações indígenas. Isso se deve ao crescimento do interesse de certos espanhóis pela história e cultura dos povos andinos, esti-

¹⁴⁵ Idem, p.157.

¹⁴⁶ Cf. SANTOS, *Fontes históricas nativas ...*, p.24.

mulado por um período já razoável de convivência com estes.¹⁴⁷ Pedro Cieza de León é um dos exemplos mais destacados dessa geração; no primeiro tomo de sua *Crónica del Perú*, o único publicado em vida, encontramos uma longa descrição das regiões dominadas pelos incas. O capítulo XCV é reservado para o trato com a região da *montaña*. Na face oriental, encontraremos o território identificado com os *antis*. A respeito dessa região, o cronista afirma:

*esta montaña, (...) a las vertientes de la mar del Sur, eran los naturales de buena razón, y que todos andaban vestidos, y se gobernaron por las leyes y costumbres de los ingas; y por el consiguiente, a las vertientes de la otra mar, a la parte del nacimiento del sol, es público que los naturales son de menos razón y entendimiento, los cuales crían gran cantidad de coca, que es una hierba preciada entre los indios.*¹⁴⁸

A folha da coca, regularmente consumida pelos povos do altiplano, era em sua maioria proveniente dessa face da *montaña*, o que justificaria, para alguns historiadores, o interesse dos incas em submeter os habitantes dessa região ao seu jugo.¹⁴⁹ O que mais chama atenção, porém, diz respeito à identificação que faz Cieza de León entre os *naturales de buena razón* e a adoção dos padrões culturais estabelecidos pelos incas. Os *antis* são classificados como *de menos razón y entendimiento* em função de sua nudez e de seu desconhecimento da burocracia e da legislação observada entre os povos dominados pelos incas. Um pouco mais à frente em sua narrativa, ele afirma que:

*Bien adentro destas montañas y espesuras afirman que hay gente tan rústica que ni tienen casa ni ropa, antes andan como animales, matando con flechas aves y bestias las que pueden para comer, y que no tienen señores ni capitanes, salvo que por las cuevas y huecos de árboles se allegan unos en unas partes y otros en otras.*¹⁵⁰

Os informantes de Pedro Cieza de León são, de acordo com o próprio cronista, os naturais do Peru com quem travou diálogo, bem como espanhóis que viviam nas cercanias da

¹⁴⁷ Cf. PEASE G.Y., *Las Crónicas y los Andes*, p.22.

¹⁴⁸ Pedro Cieza de León, *La Crónica del Peru*, Madrid: Calpe. 1922. p.301. (Doravante: Cieza de León, *La Crónica del Peru*).

¹⁴⁹ Cf. FAVRE, *A Civilização Inca*, p.21.

¹⁵⁰ Pedro Cieza de León, *La Crónica del Perú*, p.302.

fronteira oriental. As características apresentadas constituem uma inversão para quase tudo o que fora observado junto aos incas, formando vários contrastes evidentes: a nudez e as roupas finas de lã, o uso de arco-e-flecha e os bem organizados exércitos incas, a anarquia e a hierarquia formada a partir do *sapa inca*, a rusticidade das moradas e os tempos de pedra. Essa oposição seria mais tarde aproveitada pelos pesquisadores filiados à tese de Julian Steward, dos quais tratamos no capítulo anterior, para indicar a discrepância de desenvolvimento entre os indígenas da América do Sul.

Do fim dos anos 1560, surgiu uma narrativa *sui generis*, o primeiro relato conhecido composto a partir de um nativo do Peru. Em que pese o fato de o texto em questão ter sido apenas ditado por um indígena, sendo traduzido do quéchua para o espanhol, e em seguida anotado pelo Fr. Marcos García, da ordem dos agostinianos, trata-se de uma versão muito particular da história da conquista, bem como dos eventos subsequentes. Seu “autor” foi Titu Cussi Yupanqui, um dos incas de Vilcabamba, sobre os quais falaremos um pouco mais a frente. O protagonista de sua *Instrucción* é, indiscutivelmente, seu pai, Manco Inca o primeiro líder da resistência incaica à invasão espanhola. Ao narrar o cerco de Cuzco liderado por Manco, entre os anos de 1536 e 1537, Titu Cussi revela a participação de indígenas amazônicos, informando que os espanhóis sofriam nesta ocasião com *hartos flechazos que los indios santis y andes les tiraron*.¹⁵¹ Consta que certos prisioneiros de Manco foram entregues aos *antis*:

*E visto por mi padre que aun estos le pagaban tan mal el bien que les hacia (...) no sabiendo conocer el tratamiento que mi padre le había hecho y hacia trayéndole en hama y haciéndole el tratamiento de hijo, le aconteció lo que a los domáis, que fue que los mandó entregar a unos indios moyo moyos andes para que despedazados los comiesen.*¹⁵²

Esse fragmento nos permite retornar à fórmula que apresenta os índios *antis* como "bárbaros comedores de carne humana", posto que o destino reservado aos cativos que desagradaram Manco se assemelhasse ao suplício de ser entregue às feras. Em contrapartida, precisamos destacar que a repulsa em relação à essa prática se mistura com certa dose de admiração, por conta de sua belicosidade. Na maioria das vezes, os *antis* são caracterizados como

¹⁵¹ Instrucción de Titu Cussi, p.22.

¹⁵² Idem, p.24.

guerreiros ferozes, difíceis de serem batidos, especialmente quando confrontados no interior de seus domínios.

O triunfo sobre um adversário valoroso foi sempre uma das estratégias utilizadas pelos povos castelhanos a fim de conseguir obter benesses junto ao monarca. Tal prática foi inaugurada durante a luta contra os mouros, quando a *probanza de merito*, ou seja, o atestado de que aquele que solicitava os favores régios era um súdito fiel e valoroso, tornou-se o caminho a ser explorado para a aquisição das mercês. Somamos a missão evangelizadora, na qual se buscava inserir aqueles bárbaros no caminho da verdadeira fé, o mérito da subordinação militar. Tais fatores poderiam ser evocados futuramente, proporcionando condições para a ascensão social dos responsáveis por aquele feito.

Apesar de todo o estranhamento, a região do *antisuyu* era vista como uma parte dos domínios submetidos aos incas, um dos quatro *suyus* nos quais o território controlado tributariamente e politicamente por eles estava dividido. Tratava-se, porém, de uma área ainda não completamente subordinada, tendo em vista que os *antis* apresentaram uma histórica resistência à dominação de Cuzco.¹⁵³

No segundo livro da crônica de Pedro Cieza de León, subintitulado *Del Señorío de los Incas*, há uma passagem em que o autor descreve o alargamento das fronteiras do *Tahuantinsuyu*, capitaneada pelo *Sapa Inca*¹⁵⁴ Tupac Yupanqui (1471-1493). A sequência de vitórias deste líder nativo é quebrada quando ele *por los Bracamoros entró y volvió huyendo, porque es mala tierra aquella de montaña*.¹⁵⁵

O termo *Bracamoros* alude genericamente a um conjunto de povos *antis* localizados, à época da conquista, nas proximidades da região de Cajamarca. Historicamente, as tentativas de submeter os povos sob essa denominação resultaram em fracassos retumbantes, tanto para os incas, quanto para os espanhóis. A *mala tierra* de que fala Cieza de León diz respeito à geografia da *montaña*, com seu terreno íngreme, pobre em termos de recursos alimentícios e dotado de uma vegetação cerrada. O juízo em questão é, mais uma vez, feito por oposição em relação aos caminhos pavimentados dos incas.

Em outra passagem, já se reportando ao tempo de Huayna Cápac (1493-1527), o cronista descreve os apuros vividos pelo filho e sucessor de Tupac Yupanqui com aquela mesma gente:

¹⁵³ Cf. BERTAZONI, Representações do *Antisuyu*..., p.118.

¹⁵⁴ Título conferido ao soberano de Cuzco, traduzido como “imperador” pelas narrativas espanholas.

¹⁵⁵ Cieza de León. *Señorío de los Incas*, p.211.

*supo de cómo en los Bracamoros (...) tenían tierras fértiles, y que bien adentro de la tierra había una laguna y muchos ríos, llenos de grandes poblaciones. (...) iban abriendo el camino con asaz trabajo, porque pasada la cordillera (...), dieron en la montaña de los Andes y hallaron ríos furiosos que pasar, y caían muchas aguas del cielo.*¹⁵⁶

A persistência incaica em submeter os *Bracamoros* é justificada nesse fragmento pela existência de "terras férteis" e de "grandes populações" terra adentro. Esse indicativo é, certamente, algo que não passa despercebido aos ouvidos dos espanhóis. A fertilidade do solo favorece o início da ocupação, criando condições para o assentamento de colonos a fim de explorar os seus recursos naturais. A existência de populações densas, por seu turno, é um indicativo de sociedades dotadas de riquezas, como autorizava pensar a experiência com os Mexicas e os Incas.

A descrição da natureza nesse ponto da *montaña*, que lembremos, é uma faixa intermediária, já começa a trazer elementos de um cenário menos andino do que amazônico. Fala-se em chuvas torrenciais que estragam as roupas e escurecem os caminhos, rios dotados de correntezas que dificultam a travessia, afogam pessoas e atrasam o deslocamento dos grupos mais numerosos. As dificuldades enfrentadas por Huayna Cápac guardam muitas semelhanças com o que, mais tarde, seria vivido pelos espanhóis. A paisagem é muito distinta do que se via nas terras altas e os obstáculos naturais, para os quais nem os incas, nem os castelhanos, estavam preparados, somavam-se a já comentada belicosidade dos *antis*:

*Todo no fue parte para que el Inca dejase de llegar a donde los naturales (...) le estaban aguardando, (...), afeándole su venida; y comenzaron la guerra unos y otros, y tantos de los bárbaros se juntaron, los más desnudos sin traer ropas, (...) que el Inca determinó de se retirar, y lo hizo sin ganar nada en aquella tierra. (...) anduvieron por aquellas comarcas, en las cuales tuvieron guerra y algunas batallas, y en unos casos quedaban vencedores, y en otros no del todo; y I así anduvieron hasta Colliquic, donde toparon con gentes que andaban desnudas y comían carne humana.*¹⁵⁷

¹⁵⁶ Idem, Ibidem. p.245-246.

¹⁵⁷ Id, Ib, p.246-247.

A belicosidade e a barbárie dos naturais da terra não devem ser tomadas como fatores capazes de desencorajar as incursões espanholas, ao contrário, de acordo com o que defendemos, o estranhamento desse cenário é um catalisador para o interesse dos castelhanos. A curiosidade pelo desconhecido é alimentada pela crença de que pode haver algo de valioso sendo guardado por aquelas criaturas descritas como bestiais. Também não devemos esquecer que as experiências de conquista anteriores não ocorreram sem a superação de inúmeros obstáculos, inclusive envolvendo o enfrentamento da resistência de diferentes grupos indígenas.

O fracasso recorrente das iniciativas incaicas, por outro lado, foi responsável pelo nascimento de alguns mitos dando conta da existência de criaturas monstruosas guardando a região.¹⁵⁸ Um dos mais famosos narradores a divulgar essa ideia foi Inca Garcilaso de la Vega.¹⁵⁹ Escrevendo na Espanha, desde o final do século XVI, descreve aspectos da religião que supostamente orientava os povos *antis*:

*En estas provincias de los Antis comúnmente adoraban por dios a los tigres y a las culebras grandes que llaman “amaru”: son mucho más gruesas que el muslo de un hombre y largas de veinticinco y de treinta pies; otras hay menores. Todas las adoraban aquellos indios por su grandeza y monstruosidad. Son bobas y no hacen mal; dicen que una maga las encantó para que no hiciesen mal, y que antes eran feroces. Al tigre adoraban por su ferocidad y braveza; decían que las culebras y los tigres eran naturales de aquella tierra, y, como señores de ella, merecían ser adorados.*¹⁶⁰

Descontando a tradução cultural e os exageros típicos do período, onças (tigres) e sucuris (cobra grande) são animais característicos da fauna local, como também do Vale amazônico. A identificação desses animais como deuses daqueles indígenas deve-se menos a um esforço etnográfico precoce de Garcilaso, do que a uma descrição do maravilhoso, tão presente nos textos relacionados ao Novo Mundo. O relato de tais idolatrias viria somar-se ao canibalismo como argumentos decisivos para a evangelização desses povos, imprimindo uma das justificativas para a sua conquista.

O estranhamento perante uma variedade tão grande de espécies também saltava os olhos dos primeiros narradores. Cieza de León fala sobre a fauna na região dos *antis*:

¹⁵⁸ Cf. FAVRE, A *Civilização Inca*, p.22.

¹⁵⁹ Cf. LAVALLE, “El Inca Garcilaso de la Vega”, p.135-137

¹⁶⁰ Garcilaso, *Comentarios Reales*, p.200

*y como estas montañas sean tan grandes, puédese tener ser verdad lo que dicen de haber en ellas muchos animales, así como osos, tigres, leones, dantas, puercos y gaticos pintados, con otras salvajinas muchas y que son de ver; y también se han visto por algunos españoles unas culebras tan grandes que parecen vigas, y éstas se dice que, aunque se sienten encima dellas y sea su grandeza tan monstruosa y de talle tan fiero, no hacen mal ni se muestran fieras en matar ni hacer daño a ninguno.*¹⁶¹

Animais de grande porte, muitos dos quais inexistentes em solo amazônicos, são esperados para uma região que, apesar de já ter sofrido as primeiras incursões no tempo em que Cieza de León escreve essa passagem, permanece virtualmente desconhecida. As dimensões exageradas das serpentes também ganham destaque; e Cieza, tal qual fez Garcilaso anos mais tarde, ressalta o contraste entre a “docilidade” e o tamanho destas. No fragmento a seguir, o cronista fornece pormenores da história a respeito do “encantamento” que essas cobras teriam sofrido:

*Tratando yo en el Cuzco sobre estas culebras con los indios, me contaron una cosa que aquí diré, la cual escribo porque me la certificaron, y es que en tiempo del inga Yupangue, (...) salieron por su mandado ciertos capitanes con mucha gente de guerra a visitar estos Andes y a someter los indios que pudiesen al imperio de los ingas; y que entrados en los montes, estas culebras mataron a todos los más de los que iban con los capitanes ya dichos, y que fué el daño tanto que el Inga mostró por ello gran sentimiento; lo cual visto por una vieja encantadora le dijo que la dejase ir a los Andes, que ella adormiría las culebras de tal manera que nunca hiciesen mal; y dándole licencia, fué a donde habían recebido el daño; y allí, haciendo sus conjuros y diciendo ciertas palabras, las volvió de fieras y bravas en tan mansas y bobas como agora están.*¹⁶²

Muito além dos portentos naturais que guardavam a entrada da floresta, também é possível encontrar seres fantásticos, nascidos a partir da união entre mulheres e o que Cieza de León entende como demônios:

¹⁶¹ Cieza de León, La Crónica del Perú, p.301.

¹⁶² Idem, Ibidem, p.301-302.

*En las más de las cuales dicen también (que yo no las he visto) que hay unas monas muy grandes que andan por los árboles, con las cuales, por tentación del demonio (que siempre busca cómo y por dónde los hombres cometerán mayores pecados y más graves), éstos usan con ellas como mujeres, y afirman que algunas parían monstruos que tenían las cabezas y miembros deshonestos como hombres y las manos y pies como mona; son, según dicen, de pequeños cuerpos y de talle monstruoso, y vellosos. En fin, parecerán (si es verdad que los hay) al demonio, su padre. Dicen más: que no tienen habla, sino un gemido o aullido temeroso.*¹⁶³

Nesse fragmento verifica-se a imbricação entre os relatos colhidos pelo cronista e o seu próprio estoque cultural. A narrativa nos permite reconhecer uma avaliação pessoal do autor, na qual ele se afasta do esforço de compreender o significado daquela descrição para os seus informantes, apressando-se em considerar a relação bestial que descreve como obra demoníaca. Desse modo fecha uma trindade importante para que os povos em questão demandem a intervenção dos cristãos: canibalismo, idolatria e envolvimento com o demônio.

Em um balanço sobre as descrições feitas sobre a terra dos *antis* pelos povos do altiplano, encontramos a imagem de uma gente completamente daquela que os espanhóis encontraram em Cuzco. Os *antis* configuram "gente de menor razão", sentença recorrente nas narrativas quinhentistas. Em tudo são inferiores aos incas, não possuem lideranças definidas, dispõem de cultura material rústica, não conhecem a vida urbana, a agricultura intensiva, são idólatras e canibais.

Por muito tempo, as descrições acima foram estendidas para a maior parte dos povos amazônicos, tanto os que viviam no *piedemonte* andino, quanto para os que estavam situados na floresta, ou até mesmo na várzea. Os estudos da primeira geração de arqueólogos a investigar a região, com destaque para Betty Meggers, procuraram confirmar a tese do desnível evolutivo, já anunciada pelo *Handbook of South American Indians*. As descrições sobre os *antis* forneceriam material para reforçar essa impressão de superioridade dos indígenas do altiplano.

As descrições sobre os povos *antis* constituem a primeiríssima visão que os espanhóis tiveram acerca dos habitantes de sua fronteira oriental, quando essa região ainda estava muito distante de ser conhecida em sua plenitude. De acordo com Auxiliomar Ugarte, a Amazônia, e

¹⁶³ Id, Ib, p.302-303.

nesse caso tomada em toda a sua extensão, viria a se tornar um alimento para a imaginação dos castelhanos ao longo do século XVI.¹⁶⁴ A presença de seres fantásticos como os descritos constitui um estimulante capaz de aguçar a sua curiosidade, pois como afirma Giulia Lanciani, maravilhoso funciona como um critério de diferenciação cultural, manifestando-se por meio do estranhamento, pela surpresa diante de algo que se choca com as imagens habituais, portanto, associa-se ao novo, geralmente ligando-se às regiões remotas e desconhecidas.¹⁶⁵

A belicosidade e a barbárie daqueles povos também são catalisadores para o interesse hispânico, afinal o triunfo sobre adversários tão valorosos constitui um elemento que dignifica a vitória dos cristãos. O combate aos bárbaros é, como sabemos, um dos elementos formadores da religião legada por São Pedro, estando presente desde a luta contra o paganismo nos primórdios da Igreja. Praticantes do canibalismo, de um culto aos animais da floresta e com mulheres acostumadas a praticar a cópula com seres demoníacos e parir aberrações constitui, em uma última instância, uma agressão aos princípios do cristianismo. Competia aos súditos dos reis católicos extirparem completamente aquelas práticas.

2.3 A TERRA DAS PROVÍNCIAS GRANDIOSAS:

Aos olhos dos conquistadores espanhóis, a incursão pela terra dos *antis* poderia ser uma oportunidade única de alcançar prestígio e fama. Falta, contudo, uma peça importante nessa engrenagem, qual o proveito material de uma *entrada* em uma região com as características apresentadas no tópico anterior? O interesse pela fronteira oriental não pode ser resumido ao espírito aventureiro dos expedicionários ou a uma atração irresistível pelo maravilhoso. Há outro lado dessa história que ainda precisa ser analisado com cuidado, correndo em paralelo aos eventos do primeiro século da colonização peruana.

Embora a conquista do Peru já tenha sido tantas vezes identificada com episódios pontuais, como a prisão de Atahualpa em Cajamarca (1532) ou o saque da cidade de Cuzco (1533), a pacificação do território foi um processo muito mais lento. Por quase quatro décadas, a resistência imposta por setores da antiga nobreza *cuzqueña* impediu que o ciclo da conquista se completasse.

Em 1536, Cuzco foi atacada e sitiada por um numeroso exército incaico liderado por Manco Inca, dando início a um cerco que duraria por um ano inteiro. Manco era meio-irmão de Atahualpa e pai do futuro narrador Titu Cussi Yupanqui. Quando finalmente foi rechaçado

¹⁶⁴UGARTE, “Margens Míticas”, p.4

¹⁶⁵Cf. LANCIANI, “O Maravilhoso como Critério ...”, p. 22

pelas forças espanholas, ordenou a construção de uma fortaleza, com vistas a se defender contra as investidas dos estrangeiros, mas também não suportou o assédio. Restou para Manco uma derradeira opção, sobre a qual era falar com seus homens:

*los que aquí estais presentes y me aveis seguido en todos mis trabajos e tribulaciones (...). Por vida vuestra que no os altereis de lo que os dixiere porque bien sabeis que la neçesidad muchas vezes conpela a los hombres a hazer aquello que no querrian (...) Ya me parece se ba haciendo tienpo de partirme a la tierra de los andes (...) y que me será forçado detenerme alla algunos dias.*¹⁶⁶

Manco Inca não ficou na “terra dos *antis*” por apenas alguns dias, como parecia ser o seu desejo; sua estadia durou de 1539 a 1545, ano em que morreu assassinado. Na região de Vitcos, ele fundara uma cidadela, nomeada como Vilcabamba, reduto que acabou se tornando o centro da resistência contra a presença dos invasores estrangeiros.¹⁶⁷ A escolha por aquela área é fácil de explicar, afinal, trata-se de um lugar isolado, com difícil acesso, impossibilitando para os espanhóis fazer uso de alguns dos seus recursos militares mais eficazes, como a cavalaria, por exemplo. O terreno íngreme, a mata fechada, as chuvas torrenciais e o clima quente e úmido eram aspectos favoráveis à defesa dos Incas de Vilcabamba:

*se desbarataron a si mismos por no ser señores de si en cuesta tan aspera por la mucha fatiga que las armas les daban y el gran calor que los ahogaban, que todo junto les causó la muerte a todos ellos, sin escapar caballo ni hombre vivo si no fueron dos, los cuales el uno pasó el rio a nado y el otro se salvó por una crisneja de la puente.*¹⁶⁸

A participação de guerreiros *antis* ao lado de forças incaicas é algo que, como vimos, pode ser notado desde os episódios iniciais da conquista espanhola. Muitos desses índios, por viverem nas bordas do antigo *Tahuantinsuyu*, mantinham relações comerciais de mandioca e coca com os povos do altiplano. A proximidade de alguns povos, dentre tantos outros que vivia sob o rótulo genérico de *antis*, pode ser explicada por essas trocas que remontam um

¹⁶⁶ Instrucción de Titu Cussi, p.25

¹⁶⁷ Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, Uma Experiência Europeia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 1997. p.533.

¹⁶⁸ Instrucción de Titu Cussi, p.28.

período anterior ao da conquista. Aparentemente, a afamada belicosidade dos seus aliados foi tão decisiva quanto às características naturais do *antisuyu* para a escolha do lugar da cidadela:

*Y unos andes que a la sazón les pararon luego de tal suerte, que antes que pudiesen huir mucho trecho avance, tornaron del camino mal de su grado, derrocándolos de sus caballos abajo e trayéndolos por fuerza para hacer delos sacrificio; a todos los cuales dieron muy crudas muertes y aun algunos quemaron.*¹⁶⁹

O estabelecimento de elementos oriundos da nobreza de Cuzco em Vilcabamba foi aos poucos se tornando menos um projeto de resistência aos invasores, do que uma tentativa de sobreviver à margem do território que fora antes dominado por eles. Vinte anos após a morte de Manco Inca a cidade ainda resistia, mas a duras penas. O “Inca de Vilcabamba” era agora Titu Cussi, o nosso narrador, que àquela altura havia iniciado negociações com o governo colonial, em busca de um acordo capaz de lhe beneficiar e por termo na resistência. O emissário Diego Rodriguez de Figueroa descreve o encontro ocorrido na cidadela:

*unas carocinas de plumas de muchos colores y con vna patena de plata delante de los pechos e vna rodela de oro en sus manos e vna media lanza con el hierro e vnas cintas que volteaban la lanza, e vnos garabatos, e todo de oro. Traía vnos cenojilles de plumas en las pantorrillas y en los tovillos, colgado de ellos vnos cascabeles de palo. Traía en la cabeza un diadema de muchas plumas asimesmo en el pescuezo otra. Traía vn puñal dorado en la mano de la rodela de Castilla, y venía enmascarado de vn mandul colorado que ellos se ponen e á cabos morados de diferentes colores.*¹⁷⁰

Plumas, cores e a máscara, juntos a uma série de artefatos de ouro e prata, são indicativos de um soberano que já mesclava características da cultura material incaica com aquilo que começava a assimilar a partir da longa vivência com os *antis*. Juan de Matienzo, outro funcionário da burocracia colonial e igualmente narrador, também visitou à Vilcabamba. Sua descrição de Titu Cussi Yupanqui é desoladora:

¹⁶⁹ Idem p.30.

¹⁷⁰ Diego Rodríguez de Figueroa. “Relación del camino y viajes que Diego Rodríguez hizo desde la ciudad del Cuzco a la tierra de guerra, de Mango Inga que está en los Andes”. Apud.: CORDIVIOLA, Alfredo. *Uma Crônica Impossível: A Instrucción do Inca Titu Cusi Yupanqui*. Revista de Letras, São Paulo, 45 (2), 2005. p.180.

*lo primero que hizo fue dar quenta de su destierro y con lagrimas que movian a compasión eseusandose de los saltos que avia hecho porque avian sido por los malos tractamientos que a el y a su padre avian hecho los españoles, persiguiéndolos y no dexandolos en aquella pobre tierra a do desheredados de todo el Perú se avian acogido, a do avia muy poca carne y asi les hera forgado tomarla donde la hallasen por fuerza de armas y dio dos memorias firmadas de su nombre.*¹⁷¹

A leitura das impressões de Matienzo e Figueroa ratifica a ideia de que Vilcabamba se tornara mais um local onde os incas buscavam sobreviver do que necessariamente impor resistência ao avanço dos espanhóis. A pilhagem produzida nos arredores, saqueando gado e índios, era a maneira encontrada por eles para garantir a subsistência dos moradores da cidade. Dificuldades de abastecimento autônomo nos faz pensar em uma região pobre de recursos, sendo assim, insuficiente para despertar a sanha dos conquistadores por submetê-la. As incursões seriam, desse modo, especialmente motivadas pelo desejo de colocar um ponto final na longa resistência organizada pela nobreza de Cuzco?

Entendemos que a pacificação do território seja, de fato, um ponto importante, constituindo em alguma medida, um fator que deva ser considerado no conjunto das motivações para a organização das *entradas*. Todavia, seu lugar é, a nosso ver, periférico. A progressiva perda de força da resistência iniciada com a retirada de Manco Inca para Vilcabamba e acentuada a partir de seu assassinato fizeram com que os rebeldes se tornassem, cada vez menos, uma ameaça para o projeto de conquista castelhana. O inconveniente gerado pelos esporádicos assaltos produzidos junto aos territórios ocupados pelos cristãos não era, sozinho, um fator suficiente para justificar a mobilização de uma hoste repressora. Antes disso, é possível identificar na ação de homens como Matienzo e Figueroa, o esforço da burocracia colonial em procurar resolver a questão pela via diplomática.

A pacificação das terras era bastante pontual, quase sempre voltara para áreas onde a governança colonial mantinha algum interesse imediato. Buscava-se submeter regiões onde havia rotas importantes, que estavam próximas dos principais centros nos quais os castelhanos estavam estabelecidos, ou ainda, lugares onde um determinado indivíduo pretendia tomar posse após receber autorização para explorá-lo. Algumas das *entradas* amazônicas foram originadas com esse propósito, conforme veremos adiante, mesmo assim, em cada uma delas, será

¹⁷¹ Juan de Matienzo, *Gobierno del Perú*, p.195.

possível perceber a existência de outro interesse ainda mais decisivo, a crença de que a fronteira oriental era um lugar de riquezas incalculáveis.

Matienzo e Figueroa escrevem na segunda metade do século XVI, produzindo os primeiros testemunhos que indicam os poucos recursos disponíveis para os Incas de Vicabamba. Nos anos anteriores, circulava a crença de que esses homens teriam transportado os tesouros retirados de Cuzco para aquelas bandas, aguçando desse modo o interesse hispânico por desbravar a região. Retomando o cronista Cieza de León, é possível verificar a formulação desse entendimento:

*con algunos que le siguieron é sus mujeres é sirvientes, é todo su tesoro, que no era poco, se fue á meter (...) más adentro de los Andes, porque allí le pareció estaría seguro de los cristianos, sus enemigos, é no oirían los relinchos y bufidos de sus caballos, ni las tajantes espadas cortarían más en sus carnes. (...) Llevaba Mango Inga muy gran cantidad de tesoro, é muchas cargas de rica ropa de lana delgada é muy vistosa.*¹⁷²

O transporte de um tesouro inca para a terra dos *antis*, associado à Manco Inca ou não, tornou-se um boato repetido muitas vezes no Peru. Bernand e Gruzinski afirmam que apesar de tudo o que fora pilhado em Cuzco, *a todos esses tesouros roubados acrescentou-se a sombra daqueles que tinham sido subtraídos pelos indígenas e escondidos nos mais diversos lugares.*¹⁷³ Interrogados, os moradores do altiplano estimulavam a cupidez dos espanhóis, confirmando a existência de lugares dotados de uma incrível quantidade de ouro e prata. No relato de Xerez, quando este ainda está falando do espólio obtido em Cuzco, já transparecem as primeiras notícias a respeito da existência de outras províncias ricas nos arredores:

*Hay lugar de los que son subjectos al Cuzco, que agora estaba por Atabalipa, adonde dicen que hay dos casas hechas de oro, y las pajas dellas, con que están cubiertas, todas hechas de oro.*¹⁷⁴

O termo “Eldorado” ainda não era corrente nos tempos em que Francisco de Xérez escreve, mas já havia relatos sobre cidades de ouro no império colonial hispânico, com desta-

¹⁷² Cieza de León. *Guerra de las Salinas*. p.37-38.

¹⁷³ Cf. BERNAND & GRUZINSKI, *História do Novo Mundo*, p.525.

¹⁷⁴ Relación de Xérez, p.155-156.

que para as *Sete Cidades de Cíbola* e para o *País de Meta*. A descrição desses lugares fantásticos foi, como sabemos, muitas vezes atribuída ao imaginário ibérico dos narradores, projetando sobre a América as maravilhas que ouviam nas novelas de cavalaria produzidas a partir da península.¹⁷⁵

A crença na existência de províncias grandiosas na fronteira oriental, comparáveis ou, até mesmo, superiores ao que fora descoberto entre os Incas, resultará durante algum tempo na obsessão por encontrar aquilo que chegou a ser chamado de um “Novo Peru”. Essa busca foi inicialmente direcionada à “terra dos *antis*”, particularmente na região da *montaña*, situada no *piedemonte andino-amazónico*, porém, logo foi estendida para áreas mais profundas, chegando ao que hoje chamamos de Vale amazônico. A descrição dessas províncias irá, geralmente, seguir uma fórmula nas quais alguns elementos serão indispensáveis: localização em terras planas, população densa, homens vestidos e riqueza em ouro e prata.

Embora algumas vezes seja possível observar no discurso dos narradores a inserção de elementos da tradição ibérica, utilizados quase sempre como mediadores culturais, não se deve simplificar a análise desses relatos como se esses fossem uma mera projeção de sua própria cultura. Os homens em questão não são mais neófitos em terras americanas, muitos dos quais já viviam há mais tempo no Novo Mundo do que tinham vivido na Europa. Seus códigos culturais já estavam imbricados com o aprendizado obtido na América, com o diálogo com os povos indígenas e com tudo aquilo que puderam observar em suas andanças pelo continente. Tratar suas narrativas como produto exclusivo de sua imaginação europeia não é, portanto, a melhor forma de compreender as imagens por eles elaboradas.

Já na sequência dos eventos da conquista do Peru, diversas histórias começaram a chegar dando conta de províncias grandiosas escondidas na selva da fronteira oriental. Em larga medida, essas notícias eram recolhidas por intermédio dos indígenas que mantinham contato com os conquistadores. Um dos primeiros relatos foi apresentado a Pedro de Candía, mestre arcabuzeiro e veterano da empresa de Francisco Pizarro:

Pedro de Candía, riquísimo, (...) é, para los gastar é quedarse sin nada, no fué menester más ocasión de hacerle entender una india de su servicio, con quien era fama tenía conversación, que pasada la cordillera de los Andes daría en una tie-

¹⁷⁵ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, *Raíces Medievales de las Crónicas*.

*rra muy poblada, riquísima é proveída de muchos mantenimientos é ganados, é de las otras cosas que para sustentar la humana vida son necesarias.*¹⁷⁶

A terra revelada pela índia chamava-se “Ambaya”, constituindo a primeira de uma série de províncias grandiosas conhecidas por intermédio de relatos nativos. Foi por intermédio de uma dinâmica semelhante a essa que Francisco Pizarro e os seus sócios deram início a longa empreitada que culminou com a descoberta dos Andes. As terras mencionadas apontavam para a fronteira oriental, até então, uma área estranha para os conquistadores do Peru, lugar habitado pelos *antis* mencionados no tópico anterior.

A “Jornada de Ambaya” foi autorizada por Hernando Pizarro, com a anuência de seu irmão, o marquês e Governador do Peru. Juntamente a expedição de Candía foram autorizadas outras empresas, sobre as quais trataremos mais adiante. Um documento de 1538, conhecido como “Provisão dos Chachapoyas” firmado pelo próprio Francisco Pizarro, volta a mencionar a existência das províncias grandiosas na fronteira oriental:

*q. se vayan aumentando e poblando todos los mas pueblos que se pudieren poblar (...) e q. se descubran todas las tierras q. se pudieren descubrir porq. soy ynformado q. por la dha. prouinçia de los chachapuyas la tierra Adentro ay tierra de muchos caçiques e yndios rricos de oro e plata e otras tierras e probynçias de mucha gente q, no an dado a su mg^t. la obidiênçia e que ay despusiçion de tierra p^a. que se pueble de xpianos.*¹⁷⁷

Pizarro dá conta de informes a respeito de províncias localizadas “terra adentro”, ou seja, para além da região dos Chachapoyas, que se encontravam em uma zona limítrofe com a terra dos *antis*. É possível que o governador estivesse aludindo ao que fora revelado a Pedro de Candía, ou as notícias de que dispunha Sebastián de Benalcázar acerca da existência de uma cidade de ouro, ou ainda, ao relato de Diego de Ordáz, que concomitante ao processo de conquista do Peru, subiu o rio Orinoco, tomando conhecimento do riquíssimo “País de Meta”. É impossível dizer, tendo em vista que a formulação ainda é vaga, e até mesmo secundária.

¹⁷⁶ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.333.

¹⁷⁷ Provisión por la que se nombra a Alonso de Alvarado Teniente de Gobernador y Capitan General de Chachapoyas. In: Guillermo Lohmann Villena (Org.). *Francisco Pizarro Testimonio: documentos oficiales, cartas y escritos varios. Monumenta Hispano-Indiana. Tomo III*. Madrid: Departamento de Historia da América “Fernandez de Oviedo”, 1986. p.117. (Doravante: Provisión de las Chachapoyas).

Outro comandante de *entradas*, chamado Pedro Anzúrez, responsável pela “Jornada dos Chunchos”, avançou bem mais em direção ao oriente do que seu antecessor, Pedro de Candía. Sua expedição foi uma das primeiras a superar a região da *montaña* e atingir o Vale amazônico. A descoberta das terras planas não trouxe consigo o encontro das províncias grandiosas, mas já era um sinal animador. Desejoso de saber o que haveria adiante, Peranzures determina que Juan Alonso Palomino siga em frente a fim de averiguar, buscar comida e certificar-se se era seguro meter o seu *real* por aquelas terras desconhecidas. O batedor avança por doze léguas, sem encontrar nada digno de nota, a não ser *pueblos* pequenos e carentes de mantimentos. Porém, se o que viram não era animador, o que os homens de Peranzures ouviram foi capaz de reanimar seu espírito:

*todos afirmaban que latierra ya toda era llana, é sin haber ninguna montaña ni cosaque les embarazase, é que veinte é cinco jornadas de allí estabaun rio (...) que era grande y en gran manera poderoso, é tan anchoque no se parecía el ámbito de la una tierra á la otra, é quehabia en él muy grandes islas pobladas de gentes, (...) muchas nacionesde indios que tenían diferentes lenguas, é que había grandísimacantidad de ovejas é muchos venados, é otras comidasde todas maneras, é frutas muy sabrosas é gustosas; é que lasmás de aquellas gentes andaban vestidas, é las mujeres eranmuy hermosas é los hombres de grandes rostros.*¹⁷⁸

Observamos que nos relatos nativos, as províncias grandiosas estavam sempre adiante, diversos passos a frente, gerando sempre a dúvida: após tanta dificuldade, valia a pena continuar perseguindo-as? Ou a melhor decisão seria retornar para a segurança do Peru? Podemos imaginar que, especialmente no primeiro ciclo das *entradas* amazônicas, ocorrido na passagem entre as décadas de 1530 e 1540, ainda estava muito fresca na memória dos expedicionários as agruras enfrentadas por Francisco Pizarro antes de seu triunfo. Muitos dos capitães dessas novas jornadas eram, como Pedro de Candía, veteranos do Peru. Por outro lado, como veremos, também já havia a convicção em parte desses expedicionários que a verdadeira terra rica já havia sido descoberta, e quanto mais eles entravam naquela floresta, mais se afastavam dela.

Podemos antecipar que, em muitas ocasiões, a insistência por levar a *entrada* adiante é um desejo pessoal do comandante, interessado em não perder sua oportunidade de glória. De-

¹⁷⁸ Cieza de León, *Guerra de las Salinas* p.376.

sejo que nem sempre era partilhado pela tropa, em especial quando as dificuldades já estavam conduzindo os homens ao sofrimento físico e à descrença em relação ao êxito da empresa. Gonzalo Pizarro, em sua “Jornada da Canela”, também se lançara em direção ao *antisuyu* por força de boatos recolhidos junto aos indígenas de Quito, bem como de espanhóis que percorreram aquelas zonas. Frustrado com o caráter incipiente da especiaria, o comandante teria interrogado os indígenas da região:

*y aquí procuré de tomar indios naturales, y tomados, con ellos atraje de paz al cacique y señor dista provincia; al cual, interrogándole por la tierra adentro, fui del informado que mais abajo era la buena tierra, y estaba muy poblada de gente, y andaba vestida, porque la que hasta aquí había topada toda andaba desnuda.*¹⁷⁹

A versão desse interrogatório apresentada por Pedro Cieza de León oferece mais detalhes e nos permite visualizar a ansiedade do comandante por comprovar a existência das províncias que procura:

*é preguntóles (...) si los montes se acababan, é si darian presto en tierra llana y en provincias que fuesen muy pobladas; (...) respondieron que ellos no sabian ninguna cosa (...) Gonzalo Pizarro se enojó en ver que los indios no le daban respuesta nenguna que fuese conforme á lo que deseaba (...) mandó que, puestas unas cañas atravesadas con unos palos á manera de horquetas, tan anchas como tres piés é tan largas como siete, lago ralas, que fuesen puestos en ellas aquellos indios, y con fuego los atormentase hasta que confesasen la verdad (...) decian con voces bárbaras é muy entonadas: “¿Cómo nos matais con tan poca razon, pues nosotros jamás os vimos ni nuestros padres enojaron á los vuestros? ¿que-reis que os mintamos é digamos lo que no sabemos? (...).Gonzalo Pizarro, no solamente no se contentó de quemar los indios sin tener culpa nenguna, mas mandó que fuesen lanzaddos otros de aquellos indios, sin culpa, á los perros, los quales despedazaban con sus dientes é los comian.*¹⁸⁰

¹⁷⁹ Carta de Gonzalo Pizarro, p.87.

¹⁸⁰ *Guerras Civiles del Perú II. Guerra de Chupas*. In: Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España.(Tomo LXXVI). Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, p.1881., pp. 65-66 (Doravante: Cieza de León, Guerra de Chupas.)

Para que possamos entender melhor o cruzamento e o contraste entre as narrativas de Cieza de León e Gonzalo Pizarro, talvez seja oportuno fazer duas observações pontuais. No tempo em que o primeiro redige seu texto, poucos anos haviam se passado desde que Gonzalo fora decapitado sob a acusação de traição a Coroa espanhola (1548). Sua imagem estava inevitavelmente comprometida por ter se voltado contra Carlos V, sendo possível que o cronista tenha adquirido certa aversão pelo personagem. Na verdade, Cieza de León não cansa de declarar, em diferentes trechos de sua crônica, o quanto as guerras intestinas foram prejudiciais ao bom desenvolvimento do Peru. Em segundo lugar, o perfil desse cronista costuma ser apontado como de um sujeito preocupado com a dignidade dos povos ameríndios, de modo que é compreensível sua reprovação sobre a violência contra os naturais da terra interrogados por Gonzalo.¹⁸¹

O irmão do governador, por seu turno, jamais informaria o uso de violência excessiva contra os indígenas, tendo em vista que os comandantes das jornadas eram sempre alertados para que não fizessem mal aos nativos. Cieza de León escreve um testemunho indireto, mas bem informado pelos homens que acompanharam Gonzalo em sua frustrada empresa em direção à Canela. Descontando a possibilidade de que tenha exagerado nas cores com que pintou o interrogatório/tortura dos indígenas, cabe atentar para a persistência do comandante espanhol em ouvir a resposta que desejava. Gonzalo Pizarro aguardava pela confirmação da existência de províncias ricas, caracterizadas por todos os lugares-comuns que tratamos antes, e que acabaram reaparecendo nas perguntas que fez aos seus prisioneiros. A fala do índio, que afirma jamais ter visto os espanhóis, nos sugere que, não sabiam a resposta correta. Tal situação irá se inverter mais adiante, ao travarem contato com outros habitantes da região:

(...) hallaron un rio tan grande que no lo pudieron vadear, y los indios tenían canoas á sus riberas (...) y como Gonzalo Pizarro lo vió y supo que él era el señor de aquel rio en que estaban, se holgó é le hacia mucha honra dándole algunos peines é cuchillos (...) é preguntóle que le dijese si hallaria alguna tierra que fuese buena, de que ellos toviessen noticia, para que él pudiese ir. El cacique se habia arrepentido por haber salido de paz, y como ya tenia noticia de la muerte que habían dado á muchos indios, porque no les habían querido dar alegres nuevas de

¹⁸¹ Cf. FERREIRA. *Dilemas de um Conquistador*, 1992.

*lo que le preguntaban, determinó aunque fuese mentira, de les decir que adelante habia grandes poblados é regiones muy ricas, llenas de señoes muy poderosos.*¹⁸²

A violência empregada por Gonzalo Pizarro levou os indígenas a responderem o que este queria ouvir, recorrendo à fórmula de que *adiante achariam províncias grandiosas*. Como veremos adiante, os expedicionários e, principalmente, seus comandantes pareciam ansiosos por encontrar um “novo Peru”. A esperança por realizar uma grande conquista aumentava, na medida em que as características desses lugares traziam elementos andinos, tais como cultura urbana, construções em pedra, roupas de algodão, adoração ao sol, temperaturas baixas, etc.

A maior parte das *entradas* não passou nem perto dessas províncias. Porém, entre 1541 e 1542, a expedição liderada pelo capitão Francisco de Orellana, originada a partir de um destacamento da “Jornada da Canela”, navegou pelo hoje chamado rio Amazonas até a sua foz, tomando contato com inúmeras regiões que foram caracterizadas com todos os elementos anteriormente citados. Lugares como a “província de Machiparo” e a “província dos Omágua” foram descritas como terras muito povoadas, riquíssimas em artefatos de ouro e prata, dotadas de estrutura urbana, casas de pedra e assentadas sobre terras muito promissoras, no que concerne a um projeto de conquista e povoamento.

No ano de 1549, um grupo de aproximadamente cento e cinquenta tupis chega ao Peru, alegando ter vindo da costa da América portuguesa. Essa longa migração já vem sendo estudada pelos etnógrafos desde pelo menos a primeira metade do século passado. Na ocasião de sua chegada aos Andes, o governante em exercício era Pedro de la Gasca, responsável por uma carta que foi enviada ao Conselho de Índios a fim de informar o ocorrido:

*recebi a carta (...) de Juan Pérez de Guevara, morador dos Chachapoyas, em que me escreve como chegaram aos confins de seu repartimiento o número de 150 índios flecheiros com seus filhos e mulheres e com outros que haviam tomado no caminhos, os quais segundo havia-se entendido, haviam vindo desde a costa do Brasil.*¹⁸³

Na carta de La Gasca, como bem registrou Antônio Porro, não há qualquer menção a províncias ricas e grandiosas. Tais informações foram apresentadas somente um pouco mais

¹⁸² Cieza de León, *Guerra de Chupas*, pp.68-69

¹⁸³ Carta de Pedro de La Gasca. Apud: PORRO, *As Crônicas do Rio Amazonas*, p.77.

tarde por Pedro Cieza de León.¹⁸⁴ Na condição de cronista nomeado por La Gasca¹⁸⁵, ele muito provavelmente teve acesso ao breve relato de seu superior. Além disso, Cieza de León, como sabemos, circulou por diversas regiões do Peru, recolhendo informações para a sua crônica. Sendo contemporâneo aos eventos, é bem possível que tenha fundamentado parte do que narra acerca da chegada dos índios brasileiros em testemunhos orais:

*llegaron a la ciudad de la Frontera (...) más de docientos indios, los cuales contaron que había algunos años que, saliendo de la tierra donde vivían número grande de gente dellos, atravesaron por muchas partes y provincias, y que tanta guerra les dieron, que faltaron todos, sin quedar más de los que dije. Los cuales afirman que a la parte de levante hay grandes tierras, pobladas de mucha gente, y algunas muy ricas de metales de oro y plata.*¹⁸⁶

As notícias trazidas pelos *indios brasis* foram responsáveis por recarregar as baterias espanholas no que concerne o interesse pela fronteira oriental. O relato que trouxeram acerca de províncias ricas e grandiosas localizadas ao longo de um grande rio que serpenteava pela selva, nas quais viviam populações muito numerosas e dotadas de um grande poderio militar, com os quais os *indios brasis* teriam travado combate, coincidia com os testemunhos obtidos junto aos nativos do altiplano. O projeto de conquistar a fronteira oriental retorna à agenda espanhola.

A crença na possibilidade de tomar parte em uma nova conquista vultosa, comparável aos grandes feitos castelhanos em terras americanas, como o triunfo sobre os mexicas e os incas, é uma das justificativas centrais para o interesse dos espanhóis pela fronteira oriental durante o período que analisamos. Sua recorrência nos relatos quinhentistas fazem com que a evangelização dos indígenas e a pacificação do território, sobre os quais falamos anteriormente, pareçam questões secundárias, ou mesmo, consequência inevitável a partir da realização do objetivo precípua. Para os homens que assistiram o sucesso dos conquistadores do Peru, permanecendo à margem dos espólios e das benesses, era uma oportunidade marcada pela ambiguidade. Se por um lado, poderiam ser protagonistas de um novo feito, obtendo privilégios semelhantes, por outro lado era o princípio do afastamento de terras onde as riquezas materiais já tinham se provado uma realidade.

¹⁸⁴ Cf. PORRO, *As Crônicas do Rio Amazonas*, p.75.

¹⁸⁵ Cf. FERREIRA, *Dilemas de um Conquistador*, 119.

¹⁸⁶ Cieza de León, *Crónica del Perú*, p.261.

Apesar de fracassos sucessivos, por um tempo, a fronteira oriental permaneceu inspirando a organização de novas expedições. Apesar da retroalimentação de informações das *entradas*, ou seja, do aproveitamento das notícias trazidas pelos expedicionários que retornavam, a principal fonte de informações para os espanhóis permanecia sendo os relatos indígenas. Uma vez que, quase nunca, o que era contado se confirmara, devemos nos perguntar se há um interesse claro desses em mentir para os espanhóis. O envio para a terra dos *antis* seria uma forma de afastar e punir os invasores estrangeiros? Havia de fato as tais províncias grandiosas? Tais indagações só poderão ser resolvidas parcialmente, dentro dos limites dos relatos que estão disponíveis.

Em outra perspectiva de análise, devemos questionar a existência de interesses ligados à agenda dos próprios governantes do Peru em afastar um contingente numeroso de castelhanos desprovidos de espólios e benesses das terras administradas por eles. Esse é um problema um pouco mais fácil de lidar, nos debruçaremos sobre ele no tópico seguinte.

2.4 A TERRA PARA A GENTE OCIOSA:

Escrevendo entre 1533 e 1534, Francisco de Xerez observou que *a cada día le venia gente de nuevo, que concurría á la fama de la riqueza*.¹⁸⁷ A cena é apenas o início de um grave problema que afetou a governança do Peru nos anos subsequentes, resultado das enormes expectativas causadas pela propagação das notícias acerca dos tesouros existentes nos Andes. Provenientes do reino e de outras partes da América, um número considerável de aventureiros passou a chegar ao Peru, em um ritmo mais acelerado do que a região demandava. Cada um desses homens trazia consigo um desejo explícito, tomar parte no butim, fosse saqueando o que ainda houvesse para pilhar, ou participando de alguma empresa capaz de lhe render uma *encomienda*.

Os primeiros que chegaram foram imediatamente aproveitados, pois além da resistência imposta pelos homens de Manco Inca, tensões internas ao grupo dos espanhóis passaram a comprometer a estabilidade da ordem colonial. Por décadas, os povoadores se viram presos a uma sucessão de guerras civis. Ora lutando em bandeiras de caudilhos, ora participando de confrontos entre as forças realistas e as “peruanas”, os novos espanhóis constituíram um importante contingente a ser aproveitado. O problema começava, no entanto, na hora de recom-

¹⁸⁷ Relación de Xerez, p.163.

pensá-los por sua participação, era preciso satisfazer minimamente os seus anseios, porém, os *pueblos de indios* já estavam nas mãos dos conquistadores de primeira hora.

Um exemplo claro dessa situação ocorre em 1538, ano do desfecho do primeiro confronto aberto dividindo espanhóis. Em lados opostos estavam Francisco Pizarro e Diego de Almagro, antigos sócios que se converteram em inimigos jurados, por conta do desacordo a respeito da partilha dos espólios da conquista. As forças *pizarristas* e *almagristas* se enfrentaram durante a Batalha das Salinas,¹⁸⁸ resultando na prisão e posterior execução em praça pública de Almagro, sob a pecha de traidor. Ao termino da peleja, uma porção dos combatentes aguardava com uma ansiedade indisfarçada por sua recompensa, ou pelo menos, pelo direito de pilhar o lado derrotado. Um clima de tensão estava presente, pois aquela gente não poderia ficar sem resposta. O cronista Cieza de León conta que ao meio-irmão de Francisco Pizarro, Hernando, coube acalmar os ânimos da tropa:

en este tiempo, muy grande era el cuidado que tenía en mirar por su persona, porque como muchos de los que con él se hallaron en las Salinas viniesen no con otro propósito que robar lo que pudiesen, y con esperanzas de que les darían repartimientos de indios, é viendo que ninguna cosa les quería dar, antes por los entretener decía que el Gobernador, su hermano, venia con brevedad, é poblaría las Charcas é Arequipa; de los tales dichos hacían burla, no teniendo en nada la tierra más riquísima é aventajada que en todas las Indias hasta ahora hay, porque, aunque en muchas partes delas se saque crecido número de plata é oro, no se iguala con lo de acá.¹⁸⁹

Há duas questões que precisam ser sublinhadas nesse fragmento para que possamos entender os interesses da governança colonial do Peru em organizar novas *entradas* e, ao mesmo tempo, o modo como eram vistas por parte dos envolvidos nessas empresas.

Perante o risco de perder o controle dos combatentes, Hernando Pizarro prometeu que seu irmão autorizaria novas *entradas*, artifício que lhe permitiria ganhar tempo e supostamente apaziguar a sanha dos descontentes. Por um lado, o povoamento de territórios adjacentes a Cuzco ampliaria os domínios governados pelos Pizarro e ao mesmo tempo tornaria possível a cessão de novas *encomiendas* para os recém-chegados. Por outro lado, como será possível

¹⁸⁸ A batalha foi assim chamada por ter ocorrido nas antigas salinas indígenas de Cachipampa, localizada a menos de uma légua de Cuzco. Cf. BERNAND & GRUZINSKI, *História do Novo Mundo*, p.533-534.

¹⁸⁹ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.333

notar no próximo fragmento, esse expediente retiraria grande parte daqueles indivíduos da rota de atuação da família, deslocando para a periferia uma multidão ociosa e potencialmente perigosa.

A segunda questão incide sobre a percepção, já verbalizada pelos insatisfeitos, de que não haveria região mais rica naquelas bandas do que o próprio Peru. Em certa medida, estamos diante de uma das principais razões para o fracasso das empresas amazônicas. Os dissabores vividos na descida para a *montaña* fazia com que os expedicionários, invariavelmente, recordassem que estavam se afastando das melhores porções do império hispânico em busca de uma aventura incerta. Há de se notar, entretanto, que 1538 é o ano das primeiras *entradas*, portanto, ainda não se falava tanto sobre a fronteira oriental como irá se falar após o regresso dos primeiros expedicionários. A despeito disso, Hernando Pizarro anuncia a liberação das expedições:

*Hernando Pizarro, como otra cosa no desease que ver fuera de la ciudad del Cuzco tantos españoles como en ella estaban, porque habia más de mil é seiscientos (...) é por virtud del poder que del Gobernador, su hermano, tenia (...) dio comisión para que, como su capitán, pudiese descubrir (...) Alonso de Alvarado (...) á las provincias de las Chachapoyas; Pedro de Vergara, (...) la entrada de los Bracamoros, (...) y á Alonso de Mercadillo nombró también por capitán de los Chupachos.*¹⁹⁰

Cuzco não era a única cidade repleta de gente ociosa, situação semelhante ocorria em Quito. Em 1539, Gonzalo Pizarro, outro dos irmãos de Francisco, havia sido nomeado governador daquela localidade. Chegando a região, logo tomaria ciência por meio de informantes indígenas, mas também por espanhóis que teriam se aventurado em *entradas* pela fronteira oriental, a respeito de províncias riquíssimas denominadas como Vale do Eldorado e País da Canela. Desse modo:

*como Gonzalo Pizarro desease emprender alguna conquista é vido que había en aquella ciudad mucha gente, todos mancebos y soldados viejos, codició descubrir el valle del Dorado (...) y lo que dicen de la Canela.*¹⁹¹

¹⁹⁰ Idem, Ibidem, p.333-334.

¹⁹¹ Cieza de León. *Guerra de Chupas*, p.62

Durante o período em que permaneceu ausente, à procura dessas terras fabulosas, Gonzalo Pizarro ficou alheio a uma série de transformações ocorridas em *Nueva Castilla*. Em junho de 1541, o filho mestiço de Almagro envolveu-se no assassinato de Francisco Pizarro, sendo a seguir proclamado “Governador do Peru” pelos partidários de seu pai.¹⁹² O monarca espanhol tinha outros planos, enviando para a região Cristóbal Vaca de Castro, com a missão de colocar termo na rebelião e assumir a governança.¹⁹³

Almagro, o moço, não reconheceu a autoridade de Vaca de Castro e, por conseguinte, a do soberano, refletindo o que Bernand e Gruzinski chamam de “desenraizamento dos mestiços”.¹⁹⁴ Além disso, sabendo da existência daquela multidão ociosa, manipula as ambições destes com promessas de recompensas para quem lhe ajudasse a repelir o emissário do rei. Os *pizarristas*, por seu turno, movidos pelo revanchismo, engrossam as fileiras realistas. O confronto entre as facções ocorre no episódio conhecido como “Batalha de Chupas”, no qual se deu a vitória dos monarquistas. Almagro terminou executado posteriormente.

A cena a seguir, repete a fórmula que vimos antes, os combatentes da “Batalha de Chupas” também esperavam por *benesses* em reconhecimento por sua participação na refrega. Vaca de Castro redistribuiu as *encomiendas* dos que morreram no conflito, porém isso ainda não fora suficiente para atender a todos. Mais uma vez, é observado o expediente da concessão de licenças para descobrir, não apenas direcionadas para a fronteira oriental, como também para a região do Chile. Agustín de Zárate descreve essa situação:

*Vencida la batalla de Don Diego, y pacificada la tierra, le pareció á Vaca de Castro que no (...) habia con qué gratificarlos á todos, si no fuese enviándolos á conquistas y entradas por la tierra; así, mandó al capitan Vergara que con la gente que había traído se tornase á su conquista de Bracamoros; (...) y envió al capitan Juan Perez de Guevara á conquistar la tierra de Mullobamba que él había descubierto; (...) nascen de las faldas de las montañas della dos grandes ríos que tienen las vertientes á la mar del norte; el uno es de Marañon.*¹⁹⁵

Do mesmo modo que ocorrera ao término da “Batalha das Salinas”, o arranjo de novas *entradas* busca dar conta de satisfazer os envolvidos na “Batalha de Chupas”, afastando-lhes das áreas centrais do Peru e criando possibilidades de recompensas. Essas situações nos per-

¹⁹² Cf. BERNAND & GRUZINSKI, *História do Novo Mundo*, p.552.

¹⁹³ Idem, p.551.

¹⁹⁴ Id., p.552.

¹⁹⁵ Zárate. *Historia del Descubrimiento*, p.348-349.

mitem identificar que mais do que o interesse pela fronteira oriental em si, as expedições viam atender demandas associadas ao cenário político-social vivenciado no Peru. O inchaço produzido pela fama das riquezas peruanas era aliviado pelo envio da gente ociosa para terras distantes. Não por acaso, o período de maior incidência das incursões coincide justamente com os anos mais turbulentos da política colonial do Peru.

Dois meses após a “Batalha de Chupas”, em novembro de 1542, a Coroa espanhola publica as chamadas *Leyes Nuevas*, um dispositivo legal responsável pela mudança drástica da organização de suas colônias no Peru. A partir dessas leis, declarava-se a abolição da governança de *Nueva Castilla*, substituindo-a pelo *Virreinato del Perú*. Essa modificação implicou diretamente na retirada do poder das mãos dos conquistadores, tornando o seu exercício uma faculdade destinada a um burocrata, representante direto dos interesses do monarca em suas colônias.¹⁹⁶ A legislação também determinava o fim das *encomiendas* hereditárias, orientando que depois da morte de seus titulares, estas retornassem ao controle da Coroa espanhola.

A reação dos detentores de *pueblos de índios* no Peru foi de total indignação, culminando em sua rebelião.¹⁹⁷ Gonzalo Pizarro foi nomeado procurador-geral pelos insatisfeitos, batendo de frente com Blasco Núñez de Vela, o primeiro Vice-Rei nomeado para o Peru, e consequentemente com a própria monarquia espanhola. Após a “Batalha de Quito” (1546), Gonzalo Pizarro derrota e executa Blasco Núñez, se autoproclamando “Rei do Perú”, algo que seria visto como um ato de traição ainda maior que o de Almagro, o moço.¹⁹⁸

Carlos V confere ao religioso Pedro de la Gasca a missão de resolver a questão do Peru. Assentado primeiramente no Panamá, o clérigo começa seu trabalho por meio da diplomacia e da paciência, buscando persuadir Pizarro e seus pares a respeito da sandice que seu ato representava. Pouco a pouco, La Gasca foi trazendo alguns dos principais para o seu lado, como o caso de Pedro Valdivia e Sebastián de Benalcázar, e mesmo Sayri Tupac, Inca de Vilcabamba àquela altura, teria assumido o compromisso de não receber Pizarro em suas terras. Isolado, Gonzalo Pizarro foi presa fácil para os monarquistas durante a “Batalha de Xaquixagana” (1548), a quarta guerra fratricida em um intervalo de apenas dez anos. Assim como

¹⁹⁶ Cf. ELLIOTT, John H. “A Espanha e a América nos Séculos XVI e XVII”. In: Leslie Bethell (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial*. (v.1). São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p.289.

¹⁹⁷ Em grande medida, a publicação das *Leyes Nuevas* (1542) é também fruto da militância de Frei Bartolomé de Las Casas junto ao imperador Carlos V. O religioso denunciara a crueldade dos *encomenderos* no tratamento com os nativos e o não cumprimento da obrigação de cuidar de sua evangelização. Cf.: SCHELL, Deise Cristina; MARTINS, Maria Cristina Bohn. “Em busca do Maravilhoso Americano: A Rebelião nos Escritos da Jornada de Omagua e Dorado”. *Em tempos de Histórias*, vol, nº 12, 2008. p.111

¹⁹⁸ Cf. BERNAND & GRUZINSKI, *História do Novo Mundo*, p. 534.

ocorrera anteriormente, várias concessões de licenças para descobrir foram conferidas por La Gasca, como forma de suprir a escassez de *encomiendas* para beneficiar a todos.

O exemplo definitivo para o trato com a questão da busca de terras para a gente ociosa aparece no final da década de 1550. Nesse período, começou a ser organizada uma das maiores e mais audaciosas empresas destinadas a conquistar as terras do “Eldorado”, a chamada “Jornada de Omágua e Dourado”, capitaneada por Pedro de Ursúa. Esse espanhol teria sido nomeado antecipadamente governador daquelas terras por Andrés Hurtado de Mendoza, o Marquês de Cañete, Vice-Rei do Peru entre os anos de 1556 e 1560. Grande parte da fama dessa expedição deve-se ao ato de rebelião liderado por Lope de Aguirre, culminando no assassinato de Pedro de Ursúa e na conspiração contra a Coroa espanhola.

O contexto de preparação da expedição de Ursúa ajuda a ter uma visão preliminar sobre os problemas vivenciados no interior dessa empresa. No fim da década de 1550, o Peru ainda tinha chagas abertas em função de tanto tempo afundado em guerras fratricidas. Entre os anos de 1553 e 1554 ainda ocorreram duas rebeliões de *encomenderos* descontentes, lideradas por Sebastián de Castilla e Francisco Hernández de Girón. De acordo com Manuel Lucena Salmoral, quando o Marquês de Cañete chegou ao Peru, havia aproximadamente 6500 desocupados, pronto para qualquer tumulto. As “operações de descarga”, como chama Salmoral, foram mais uma vez acionadas com o propósito de empurrar essas pessoas para as bordas do território.¹⁹⁹ Um dos lugares escolhidos foi o Chile, o outro a fronteira oriental.

Os integrantes da *entrada* de Ursúa eram, em sua esmagadora maioria, indivíduos provenientes dessa condição. O diferencial em relação às expedições anteriores seria, fundamentalmente, o fato de que esses homens já conheciam o histórico de empresas fracassadas que desceram os Andes em direção à Amazônia. A paciência dos membros do *real* com os percalços do caminho, os desmandos de Ursúa, bem como a privação de comida explodem em uma sequência de atos de violência. Francisco Vázquez, um de seus expedicionários e também um de seus principais testemunhos, justifica os eventos ocorridos:

algunos soldados de su campo (...) eran y habían sido traidores (...) en el Pirú en muchos motines contra el servicio de Su Majestad, algunos de los cuales habían venido á esta jornada á más no poder, que andaban huyendo y escondidos por delitos y traiciones que habían cometido, (...) y otros que, deseosos de los dichos motines habían venido desta jornada, porque públicamente se dijo en el Pirú que

¹⁹⁹ Cf. SALMORAL, Manuel Lucena (Coord.). *Historia de Iberoamérica*. Tomo II (Historia Moderna). Madrid: Cátedra, 1992. p.492.

*el gobernador Pedro de Orsúa no juntaba gente para jornada, sino para revolver sobre el Pirú por concierto hecho con el Visorey, lo cual fué falsedad y mentira (...) y estos tales, por desechar de sí la carga y trabajo de la jornada, y deseosos de volver á Pirú, andaban buscando y inventando cómo lo podrían hacer; y porque todos estos que digo eran gente baja y de poca suerte.*²⁰⁰

Como é possível verificar, os integrantes da “Jornada de Omágua e Dourado”, são qualificados, em sua maioria, como indivíduos que traziam consigo um longo histórico de envolvimento no que Vázquez chama de “motins contra o serviço de Sua Majestade”. Precisamos ter em mente que na condição de sobrevivente da entrada, Vázquez também estaria sobre suspeito de cumplicidade na traição liderada por Lope de Aguirre. O discurso desse e de outros autores que foram testemunhas oculares de suas narrativas precisam ser matizado de acordo com o seu próprio jogo de interesses.

De todo modo, pelo conjunto das questões apresentadas nesse tópico, cremos que foi possível demonstrar, em linhas gerais, como a organização das *entradas* amazônicas esteve sempre associada à ideia do alívio das tensões internas. A sucessão de guerras intestinas fez com que os espanhóis desenvolvessem rusgas entre si, e em relação aos administradores da Coroa, que só agravaram os problemas. A reivindicação de recompensas era uma questão que esteve sempre na pauta dos envolvidos nesses conflitos. O fracasso da maior parte das expedições não deu conta de cumprir seu papel, funcionando apenas como “operações de descarga”.

Neste segundo capítulo procuramos avaliar as principais motivações responsáveis pela organização das *entradas* realizadas na fronteira oriental do Peru, a partir dos conquistadores castelhanos. Nosso propósito foi demonstrar como a interação com os povos do altiplano foi capaz de despertar a atenção dos espanhóis para as terras situadas a leste de seus domínios, impulsionando-os para empresas de difícil execução, embora cercada de promessas acerca da existência de novas riquezas, capazes de gerar um novo feito de conquista comparável a episódios anteriores da história hispânica, dentre os quais está a própria conquista do Peru.

Apresentamos a imagem inicial da fronteira oriental como a “terra dos *antis*”, termo genérico utilizado pelos povos do altiplano para designar os grupos indígenas que viveriam na

²⁰⁰ Relación de Vázquez, p.31-32.

região do *antisuyu*, porção majoritariamente não submetida das terras que os incas consideravam como parte de seu domínio. A descrição da barbárie e da belicosidade dos habitantes do que hoje chamamos de *piedemonte andino-amazónico* foram estimulantes para a imaginação dos castelhanos, tendo em vista a oportunidade de submetê-los, como um ato favorável à expansão da cristandade, a partir da supressão de idolatrias e de práticas consideradas repulsivas, segundo a ótica dos cristãos, dentre as quais se destaca o canibalismo.

A fama de guerreiros ferozes foi amplificada pela associação de alguns desses grupos com setores da nobreza de Cuzco, reunida em torno da figura de Manco Inca, responsável pela organização da principal resistência nativa contra a expansão da conquista castelhana nas terras do Peru. Derrotar os *antis* implicaria em uma etapa importante para a pacificação do território, permitindo assim o prosseguimento da dominação sobre aquela porção do continente americano. Tal feito implicava em uma oportunidade ímpar para que os vassalos de Castela acumulassem *servicios* em benefício de sua coroa, condição que poderia lhes render, mais tarde, a obtenção de *benesses regias*, colaborando para a sua ascensão social e financeira.

Em paralelo ao desvelamento do *pidemonte andino-amazónico*, os espanhóis começaram a receber informações a respeito da existência de inúmeras riquezas escondidas na fronteira oriental. Por um lado, esses tesouros poderiam se relacionar a tudo o que fora retirado de cidades como Cuzco antes de sua chegada, tendo sido levado para a região da floresta pelos mesmos incas que organizavam a resistência. Por outro lado, essa perspectiva foi diluída na informação a respeito da existência de províncias muito ricas e povoadas por aquelas bandas, tornando a expectativa pela conquista ainda mais forte.

Por outro lado, buscamos identificar uma demanda característica da política colonial espanhola ao longo do recorte aqui analisado, associada à diminuição do contingente de espanhóis desocupados e desprovidos de *encomiendas* e outras regalias. Indivíduos nessa condição constituíam a base dos “homens a pé”, os peões que conformavam a parcela majoritária dos espanhóis envolvidos nessas *entradas*. A participação desses sujeitos foi, muitas vezes, utilizada pelos narradores para justificar o insucesso das empresas, particularmente naquelas que terminaram em insubordinações, rebeliões ou atos de traição.

CAPÍTULO 3

A DESCOBERTA DO VALE AMAZÔNICO

Arranjo e execução das *entradas* e as primeiras imagens da fronteira oriental

O alcance das *entradas* que incursionaram pela Amazônia quinhentista é variável. Algumas delas ficaram limitadas ao território da *montaña*, não conseguindo superar as serras e encontrando dificuldades para obter alimentos para abastecer uma hoste tão numerosa. Outras chegaram ao Vale, nas famosas “terras planas”, tão cobiçadas desde as primeiras notícias obtidas por intermédio dos informantes indígenas. Dos relatos disponíveis, é possível verificar com facilidade uma sensível mudança de cenário entre os dois pisos ecológicos, tanto no que concerne à descrição dos povos, quanto da natureza.

Conforme dissemos no primeiro capítulo, a historiografia brasileira restringiu as expedições responsáveis pelo primeiro contato com a Amazônia às que seguramente avançaram por terras que hoje pertencem ao território nacional. Essa perspectiva, como foi demonstrada, deve-se em larga medida às opções realizadas pelos primeiros historiadores do IHGB, interessados em construir a história da recém-criada nação, a partir de elementos relacionados prioritariamente com a colonização portuguesa. A produção dos anos subsequentes, se por um lado foi realizada a partir de critérios teórico-metodológicos bem distintos daquela observada pelos precursores do instituto, por outro lado conservou fundamentalmente o uso do mesmo *corpus* documental levantado por aqueles primeiros trabalhos.

As expedições de menor alcance, que atingiram somente a região da *montaña*, ou no máximo as zonas hoje situadas na chamada “Amazônia internacional” estiveram sempre à margem dessa historiografia. Tal fato é responsável pela ideia de contatos “excepcionais” e “esporádicos”, ou pela noção de que nunca houve um interesse sistemático por parte dos castelhanos em relação à fronteira oriental do Peru.

O estudo sobre as primeiras imagens da região chamada hoje de “Amazônia” vem sendo feito, basicamente, a partir de relatos pontuais, quase invariavelmente constituídos pelos “testemunhos diretos” dos participantes das *entradas*. De fato, tais relatos são mais ricos no que concerne a descrição dos povos e da natureza, funcionando como um excelente suporte para pesquisas no campo da arqueologia e da etnohistória. A inclusão dos “testemunhos indiretos” nesse caderno de fontes ajuda na percepção do processo de desvelamento da fronteira

oriental, permitindo comparações mais seguras entre as representações construídas acerca dos povos situados a leste, quebrando com uma leitura monolítica

O primeiro capítulo objetiva mapear as primeiras incursões na fronteira oriental, reinserindo as expedições de maior alcance, e mais conhecidas pela historiografia brasileira, em seu contexto original de planejamento. Busca-se também avaliar as contribuições que estas conferiram para o desvelamento da Amazônia, bem como as representações elaboradas acerca da *montaña* e do vale amazônico. Nessa análise respeitaremos um encadeamento cronológico, destacando as temáticas interiores em cada ciclo.

3.1 UM COMENTÁRIO PRELIMINAR SOBRE AS *ENTRADAS*:

Até a criação do Vice-Reino do Peru (1542), a licença para a organização de uma *entrada* poderia ser concedida pela burocracia colonial, quando destinada a pacificar ou povoar um território já incorporado ao Império espanhol. No entanto, ao menos em princípio, a autorização para a conquista de novas terras era uma prerrogativa do Rei e do Conselho de Índias, visto que importava à Coroa garantir o controle sobre os eventos desenvolvidos em suas possessões americanas. No conjunto das *entradas* amazônicas, como veremos, há situações que contemplam os dois casos; desde as expedições de alcance mais curto, organizadas a partir da governança dos irmãos Pizarro, até aquelas que avançaram até o Mar do Norte (Oceano Atlântico), cruzando o que hoje chamamos de Amazônia brasileira em quase toda a sua extensão oeste-leste.

As licenças régias ocorriam através de “capitulações”, sempre nominais, elegendo deste modo um comandante, responsável pelo planejamento da empresa, pelo recrutamento dos expedicionários, pelo levantamento dos recursos e pela liderança dos homens ao longo de toda a viagem. Mais do que isso, esse indivíduo era o principal responsável por todos os eventos ocorridos durante a jornada, bem como pelas consequências que esta poderia acarretar para o bem, ou para o mal. O comandante atua, acima de tudo, como um enviado da governança colonial e, em última instância, é o representante da pessoa e dos poderes do soberano, condição que lhe permitia tomar posse das terras descobertas em nome da Coroa espanhola.

Alguns americanistas sustentam que o perfil esperado para alguém que conduz uma hoste conquistadora corresponde à imagem de um *caudillo*, ou seja, um homem que atua como guia, capaz de impor sua autoridade perante um grupo, gozando do respeito e da admiração de seus subordinados, conhecedor do momento certo para repreender ou recuar diante das

opiniões contrárias.²⁰¹ O comandante precisava saber usar da diplomacia, costurando alianças com os principais indígenas, administrando os egos, as ambições e as frustrações de seus comandados. Fundamentalmente, era preciso estar pronto para permanecer firme nos momentos em que o *real* (conjunto dos expedicionários) enfrentava as maiores dificuldades, quando a vida e a segurança de todos se encontravam em risco.

As *entradas* que trataremos a seguir caracterizam-se pelo signo do fracasso, da *anti-conquista*, para retomar uma ideia de Guillermo Giucci²⁰² Muitas delas terminaram em rebelião, traição e até mesmo em assassinatos. Por um lado, os narradores quinhentistas justificam o insucesso dessas expedições devido à má liderança de seus comandantes, incapazes de conduzir o *real* de maneira adequada. Porém, como antecipamos no capítulo anterior, os homens que desceram a Cordilheira traziam em sua bagagem rancores, frustrações, ambições e uma dose de paciência já bem próxima do fim.

Desde as primeiras *entradas*, a busca por um “Novo Peru” dividia opiniões. Havia aqueles que se deixavam seduzir por essa ideia, acreditando na existência de províncias ricas e grandiosas na selva amazônica. Em contrapartida, outros não se deixavam persuadir pelo que chamavam de quimeras, identificando que o lugar mais rico da América meridional já havia sido descoberto e conquistado, era a terra onde reinaram os Incas. As expedições, como dissemos, expulsavam a porção indesejada dos espanhóis para longe dos centros onde estava a governança colonial, cumprindo, desse modo, o seu papel no alívio das tensões internas.

3.2 AS LICENÇAS DE HERNANDO PIZARRO:

Conforme exposto no capítulo anterior, terminada a “Batalha das Salinas”, Hernando Pizarro autorizou que alguns de seus capitães fizessem incursões pela fronteira oriental. O objetivo declarado seria a pacificação dos territórios adjacentes à área conquistada, visando iniciar o seu povoamento e, ao mesmo tempo, reprimir os focos de resistência contra a presença espanhola. Em outro plano, estava o intento de verificar se a “terra dos *antis*” fora o lugar escolhido pela nobreza Cuzco para esconder os tesouros incas, salvos da pilhagem espanhola. Além disso, como também já foi mencionado quando citamos o documento conhecido como “Provisão das Chachapoyas”, Francisco Pizarro solicitava que se averiguasse a informação corrente acerca da existência de províncias ricas, localizadas a leste de Cuzco.

²⁰¹ Cf. ROMANO, Ruggiero. *Os Mecanismos da Conquista Colonial: Os Conquistadores*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.34.

²⁰² Cf. GIUCCI, Guillermo. “Viagens: História e Literatura”. In: *Frei Gaspar de Carvajal*. São Paulo: Scritta, 1992. p.21-23.

Os índios conhecidos como “Chachapoyas” viviam nos arredores do que hoje chamamos de *Piedemonte andino-amazónico*, na face oriental dos Andes centrais. Segundo a historiadora Cristiana Bertazoni, embora esse grupo, na maioria das vezes, seja incluído no quadrante do *chinchaysuyu*, há autores que o situem no *antisuyu*, demonstrando a ausência de consenso acerca dos limites dessas zonas.²⁰³

A pacificação da terra, a busca pelos tesouros perdidos de Cusco e a descoberta de novas províncias explicam o interesse inicial dos espanhóis em relação à Amazônia. Porém, o fator decisivo para a execução dessas empresas reside menos nas expectativas criadas sobre a região, do que no ambiente vivido em *Nueva Castilla*. Como explicamos, as notícias sobre as extraordinárias riquezas do Peru se espalharam rapidamente por todos os cantos do Império espanhol, estimulando a chegada de um número muito grande de novos conquistadores, que passariam a formar uma massa de homens desocupados, desprovidos de *encomiendas* e ansiosos pela oportunidade de prosperar. Após o choque entre *pizarristas* e *almagristas*, foi preciso que Hernando começasse a lidar com as ambições desses indivíduos. Agustín de Zárate ajuda a reintroduzir o problema:

*Fenescida esta batalla, Hernando Pizarro trabajó mucho de venir en gracia con los capitanes de don Diego que habian quedado vivos, y como no pudo acabarlo, muchos desterró del Cuzco. Y porque vió que no tenia posibilidad de satisfacer los que le habian servido, porque cada uno pensaba que con darle toda la gobernation no quedaba pagado, acordó de deshacer el ejército, enviando la gente á nuevos descubrimientos, de que ya se tenia noticia con lo cual hacia dos cosas la una remunerar sus amigos, y la otra desterrar sus enemigos.*²⁰⁴

Boa parte dos recém-chegados acabou envolvida na Batalha das Salinas. A escolha por uma bandeira não era justificada, necessariamente, pela afinidade com a causa de Pizarro ou a de Almagro; o que estava em jogo era a chance de prestar um *servicio* aos *caudillos*, acreditando que por isso acabariam sendo recompensados. Uma vez vencedora as forças *pizarristas*, seus homens aguardavam impientemente as *benesses* que o marquês ofereceria em gratidão. Por outro lado, os que estavam no flanco de Almagro, esperavam pela definição de seu futuro. A concessão de licenças para descobrir seria capaz de equacionar os dois problemas, criando

²⁰³ Cf. BERTAZONI, *Representações do Antisuyu*, p.118.

²⁰⁴ Zárate, *Historia del Descubrimiento...*, p.235.

possibilidades para a distribuição de novas *encomiendas*, ao mesmo tempo em que afastava os descontentes e interessados em instigar qualquer tumulto.

O envolvimento dos desocupados nas *entradas* repassaria a responsabilidade pela administração dos seus ânimos aos capitães, homens de confiança dos irmãos Pizarro, muitos dos quais veteranos da conquista do Peru, cujo valor e fidelidade foram ratificados durante a luta contra os *almagristas*. Em princípio, as expedições deveriam descobrir e pacificar regiões situadas nos domínios, conferidos pela *capitulación de Toledo*, ao Marquês, permanecendo, portanto, sujeitas à autoridade de *Nueva Castilla*.

Os documentos disponíveis para a descrição e análise dessas *entradas* são majoritariamente testemunhos indiretos. O mais detalhado de todos é a narrativa de Pedro Cieza de León, particularmente no livro denominado *Guerra de las Salinas*. Nele conhecemos o ocorrido nas expedições de Pedro de Candía e Alonso de Mercadillo, ambas marcadas pela insubordinação dos seus comandados. Seu relato constituirá a base para o nosso estudo sobre essas experiências. As jornadas de Alonso de Alvarado e Pedro de Vergara são descritas sumariamente, de modo que não nos aprofundaremos nessas experiências. Em contrapartida, faremos uma apresentação detalhada de duas outras empresas: a que foi liderada por Pedro de Anzúrez de Campo Redondo, derivada da *Jornada de Ambaya*, e a de Diogo Nunes, ocorrida a partir de um destacamento da *Jornada de Guancachupachos*. Nesse último caso, recorreremos ao único testemunho direto conhecido para este ciclo.

3.2.1 Jornada de Ambaya

Pedro de Candía era um veterano da conquista do Peru. Quando foi autorizado a descobrir a província de Ambaya já era um homem rico, tendo adquirido sua fortuna graças à participação no resgate de Atahualpa e no saque de Cusco. Na ocasião, era um dos raros conquistadores que dispunha de experiência militar, obtida na luta contra os turco-otomanos na Península Itálica, lutando pelas fileiras do exército espanhol.²⁰⁵ Como membro da recém-instalada sociedade colonial peruana, sua posição era bastante peculiar, tendo em vista sua condição de estrangeiro.²⁰⁶ A seu respeito, Pedro Cieza de León traçou o seguinte perfil:

era extranjero, é no tenía su persona tanta reputación que bastase á que los soldados le temiesen, y era hombre de poco entendimiento é que sentía las cosas con

²⁰⁵ Cf. BERNARD & GRUZINSKI, *História do Novo Mundo*, p.486-486.

²⁰⁶ Pedro de Candía teria nascido na Ilha de Creta, fato que lhe rendera seu apelido de *El Griego*.

*tanta remisión, que yo creyera que aunque él diera en buena tierra é muy próspera no fuera parte con la gente para cosa que buena fuera hacer.*²⁰⁷

Esta visão negativa pode ser fruto de uma leitura teleológica realizada pelo cronista, na qual projeta sobre o comandante as características que presume a partir do resultado de sua empresa, mas também, das escolhas políticas que faria mais tarde. Contrário às guerras civis que assolaram o Peru, Cieza de León sabe que no interior desse real será maquinado um plano de insubordinação, interessado em matar Hernando Pizarro e libertar Diego de Almagro. Ao longo de toda a conspiração, Candía é descrito como um verdadeiro tolo, inepto a perceber o que vinha se confabulado em meio aos seus homens, deixando-se manipular por alguns dos seus capitães.

As origens de sua jornada, conforme já mencionamos, estão associadas ao depoimento obtido através de uma índia, dando conta da existência de uma grandiosa província, na qual seria possível lograr uma conquista extraordinária. A estabilidade alcançada por Pedro de Candía não foi capaz de arrefecer o seu ímpeto em dirigir uma empresa como esta, posto que na condição de *capitán-general*, seu nome e sua fazenda poderiam se tornar ainda mais sólidos do que já eram.

Entusiasmado com o que acreditava ser a chance de repetir os feitos de Hernán Cortés e de seu amigo Francisco Pizarro, Pedro de Candía abandonou toda e qualquer prudência, investindo tudo o que tinha acumulado nessa empresa. Sua fortuna, nas palavras de Bernand e Gruzinski seria *tão efêmera quanto colossal*.²⁰⁸ O grego não poderia imaginar que aquela aposta demarcaria o início de sua ruína. Desse modo:

*sacó ochenta y cinco mil pesos de oro ó comenzó á gastar y á hacer gente, é dio voluntad á muchos nobles mancebos de ir aquella jornada, mirando que, pues Candía, siendo tan rico é teniendo tantos indios, lo gastaba é no lo tenía en nada para en comparación de lo que podia haber, y ellos no teniendo que gastar ni aventurar más del tiempo que en ello se gastase, que era cordura salir del Cuzco á buscar tierra rica donde tuviesen descanso; é para sus aderezos eran de Candía favorecidos é ayudados, é no solamente gastó con ellos lo que decimos que tenía, mas se adeudó en otro tanto.*²⁰⁹

²⁰⁷ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.339.

²⁰⁸ BERNAND & GRUZINSKI, *História do Novo Mundo*, p.525.

²⁰⁹ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.334.

O *real* liderado por Pedro de Candía agregava um grande número de indivíduos perigosos e com muito pouco a perder, visto que a maior parte do investimento foi feito pelo próprio comandante. Na verdade, estamos diante da primeira experiência daquilo que Manuel Lucena Salmoral chamou de “operação de descarga”.²¹⁰ A maior parte do grupo é formada por recém-chegados, Candía teria inclusive mencionado a Hernando Pizarro que, com aquela *entrada*, poderia livrar-se de *algunas inoportunidades que le daban*.²¹¹ Antonio de Herrera os classificou como gente terrível,²¹² Cieza de León destacou, como vimos, o seu oportunismo. Porém, talvez o traço mais importante tenha sido o destacado por Gonzalo Oviedo y Valdés:

*En este tiempo, se movió el capitán Candia á yr á poblar çierta tierra (...) é fuéronse con él muchos de los unos é de los otros, assi de la parte de los Piçarros como de la de Almagro.*²¹³

Muitos dos expedicionários, até bem pouco tempo, estavam se digladiando em lados opostos do campo de batalha. O indulto concedido por Hernando Pizarro conferiu a alguns dos antigos partidários de Almagro uma segunda chance, enviando-lhes para descobrir e afastando sua incômoda presença dos lugares onde a família Pizarro coordenava suas ações. Uma parcela considerável desses homens ainda estava inconformada com a derrota na Batalha das Salinas, acreditando ainda na possibilidade de uma reviravolta no curso dos eventos, uma vez que o seu antigo líder ainda estava vivo.

A "Jornada de Ambaya" foi marcada não apenas pelo signo do insucesso em alcançar seu propósito, mas pela conspiração sobre a qual mencionamos anteriormente. A teimosia de Pedro de Candía em prosseguir com a jornada, apesar de não haver qualquer indicativo da localização da província, começou a causar desconforto entre os membros do *real*. Os mais exaltados divulgavam o pensamento de que tudo não passou de um estratagema armado por Hernando Pizarro, interessado em que todos morressem naquela *montaña*.²¹⁴ Pressionado, o comandante consente em regressar ao Peru.

²¹⁰ Cf. SALMORAL, *Historia de Iberoamérica*, p.492.

²¹¹ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, LXV, p.334.

²¹² Décadas de Antonio de Herrera, p.296.

²¹³ Oviedo y Valdés, p.336

²¹⁴ *Todos aborrecían ya á Pedro de Candía, pues por los dichos de una india habia querido meterlos en aquel lugar, é pensaron é aun creyeron que Hernando Pizarro, industriosamente porque todos muriesen, le habia dado aquella empresa.* In: Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.343.

O caminho de volta é marcado pelo protagonismo de seu mestre arcabuzeiro, chamado Alonso de Mesa, o mais inflamado defensor da tese da conspiração maquinada por Hernando. Os *almagristas* presentes advogavam que o irmão do governador precisava ser assassinado e Diego de Almagro, por seu turno, libertado. Tendo em mente os sofrimentos enfrentados e a frustração das mãos vazias, muitos *pizarristas* também começavam a acreditar na trama em questão. Candía é convencido de que o grupo deve se dirigir à Cuzco, sob a falsa alegação de que iriam tratar do financiamento de uma nova *entrada*.

Alguns integrantes, no entanto, não tomaram partido da trama de Alonso de Mesa, escrevendo a Hernando Pizarro a fim de comunicar-lhe o que se passava. O irmão do governador pode assim se precaver, ordenando a prisão dos dois conspiradores, acrescido de Pedro de Candía. Ainda que tenha ficado provada a inocência desse último, sua relação com os Pizarro nunca mais voltaria a ser a mesma, prova disso seria o seu posterior envolvimento com as forças de Diego de Almagro, o moço. Alonso de Mesa foi o único condenado à morte.

O relato da "Jornada de Ambaya" é um dos melhores exemplos acerca do clima de tensão existente em muitas das *entradas* na fronteira oriental. Em que pesem as promessas de uma conquista vultosa, os expedicionários fazem a leitura dos eventos a partir do contexto político vivenciado no Peru. A insatisfação dos *almagristas* é latente, eles entendem que se encontram em posição ainda mais desfavorável do que a dos partidários da outra bandeira. A empresa, segundo as informações de Cieza de León, apresenta um líder hesitante, inapto para gerenciar os ânimos de uma gente tão perigosa, acabando por sucumbir perante um complô no qual teria estado, o tempo todo, à margem.

O episódio tratado também revela o quanto, ao menos nesse primeiro momento, a atenção dos expedicionários ainda está voltada para as terras do Peru. Os antigos domínios incaicos eram vistos como o lugar onde estavam concentradas as riquezas, a busca pelas províncias grandiosas seria produto de um factoide, o discurso sobre “novas descobertas” era visto como uma forma de escamotear as verdadeiras intenções da governança colonial, se ver livre deles. Como veremos, essa não foi a única vez em que reações desse tipo, e ainda mais sérias, ocorreram durante as *entradas* amazônicas.

3.2.2 Jornada dos Chunchos

Pedro Anzures Henríquez de Campo Redondo, ou simplesmente Peranzures, era um homem de enorme prestígio junto aos irmãos Pizarro. Enviado à Europa em 1535, para relatar

a rebelião liderada por Manco Inca, não apenas cumpriu o seu desígnio, como também obteve uma série de vantagens em nome de Francisco Pizarro. Na sua bagagem, trouxe cédulas reais que determinavam, por exemplo, que Diego de Almagro permanecesse no Chile, reservando o comando do Peru ao Marquês. Além disso, revogava a obrigação de que o governo fosse passado ao sócio, em caso de sua morte. Como se não bastasse, Peranzures ainda conseguiu a suspensão da cobrança do dízimo sobre a extração aurífera pelo período de cinco anos.²¹⁵

Com o regresso frustrado e conturbado da *Jornada de Ambaya*, marcado pela acusação de traição aos seus capitães, bem como ao próprio Pedro de Candía, o comando do *real* foi transferido para Peranzures. Se o primeiro líder, forjado basicamente como um homem de armas, não fora capaz de garantir a disciplina dos expedicionários, a oportunidade caía agora no peito de alguém com características distintas. Embora tenha participado da Batalha das Salinas, Peranzures era bem mais conhecido por sua habilidade diplomática, como ficou demonstrado nos episódio da corte. Cieza de León descreve a transmissão da chefia dos antigos subordinados a Pedro de Candía:

*é por no tener tantos españoles reunidos sino que fuesen á descubrir, mandó, así á los que estaban en el real de Candía (...) que (...) alzasen las tiendas para se partir (...); é mirando Hernando Pizarro que para una jornada (...) donde se esperaba haber mucho provecho, convenía proveer de capitán que entendiese las cosas de la guerra é fuese temido de los soldados (...); é viniendo en su compañía Peranzures, (...) hombre que estaba muy bien quisto é que tenía respectos de caballero y era gracioso é muy liberal, por estas causas puso los ojos Hernando Pizarro en él, é le mandó que hiciese la jornada, é le nombró por capitán é le mandó entrarse por los Chunchos.*²¹⁶

A província dos Chunchos estaria localizada no rio Amaramayu,²¹⁷ atual “Madre de Dios”. Nos tempos pré-hispânicos, os incas construíram balsas para navegar por aquela calha, em uma tentativa de subordinação dos povos que habitavam suas margens. Ao término de dez anos, regressaram vitoriosos, porém, deixando mais de três quartos de seus guerreiros mortos naquela região.²¹⁸ Embora não ignorasse essas histórias, o capitão Peranzures:

²¹⁵ Cf. MENDIBURU, Manuel de (Org.). *Diccionario Historico-Biografico del Perú*. Parte Primera que corresponde a la Epoca de la Dominación Española. Tomo I. Lima: Imprenta de J. Francisco Solis, 1877. p.305

²¹⁶ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, LXXI, p.360.

²¹⁷ Termo que significa “A Grande Serpente”. In: MENDIBURU, *Diccionario Historico-Biográfico*, p.306

²¹⁸ Idem.

*estaba muy alegre (...) de descubrir la tierra que está de la otra parte de la cordillera de los Andes, que según había noticia era de gran poblado, é se creía que hallarian mucho metal de plata é oro, que todos los que con él fuesen pudiesen volver en España prósperos.*²¹⁹

Uma vez que os recursos levantados por Pedro de Candía teriam sido perdidos durante a *Jornada de Ambaya*, era preciso reequipar a hoste de Peranzures. Hernando Pizarro contribuiu oferecendo mão-de-obra, constituída por alguns negros e milhares de indígenas.²²⁰ O prestígio do novo comandante, por seu turno, teria sido capaz de atrair homens ricos para a sua empresa, equipados por conta própria²²¹ e, possivelmente, contribuindo para o financiamento da expedição. Outra estratégia encontrada para prover os equipamentos necessários foi a pilhagem de alguns *pueblos* indígenas, como aparece no fragmento abaixo:

*caminó hasta el valle de Carabaya, adonde se estuvo reformando é proveyendo de cosas necesarias dos meses; desde allí, por fin del mes de Setiembre del año de treinta é ocho, salió á descubrir una provincia que se dice Sama, y en Carabaya dejó á su Maestre de campo Juan Quijada con parte de la gente que no estaba bien proveída, y él anduvo tanto que llegó á Ayavire, é como le pareciese que había recaudo bastante, envió sus mensajeros á llamar al Maestre de campo.*²²²

Um destacamento formado a partir da "Jornada dos Chunchos" conseguiu superar a *montaña*, tornando-se uma das primeiras incursões a alcançar as terras planas, travando desse modo contato com a região do Vale amazônico. O grupo não encontrou nenhuma das províncias de que se falava, porém ganhou ânimo para avançar mais um pouco por aquele território. Conforme foi mencionado no capítulo anterior, o pequeno contingente foi liderado por Juan Alonso Palomino, incumbido da missão de procurar comida, buscar notícias sobre os arredores e averiguar se era seguro dar prosseguimento à expedição com todo o *real*. Sem ter oportunidade de avistar o que procuravam, os homens de Peranzures ao menos trouxeram notícias, colhidas junto aos nativos, que aparentemente confirmavam a existência das províncias.

²¹⁹ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, LXXII, p.361.

²²⁰ MENDIBURU, *Diccionario Historico-Biográfico*, p.305-306.

²²¹ *muchos caballeros é principales hombres, aprobando la elección que hizo Hernando Pizarro, fueron por sus personas á aquella jornada.* In: Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, LXXII, p.361.

²²² Idem, *Ibidem*.

Essa passagem é bastante interessante para que possamos anunciar um dos argumentos que, em nosso entendimento, foram responsáveis pelo insucesso das empresas espanholas em direção à fronteira oriental. Entre espanhóis, negros e indígenas, as expedições castelhanas foram sempre caracterizadas pelo envolvimento de algumas centenas de participantes. No caso da "Jornada dos Chunchos", por exemplo, as fontes falam em alguns milhares de participantes. Exageros à parte, é fato que mesmo o deslocamento de umas poucas centenas de expedicionários demandava uma logística extraordinária.

Para que a jornada fosse autossuficiente, o *real* quase sempre carregava consigo uma grande quantidade de armas, munições, ferramentas e alimentos, para falarmos apenas do que era absolutamente indispensável. Os equipamentos e víveres conformavam um fardo pesadíssimo que obrigava o envolvimento de carregadores, ou seja, mais bocas para alimentar ao longo do percurso. Além dos cavalos, que como veremos revelaram-se ineficientes por aquelas bandas, centenas de porcos costumavam ser levados para abastecer o *real*. Geralmente, ao longo do caminho, ocorria de se perder os mantimentos, durante a descida das serras, ou quando da travessia dos rios mais caudalosos ou dotados de corredeiras. Tal situação criava um problema grave, a impossibilidade de alimentar um contingente tão numeroso, apenas com o produto da caça, pesca ou coleta.

Os relatos das *entradas* aparecem repletos de suplícios provocados pela fome. Mais do que um simples argumento retórico para amplificar o *servicio*, nos parece, pelas razões que expusemos, que o grande envolvimento de indivíduos nessas *entradas* faziam com que situações de desabastecimento fossem extremamente comuns.

Na "Jornada dos Chunchos", as principais vítimas eram os indígenas que acompanhavam os espanhóis, perderam-se milhares de almas, segundo Pedro Cieza de León. Muitos desses eram descendentes de principais no Peru, dentre os quais estavam moças jovens, filhas da nobreza incaica. A privação de alimentos para os nativos deveria ser muito maior do que para os cristãos, posto que enquanto temos notícia da morte deste ou daquele espanhol, os indígenas vão morrendo às dezenas. A luta pela sobrevivência produz atos de absoluto desespero:

*é como no toviessen fuerza para caminar los pobres indios deservicio que llevaban, é juntos estoviesen algunos, allegabanlos dientes contra sus carnes y se comían á bocados los unos á los otros, como decimos; é como la hambre creciese, los vivos comían á los muertos.*²²³

²²³ Id., Ibid., p.380.

O canibalismo é descrito como um recurso utilizado apenas pelos indígenas, uma vez que os espanhóis, em sua condição de cristãos, não deveriam praticar semelhante barbárie. No entanto, a fome também era implacável com esses últimos, que supostamente sobreviviam à base de palmitos e ervas. Em princípio, cortavam seus cavalos, a fim de beber seu sangue; mesmo trazendo tantas dificuldades para a locomoção, esses animais continuavam tendo importância, por conta do transporte das cargas

De acordo com Cieza de León, o *real* de Peranzures só não pereceu por completo nas *montañas*, em função da captura de um indígena da região que passou a servir-lhes como guia. Esse nativo demonstrou onde havia milho, mandioca e cacau, permitindo que a tropa recuperasse minimamente as energias para enfrentar o prosseguimento da viagem. Após isso, o guia conduziu-os até a Província de Ayavire, de onde teriam iniciado aquela jornada, onde foram recebidos por Gaspar Rodriguez de Campo Redondo, irmão de Peranzures, pondo fim à expedição. Seu saldo, ainda de acordo com o cronista, teria sido de cento e quarenta e três espanhóis mortos e cerca de milhares de indígenas.

3.2.3 Jornada dos Guancachupachos

Ao contrário dos capitães anteriores, as informações sobre a vida pregressa de Alonso de Mercadillo são escassas. Sabemos apenas que ele teria lutado entre os cavaleiros *pizarristas* durante a Batalha das Salinas²²⁴, e que depois foi agraciado com a licença para pacificar e povoar a terra dos Guancachupachos²²⁵, situado no vale do rio Huallaga, um dos afluentes do rio Marañon. A jornada em questão foi uma das mais turbulentas dentre as que foram autorizadas por Hernando Pizarro, terminando com a prisão de Mercadillo pelas mãos de seus próprios comandados. Cieza de León tenta explicar os razões para a insubordinação, atribuindo parte da culpa ao caráter do comandante:

*este capitán Mercadillo era un hombre muy contagioso, é de condición tan mala que los mismos españoles le cobraron odio, y era para con ellos no nada amoroso, ni los sabía tratar como con venia; é con esto tenía un vicio malísimo que era jurar é perjurar, por las cuales cosas era de los españoles desamado.*²²⁶

²²⁴ Cf. MENDIBURU, *Diccionario Histórico-Biográfico del Perú*. p.301.

²²⁵ *Hernando Pizarro habia nombrado por capitán para ir á poblar é descubrir á los Guancachupachos á Alonso de Mercadillo*. In: Pedro Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, LXXIX, p.389.

²²⁶ *Ibidem*, 390.

Mercadillo seria um homem obcecado pela ideia de liderar uma conquista de vulto, e ao mesmo tempo, temeroso com o risco de perder a primazia dessas para outro capitão, chamado Alonso de Alvarado. Esse último gozava de enorme prestígio no Peru, cavaleiro da ordem de Santiago, sobrinho do governador da Guatemala Pedro de Alvarado e homem de confiança de Francisco Pizarro. Na “Provisão das Chachapoyas”, anteriormente citada, o marquês ratifica a concessão feita por seu irmão, tanto para Alvarado, quanto para Mercadillo. O documento define a faixa em que cada um dos capitães deveria atuar:

*my teniente de gobernador e capitan general vays a descubrir por la dha. Via de las Chachapoyas la tierra adentro todos los caçiques e yndios q. tengo noticias q ay por aquella via atravesando la tierra con tanto que del paraje e rraya de los Guancachupachos no paseis porq. Dalli adelante con la travesia derecha de la tierra el descubrimyº, e poblacion della tengo cometido al capitan alonso de mercadillo la qual dha. Rraya de los guancachupachos os doy por fin e cabo de los termynos de vro. descubrimyº.*²²⁷

Nesse trecho há duas questões cruciais para que possamos compreender os desdobramentos das ações de Mercadillo. Em primeiro lugar, verificamos que as áreas reservadas aos dois capitães eram contíguas (separadas unicamente pelo rio Huallaga). Em seguida, identificamos a posição privilegiada que Alonso de Alvarado recebera, colocando-lhe no topo da hierarquia dos líderes daquelas *entradas*. Ele seria o Capitão Geral e o Lugar-Tenente de Francisco Pizarro, o que significava que era o seu representante direto em qualquer ação de conquista.

Os problemas têm início com a chegada à província dos Guancachupachos. A região estava agitada, em virtude da ação do rebelde Villatopa, responsável por instigar os *pueblos* a resistir ao avanço da conquista. Os espanhóis dão combate aos insurgentes, conseguindo, por fim submetê-los. Em sinal de paz, os principais da província vieram conversar com o capitão espanhol, que se demonstrou muito interessado em saber o que haveria no interior daquelas terras. A resposta é apresentada de forma enigmática, aconselhando que *convenia llevar muchos cristianos, porque de outra suerte todos serian por ellos muertos.*²²⁸

É possível que a ressalva feita pelos índios tenha alimentado a ambição de Mercadillo, pois a necessidade de um número maior de cristãos era vista como um indicativo de que as

²²⁷ Provisión de Chachapoyas, p.117-118.

²²⁸ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, LXXIX, p.389.

províncias interiores poderiam ser bastante povoadas, o que naquele tempo era encarado como um sinal da existência de riquezas. Por outro lado, o conselho também sugeria que os seus habitantes fossem belicosos, o que faria da sua subordinação um feito capaz de render fama, prestígio e benesses aos seus conquistadores. O capitão então resolveu aguardar o regresso de Lope Martin, seu mestre de campo, enviado até Lima, com o objetivo de trazer reforços. Quando Martin voltou, estava pronto o contingente que iria acompanhar Mercadillo em seu novo plano de descobrimento:

*Lope Martin volvió á la ciudad de Los Reyes é juntó sesenta é tres españoles,(...) con maestros herreros y carpinteros para hacer barcas, si para los rios las hobiesen menester, (...) Mercadillo (...) como se vido con ciento é ochenta é cinco españoles de á pié é de á caballo, se partió de allí donde estaba por el rio de los Chuchupachos abajo.*²²⁹

Para se dirigir às províncias desejadas, era necessário tomar uma precaução elementar, passar ao largo de Alonso de Alvarado. Mercadillo acreditava que as informações colhidas deveriam permanecer em segredo, pois se o outro capitão soubesse, reivindicaria o comando da empresa em nome de Francisco Pizarro. Com isso em mente, afastou-se da rota indicada pelos índios, percorrendo caminhos mais íngremes e complicados, gerando problemas para o deslocamento do *real*. Encontraram então a província dos Mainas, na qual ficaram assentados por cerca de um mês e meio. Os índios do lugar voltam a falar sobre províncias grandiosas, situadas no poente dessa vez, o que provoca nova mobilização. Novamente aqui, a preocupação com o rival se faz presente:

*como supiese que por aquella parte estaba el capitán Alonso de Alvarado é fuese tan bien quisto, temiendo que por ir en desgracia de los suyos, si allegasen á estar cerca unos de otros, se pasarían á Alvarado é lo dejarían á él, por evitar este daño que para él tenía por muy grande, de industria mandó dejar el camino que llevaban é volver por otro más allegado á la parte oriental.*²³⁰

As escolhas de Alonso Mercadillo passaram a incomodar os membros do *real*, agravando-se quando estes, depois de sete jornadas de caminhada, já com os mantimentos esgo-

²²⁹ Idem, Ibidem, 389-390.

²³⁰ Id., Ibid., p.390-391.

tando, chegaram a uma serra considerada intransponível. O grupo toma assento naquele lugar, e o capitão ordena a formação de destacamentos, com o objetivo de encontrar comida para alimentar o grupo. O regresso frustrado dos batedores provoca uma reunião entre Mercadillo, os guias indígenas, os intérpretes e apenas dois espanhóis, na qual o comandante:

*les habló preguntándoles si podrían por ventura por allí pasar é dar en las regiones de que llevaba noticia, que eran unas provincias muy grandes nombradas Iscaicinga; los indios que en ellas vivían eran grandes de cuerpos é tenían las narices rasgadas por las ventanas, é por tenerlas de aquella suerte los llamaban Iscaicinga, que quiere decir dos narices. Las guías é lenguas respondieron, que cosa imposible sería poder atravesar tan grandes montañas como había por aquella parte para ir á salir adonde él decía, é que si por allí porfiaba á entrar, que morirían sin nenguno escapar con la vida.*²³¹

Um dos espanhóis, percebendo a obstinação de Mercadillo em dar sequência por aquela rota mortal, informa aos capitães sobre o problema criado pelo comandante. Esses concordam em tentar dissuadi-lo da insanidade que estava prestes a cometer. Mercadillo insiste, negando categoricamente a solicitação para que retornassem pelo caminho da Província de Maina; os capitães decidem então pela destituição de seu comandante, bem como por sua prisão, levando-o acorrentado de volta para Jauja, onde seria formalmente processado.

Do mesmo modo que ocorrera durante a "Jornada de Ambaya", a *entrada* do capitão Alonso de Mercadillo é abortada sem ter conseguido superar a *montaña*. Cieza de León, novamente, credita o fracasso à uma liderança mal conduzida, em virtude de um indivíduo que não consegue desempenhar seu papel de *caudillo*. De um modo geral, é possível dizer que a "Jornada dos Guancachupachos" não foi um completo fracasso, ao menos no que concerne a sua contribuição para a formulação das primeiras imagens da Amazônia e de seus habitantes. A despeito de seu avanço territorial ter sido modesto, um destacamento produzido a partir dessa *entrada* aparentemente chegou mais longe do que qualquer outra experiência do ciclo das expedições autorizadas por Hernando Pizarro. Nesse caso não apenas superando a *montaña*, como até mesmo atingindo o Vale amazônico. Trataremos dessa questão no tópico seguinte.

²³¹ Id., Ibid., p.391.

3.2.4 O destacamento de Diogo Nunes

Pedro Cieza de León é o único autor quinhentista a narrar em detalhes a *entrada* de Alonso de Mercadillo, mas não faz qualquer menção a participação de Diogo Nunes em seu relato. A fonte na qual nos basearemos é, na verdade, uma *carta relatoria* escrita pelo indivíduo em questão e endereçada ao rei de Portugal D. João III. Dentre todas as expedições organizadas a partir das licenças concedidas por Hernando Pizarro, esse destacamento é o único que costuma aparecer na historiografia brasileira. A menção ao seu envolvimento na "Jornada dos Guancachupachos" é sempre superficial e preliminar nesses trabalhos, atendo-se basicamente ao roteiro apresentado pelo próprio missivista.

A carta de Diogo Nunes se diferencia da narrativa de Pedro Cieza de León sobre das outras *entradas* de 1538 em alguns quesitos. Primeiramente, apresenta-se como um "testemunho direto", produzido por alguém que escreve sobre o que supostamente viu, desse modo, é bem mais rico nos detalhes acerca dos povos contatados. As descrições do cronista, por seu turno, ainda que muito detalhadas, parecem seguir uma espécie de "fórmula geral", situação que será mais bem explicada adiante. Em segundo lugar, o texto de Diogo Nunes, em função de ser uma *carta relatória*, dirige-se diretamente ao rei e seu círculo de confiança, trata de assuntos estratégicos, referentes às empresas de descobrimento e conquista no Novo Mundo. Finalmente, o monarca que deverá fazer a interlocução de Diogo Nunes é o lusitano, e não o espanhol, para quem o missivista procura dar conta sobre uma rica província chamada Machifaró (Machiparo), que alega ter descoberto, quando participou da jornada liderada pelo capitão Mercadillo.²³²

O momento de sua redação é difícil precisar, visto que ela aparece assinada, mas não datada. A historiografia costuma mencionar 1553 como o provável ano de sua feitura.²³³ Tal estimativa baseia-se na passagem onde o autor comenta ter trazido um índio daquela expedição, tendo este ficado em sua companhia por quatorze ou quinze anos.²³⁴ Embora essa seja a datação mais aceita, ela não é absolutamente confiável, pois a frase de Diogo Nunes é *tive em minha companhia por quatorze ou quinze anos*, o que não nos autoriza afirmar que ele teria se livrado do indivíduo no mesmo ano em que escreveu a carta. Uma vez que se dirige à D. João III de Portugal, podemos estimar sua feitura entre 1553 e 1557, ano da morte desse soberano.

²³² *No año de xxxbiij foi um capitão que se diz mercadillo E saymos do Peru ha Descubrir*. In: Carta de Diogo Nunes, p.375.

²³³ Cf. UGARTE, *Sertões de Bárbaros*, p.36.

²³⁴ *trouxe comigo certos Imdios destas prouimçias (...) De hum destes Imdios (...) tiue Em mynha companhia quatorze ou quinze años*. Carta de Diogo Nunes, p.376.

A descoberta de Machiparo teria se dado quando Mercadillo organizou um destacamento de vinte e cinco homens, do qual ele teria feito parte.²³⁵ É possível que isso tenha ocorrido enquanto o *real* esteve acampado na Província dos Mainas, onde permaneceu por cerca de um mês e meio. Cieza de León afirma que *acordaron que seria cosa acertada enviar á descubrir el camino con guías naturales de aquella población: é luego salieron en cuadrillas españoles á buscarlo, é por el mejor que vieron que podían llevar los caballos caminaron*.²³⁶ Se Diogo Nunes participou desse destacamento, como acredita Antônio Porro, ao cabo de vinte e cinco dias estes homens teriam encontrado *Machiparo*, tendo para isso adentrado o rio *Marañon*.²³⁷ Na carta, ele relata ter regressado ao encontro de Mercadillo, embora não o tenha mais encontrado, uma vez que a rebelião de seus homens já tinha ocorrido.²³⁸

A prisão de Alonso de Mercadillo (e a provável ignorância sobre a província) é o argumento usado por Diogo Nunes para justificar o fato de os castelhanos ainda não terem tomado posse daquela terra. No entanto, tendo em vista que a carta foi redigida nos anos 1550, é muito provável que a Coroa espanhola já soubesse de *Machiparo*. Os homens de Francisco de Orellana estiveram na mesma região no início da década anterior, havendo referências a seu respeito na *relación* de Gaspar de Carvajal. A expedição de Orellana já era conhecida naquele tempo, pois no próprio relato de Diogo Nunes, há referência ao “rio das Amazonas”, uma clara interpolação, já que esse nome só se difunde após essa outra expedição.²³⁹

A inclusão da carta de Diogo Nunes, com toda a sua descrição a respeito de Machiparo, contribui para essa pesquisa de diferentes modos. Aceitando ter esse indivíduo efetivamente participado da "Jornada dos Guancachupachos" constitui o único "testemunho direto" conhecido para as *entradas* de 1538. Sua condição de português, ou mestiço, bem como seu contato com a corte lusitana, colaboram para a difusão dessas imagens fora dos domínios de Castela, ajudando a entender como as primeiras descrições sobre a região foram divulgadas em outras partes da Cristandade. Finalmente, tendo em vista que a Província de Machiparo foi visitada por outras incursões, isso cria a possibilidade de uma comparação direta entre os rela-

²³⁵ *Emtonce mandou vinte e cinco homens de caualo nos ques fuy Eu pôr mandado do dito capitão E chegamos a hua prouimsia a cabo de vinte e cinco Dias hachamos boa trã E bem pouada de Imdios E Riqua de ouro (...) Esta prouimcia aonde Eu cheguey se chama machifaro*. Idem. p.375.

²³⁶ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.390.

²³⁷ Cf. PORRO, *As Crônicas do Rio Amazonas*, p.31.

²³⁸ *Vista a trã ser tamboa nos viemos adar conta a nosso capitão aonde o tínhamos Deyxado E não no achamos por q' os seus o avião preso sobre certa deferença que entre Ele E os seus avião tido E o levarão ao peru preso E a esta causa não se pouoou esta prouymcia E por q' todos nos tornamos ao peru*. Carta de Diogo Nunes, p.376.

²³⁹ *Esta trã Esta emtre ho Ryo da prata eo brazil pela tra adentro por esta tra vem o Ryo grande das amazonas*. Carta de Diogo Nunes, p.376.

tos, verificando as semelhanças e diferenças de acordo com a escrita de cada narrador e, também, segundo a passagem do tempo.

3.2.5 Balanço das Jornadas de 1538

O primeiro ciclo de *entradas* avançou pouco pelas terras amazônicas, permanecendo, em sua maioria, limitado à região da *montaña*. Duas dessas incursões foram abortadas em função de problemas envolvendo o comando. Na “Jornada de Ambaya”, Pedro de Candía foi ludibriado, deixando-se manipular por seu mestre arcabuzeiro, Alonso de Mesa, que estava interessado em usar os expedicionários como um pequeno exército, para retomar a causa *almagrista*. Na “Jornada dos Guancachupachos”, Alonso de Mercadillo terminou preso por seus capitães, desacreditado como líder, em função de sua insana tentativa de se antecipar a Alonso de Alvarado na conquista das províncias grandiosas que acreditava existir na região.

O desconhecimento relativo a geografia da *montaña* causou dificuldades sérias de planejamento, as informações referentes a localização das províncias eram bastante imprecisas e somente apontava para lugares que estavam no interior ou além daquelas terras. A inaptidão dos espanhóis para se deslocar de maneira segura pelos caminhos da *montaña* causava o flagelo dos expedicionários, que rapidamente se desestimulavam com a empresa, questionavam a capacidade de liderança de seus comandantes, ou mesmo, como foi visto na “Jornada de Ambaya” identificavam o planejamento daquelas empresas como uma artimanha maquinada pela governança colonial para que se vissem livres deles. Essa última questão, como sabemos, não estava tão distante de ser uma impressão acertada.

O envolvimento da esmagadora maioria dos participantes nas bandeiras de *almagristas* e *pizarristas* constitui um fato de tensão, sempre presente, praticamente impossibilitando que o foco e a ambição daqueles homens estivessem em outro lugar que não o Peru. A conquista dos domínios incaicos era ainda muito recente, alguns deles participaram daquele triunfo, outros apenas assistiram o ouro, as terras, os índios e a chance de ascender socialmente passarem ao largo, sem tirar proveito dessas benesses.

Em nosso entendimento, o principal fator responsável pelas dificuldades enfrentadas na *montaña* não foi a ausência de caminhos pavimentados, como os que levavam às cidades incaicas. O problema estava muito mais associado à opção por contingentes excessivamente numerosos. Em algumas situações, a cena equivalia a uma pequena cidade em movimento, com centenas e até mesmo milhares de indivíduos. O equipamento para dar conta das necessi-

dades desses indivíduos era pesado, demandava cavalos e carregadores para transportá-lo. Situação que só dificultava o avanço rápido e discreto necessário para desbravar o terreno e escolher os melhores caminhos.

O regresso desses primeiros expedicionários trouxe o relato de privações e de insubordinações, no entanto, com cada um deles, retornaram também novidades a respeito do que havia no interior. Informes adquiridos por intermédio dos nativos contatados, mas também descrições sobre as terras planas avistadas pelos homens de Peranzures e até mesmo a respeito de uma primeira província rica, Machiparo, encontrada pelo destacamento de Diogo Nunes. Essas informações concretas, e até mesmo as possibilidades ventiladas, retroalimentaram o interesse dos que estavam em cidades como Cuzco, Lima e Quito pela organização de novas jornadas, melhor estruturadas, e dotadas já de algumas referências sobre o caminho que lhes aguardava.

3.3 A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS SOBRE A MONTAÑA

Antes de começarmos a tratar desse ponto, vale a pena retomar uma definição que foi apresentada durante a introdução desta dissertação. O que chamamos aqui de *montaña* corresponde, de acordo com as fontes quinhentistas espanholas, a uma região situada na face oriental dos Andes centrais. Alguns narradores utilizam a fórmula *montaña de los antis* para se referirem a ela, uma vez que em quase toda a sua totalidade, encontra-se inserida no quadrante do *antisuyu*. Dessa faixa, provinham vários artigos apreciados pelos incas, como por exemplo, as folhas da coca, raízes de mandiocas e plumagens de diferentes pássaros.

A altitude máxima dessa zona atingia cerca de mil e oitocentos metros, no entanto, sua geografia já apresentava alguns elementos característicos da natureza amazônica, configurando deste modo uma faixa intermediária entre os dois pisos ecológicos, o que justifica o uso do termo moderno *piedemonte andino-amazónico*.

Os incas, primeiramente, e depois os espanhóis, encontravam muitas dificuldades em se deslocar por aquele território, especialmente quando em suas campanhas faziam uso de grupos muito numerosos. Embora uma parte dos rios amazônicos encontrem suas nascentes nessa região, a navegação não era uma tarefa segura, ou até mesmo exequível, tendo em vista as inúmeras corredeiras que se formam, em função do terreno íngreme. Por terra, a tarefa encontrava obstáculos na vegetação cerrada, pela qual muitas vezes só era possível passar com o uso de facões e machadinhas, abrindo o caminho em um processo lento e penoso.

Os indígenas da região, que como sabemos, eram genericamente denominados como *antis*, são apresentados como pouco sociáveis, ou ainda primitivos, “dotados de pouca razão”, segundo um comentário recorrente. Essa impressão é em partes absorvida a partir das próprias impressões dos povos do altiplano, mas não somente; os espanhóis usavam a comparação com a organização dos povos incaicos para hierarquizá-los em termos de desenvolvimento. Sua cultura material era apontada como sendo mais simples, com poucos atrativos para a lógica comercial dos conquistadores.

A disparidade observada entre os povos do altiplano e os da *montaña* e retratada pelos autores espanhóis é produto de uma percepção etnocêntrica e mercantil daqueles homens. Quanto mais distante do seu próprio modelo de organização, maior será a barbárie dos povos avaliados. A ausência de cidades, edificações imponentes, caminhos pavimentados, vestimentas e agricultura intensiva são elementos que resultam naquela descrição de primitivismo. Essa questão, em conjunto com a descrição de uma natureza inóspita, são elementos que, muito mais tarde, alimentaram os discursos evolucionistas, representados pelo *Handbook of South American Indians*.

A seguir, demonstraremos como essas ideias são apresentadas em nossas fontes. Objetivando uma melhor organização, o tópico será dividido em dois subitens, nos quais trataremos sobre as descrições da natureza e dos povos da *montaña*.

3.3.1 As representações sobre a natureza:

As descrições sobre a *montaña de los antis* apresentadas pelo cronista Pedro Cieza de León são orientadas por duas características fundamentais: O relato sobre a hostilidade do meio, repleto de obstáculos naturais, constituindo desta forma o principal obstáculo para o deslocamento dos espanhóis por aquela região; O discurso da "anticonquista", do qual trata o historiador Guillermo Giucci²⁴⁰, onde se consuma o fracasso das empresas que buscam incursionar pela fronteira oriental, revelando o esforço e os sacrifícios enfrentados pelos vassalos de Castela em nome do projeto de expansão da cristandade e dos domínios da monarquia hispânica em terras americanas. Quando trata dos primeiros passos da *entrada* comandada por Pedro de Candía, o cronista tece um comentário que ilustra bem as duas características que mencionamos acima:

²⁴⁰ GIUCCI, “Viagens: História e Literatura”. p.21-23

*é halló el camino que seguía tan malo que parecía verdaderamente cosa infernal, ó que no bastara otra nación que los españoles para poder andar por tan malísima tierra, ni entrar como entraron por estas montañas de los Andes, pues había pasos tan trabajosos que con gran dificultad se podía por ellos andar. Los caballos no podían todos ser tan ligeros que pudiesen pasar por aquellos pasos, é muchos se despeñaban é hacían pedazos, ó algunas veces los muy lerdos é que ya los tenían por inútiles se salvaban é pasaban adelante de aquellos ásperos caminos, é algunos caballos muy sueltos, que querían denodadamente subir arriba ó abajar, se despeñaban é hacían pedazos.*²⁴¹

A oportunidade de louvar a bravura dos castelhanos não é desperdiçada por Cieza de León. O cronista escreve sempre com entusiasmo a respeito dos feitos de seu povo. Há passagens em que compara os feitos dos espanhóis ao que fora realizado por macedônicos e romanos, afirmando que o que está narrando iguala e, não poucas vezes, supera o que fora feito pelos antigos.²⁴² O "mito da superioridade espanhola"²⁴³ aparece com frequência em sua narrativa, defendendo-o mesmo em situações nas quais o resultado da empresa corresponde a um retumbante fracasso, como é o caso da "Jornada de Ambaya".

Os caminhos das *montañas* são apresentados como sendo "infernais". O uso desse adjetivo antecipa que não haverá relatos sobre terras aprazíveis, apropriadas para a colonização. O terreno íngreme atrasa a marcha, deve-se mover com cautela para evitar despencar em direção a morte certa. Os cavalos, tão importantes em episódios anteriores da conquista espanhola, tornam-se um problema, mal conseguem andar por aquele piso, pois não existem os caminhos pavimentados observados entre os povos mexica e inca.

A topografia do terreno não é o único fator a tornar a movimentação excessivamente lenta, a vegetação cerrada implica na necessidade de abrir o caminho, conforme dissemos, fazendo uso das ferramentas que o *real* trazia consigo em sua bagagem. Quando Cieza de León descreve os eventos ocorridos durante a "Jornada dos Chunchos", essa situação se torna clara:

²⁴¹ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.338-339.

²⁴² *decían del grande Alejandro, que, con treinta é tres mil hombres macedones (...) emprendió la conquista del mundo; y los romanos, muchos de su capitanes (...) acometían á los enemigos con tan poca gente, que es cosa ridícula creerlo; (...) algunos ejemplos que pudiera traer para en loor de mi nación, remítome á lo escrito, adonde los curiosos lo podrán ver como yo.* Cieza de León, *Guerra de Chupas*, p.63-64.

²⁴³ Cf. ROMANO, *Os Mecanismos de Conquista...*, p.31

*los españoles, deseando descubrir alguna región fértil é abundante, no dejaban de caminar sin los espantar la espesura (...), é con hachas é machetes iban abriendo el camino para poder caminar; é hallaban muy grandes ciénagas é rios, é para poder pasar los caballos de una parte á otra hacían puentes de aquellos árboles.*²⁴⁴

Como se pode notar, o cronista também comenta sobre a necessidade, bastante recorrente, de cruzar os cursos d'água que cortam a região da *montaña*. Os rios, como dissemos, são marcados por corredeiras que tornam sua travessia uma tarefa perigosa, colocando em risco tanto a vida dos animais, quanto dos homens. Não poucas vezes grande parte dos víveres era perdida nessas operações, criando deste modo um problema para o abastecimento da tropa, originando a fome que invariavelmente marcava empresas dessa natureza. Como se não bastassem as corredeiras, ao passo em que se aproximavam das terras baixas, os rios iam se tornando cada vez mais largos e caudalosos, impossibilitando sua superação por uma hoste tão numerosa sem a construção de balsas improvisadas. Ainda tratando sobre a "Jornada dos Chunchos", Cieza de León identifica esse recurso:

*Viendo el capitán Peranzures é los españoles que con él iban la grandeza del rio, é que les convenía pasarlo con brevedad, buscaron aderezos para hacer balsas, é hicieron muchas, é con ellas pasaron el rio, é tardaron ocho dias en pasar todo el real.*²⁴⁵

Mais uma vez o autor enfatiza o atraso da viagem provocado por inconvenientes da natureza da *montaña*. Os oito dias para a travessia dos rios mais largos não parecem exagerados, especialmente quando lembramos que a *entrada* comandada por Pedro Anzúrez era composta, segundo o próprio cronista, por alguns milhares de componentes. Essa passagem reforça a ideia que defendemos quando a "Jornada dos Chunchos" foi apresentada; sustentamos que uma das razões para o fracasso das incursões pela fronteira oriental passava pelo número elevado de expedicionários e serviçais. Operações como a que descreve a passagem acima eram muito mais rápidas para grupos reduzidos, enquanto para aquela multidão demandava um processo inevitavelmente penoso, no qual a balsa vai e volta em incontáveis oportunidades, até finalmente concluir a travessia.

²⁴⁴ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.362.

²⁴⁵ Idem, *Ibidem*, p.362-363.

O cruzamento com rios de diferentes tamanhos e correntezas era algo incontornável, essa situação fazia com que a pólvora ficasse molhada, inviabilizando o seu uso em ocasiões nas quais a sobrevivência dos espanhóis poderia estar em jogo. Além disso, os próprios expedicionários passavam a maior parte do tempo com as roupas encharcadas, e não somente por conta dos rios, mas também pelo alto índice pluviométrico verificado naquela região, durante certas épocas do ano. Retornando à "Jornada de Ambaya", Cieza de León comenta sobre esse tema:

*Hallóse atajado el capitán Pedro de Candía en haberse metido con su real en montañas tan temerosas, e que en ellas el sol jamás es visto, ni las nubes dejan de estar tan negras é nublosas que aun el cielo no se les quería demostrar, (...) nunca deja de llover, é, si algún tanto las nubes lo dejan de hacer, los árboles siempre de sus ramas están destilando agua.*²⁴⁶

No relato sobre a "Jornada dos Chunchos", Pedro Cieza de León repete a fórmula acima:

*fué tanta el agua que caía que parecía que otro diluvio quería venir, y en poco estuvo que todos pudiesen en aquel camino. El ruido que el agua hacia entre aquellos espesos monte sera tanto, que unos á otros no se podían entender; el sol por ellos nunca jamás era visto, y habia una oscuridad tan triste que verdaderamente parecía aquella tierra ser más para tormento de demonios que no para habitarla la gente humana.*²⁴⁷

As chuvas escurecem os caminhos, somando-se com as copas das árvores, na redução da luz que incide sobre os expedicionários. O barulho é ensurdecador, a ponto de não permitir a comunicação entre os expedicionários. Os relatos são carregados de uma dramaticidade quase literária, culminando com o reforço do elemento que destacamos na abertura desse tópico, a "natureza infernal" da região da *montaña*. As águas que caem do céu, dos rios e a própria umidade garantem que os espanhóis não consigam secar suas roupas, estas acabam se tornando puídas, até rasgarem completamente. Em outro trecho da narrativa sobre a *entrada* de Peranzures, Cieza de León descreve o estrago das vestimentas:

²⁴⁶ Id., Ibid, p.340.

²⁴⁷ Id., Ibid., p.381.

*caían tan grandes aguaceros que era cosa de gran compasión ver á los tristes de-
larte que iban andando por allí sin tener ningún conhorto, y era tanta el agua que
de los cielos caía, que la ropa que tenían vestida de si ella propia se desmenuza-
ba, é queriendo adobarla se rompía más.*²⁴⁸

Sem suas vestimentas, eles estão ainda mais expostos aos cortes que sangram e infec-
cionam, gerando um desconforto terrível. No relato sobre a "Jornada de Ambaya", o cronista
descreve essa situação:

*Habia unos espinos tan malos que los fatigaban, é aunque iban con gran tino se
metían las agudas pijas que de ellos salían por los pies é por las piernas, é, como
aquesta espina es tan enconosa, hinchábase les por donde tocaba; é como iban
por rios, é por ciénagas, é por piedras, era mucho el dolor que por ir heridos les
causaba, é muchos ya iban llagados que muy gran lástima era de los ver.*²⁴⁹

A representação dessas agruras, mais uma vez, incorpora as questões que tratamos na
apresentação dessa análise. O meio é infernal, agride, fere e causa dores. Uma das marcas dos
espanhóis, contudo, é a resiliência, Pizarro não chegara a Cajamarca sem superar anos de in-
contáveis dificuldades. O traço característico dos homens que se envolvem em empresa como
essa é justamente esse, segundo pensa Cieza de León, e em alguma medida, entende que esse
é uma das razões para os espanhóis serem diferentes dos outros povos. Em meio à narrativa
sobre a "Jornada dos Chunchos", o cronista reflete sobre essa característica:

*Los españoles ya comenzaban á sentir los trabajos, é á muchos de ellos les pesa-
ba por se haber metido otra vez en el descubrimiento. Y esto en mí mismo he co-
nocido la experiencia, que, cuando andaba en algún descubrimiento trabajoso,
juraba é afirmaba que antes moriría que volver á otra jornada si de aquella salía,
mas luego senos olvida é deseamos vernos ya en otra.*²⁵⁰

²⁴⁸ Id., Ibid., p.379.

²⁴⁹ Id., Ibid., p.342-343.

²⁵⁰ Id., Ibid., p.362

Esse é um trecho revelador da crônica de Pedro Cieza de León, pois além de louvar os méritos dos espanhóis, também informa ter tomado de jornadas de descobrimento e conquista. De certo modo, ao dar conta dessa experiência, o cronista parece estar buscando legitimar o seu relato, fazendo ver que ele não é, de todo, somente um "testemunho indireto" de tudo o que está narrando. Ele conhece os sofrimentos enfrentados em circunstâncias como aquelas, é também um espanhol, e como tal, apresenta a resiliência que utiliza para justificar o triunfo da conquista castelhana. Por outro lado, a passagem também identifica a pré-disposição do povo hispânico para o movimento, traço este facilmente identificado ao longo de sua história, por intermédio do pastoreio, da guerra de reconquista e da própria conquista do Novo do.²⁵¹ Ainda quando trata da "Jornada dos Chunchos", Cieza de León formula outra reflexão laudatória aos méritos dos vassalos de Castela:

*É ciertamente yo creeré que en los futuros tiempos los españoles que descubrieron este Imperio serán tenidos en mucho, é sus nombres serán más memorados que no en los tiempos presentes, que por ser las cosas frescas é tan recientes las tenemos por tan comunes que casi en ellas no queremos hablar. É lo que yo pondero de ellos no son las conquistas ni batallas con los indios, sino el trabajo de descubrir, y esto en ninguna parte del mundo se les ha hecho ventaja á los que han ganado estos reinos.*²⁵²

Podemos pensar as representações formuladas pelo cronista a respeito da *montaña* como sendo fruto de uma generalização, calcada em fórmulas recolhidas junto aos seus informantes, ou até mesmo em sua própria experiência pessoal, quando participante de *entradas*. Poucos narradores quinhentistas trataram das expedições mais curtas, muitos fizeram isso parafraseando Cieza de León²⁵³, mas nenhum de forma tão detalhada quanto ele. Contudo, os recursos literários encontrados por ele para descrever a região são repetitivos, aludindo sempre a imagens como a escuridão provocada pelas chuvas e pela vegetação, o relato dos suplícios e a perseverança dos espanhóis em dar prosseguimento à empresa, a despeito de todas as agruras.

Parece-nos que a ênfase sobre as dificuldades naturais constitui um recurso argumentativo voltado para justificar o insucesso dos castelhanos nessas empresas. Como veremos a

²⁵¹ Cf. PEREZ, Demétrio Ramos. "La Conquista". In: Manuel Lucena Salmeral et al (Org.). *Historia de Iberoamerica. Tomo II: Historia Moderna*. Madrid: Cátedra, 1990. p.116

²⁵² Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.377-378.

²⁵³ Esses seriam os casos de Antonio de Herrera e Garcilaso de la Vega.

seguir, esses não encontram grandes dificuldades para derrotar os índios, mas são vencidos, fundamentalmente, pela "natureza infernal" da *montaña*. Na maioria das vezes, ela é pouco prodigiosa na oferta de alimentos, o que justifica a fome enfrentada pelos castelhanos; seus caminhos são difíceis e ásperos, fazendo com os expedicionários se movimentem em um processo arrastado; seus rios possuem corredeiras furiosas, resultando na perda dos equipamentos e víveres. A responsabilidade pelo fracasso nunca está no mal planejamento, quando muito é colocada sobre os ombros desse ou aquele comandante, refletindo a opinião política do cronista em detrimento das escolhas feitas pelo *caudillo*.

3.3.2 As representações sobre os povos:

As imagens que Pedro Cieza de León elaborou sobre os indígenas das *montañas* sugerem a projeção da maior parte dos traços característicos dos *antis*, segundo os povos do altiplano. Ele conhecia bem esses elementos, visto que dedicou um tomo inteiro de sua obra para descrever o período pré-hispânico. Seu interesse em aprender o *quéchua*, bem como seu diálogo constante com os antigos membros da nobreza de Cuzco nos tempos em que foi cronista de la Gasca, criaram oportunidades para que investigasse as informações que precisava para, dentro de suas limitações, compreender os códigos culturais utilizados por aquela sociedade. A partir disso, sua leitura sobre os *antis* ou os "povos da *montaña*" aparece monolítica, com pouquíssimos gradientes.

No livro *Guerra de las Salinas*, onde constam os seus relatos sobre as *entradas* de 1538, um dos primeiros contatos com os habitantes da *montaña* é apresentado durante a narrativa da "Jornada de Ambaya", quando os espanhóis *hallaron algunos indios flecheros (...) é salieron á ellos é los flecharon á algunos de ellos, é por no tener yerba no murió ninguno*.²⁵⁴ O arco e flecha constitui o armamento preferencial dos habitantes da *montaña*, apesar do alarde feito pelas armas de fogo trazidas pelos conquistadores, o armamento indígena tinha a vantagem de uma recarga mais rápida. Quando as pontas das flechas eram embebidas em veneno, prática não utilizada por esses índios que atacaram os homens de Pedro de Candía, o estrago provocado por elas poderia se tornar letal. Em toda a América existem relatos a respeito dessa prática.

Em uma passagem da "Jornada dos Chunchos", ocorre um confronto no qual se verifica o recurso das flechas envenenadas:

²⁵⁴ Cieza de León, *Guerra de las Salinas*, p.341.

*los bárbaros vieron contra sí venir á los españoles, comenzaron con los arcos de les lanzar muchas flechas, haciendo grande estruendo é diciendo que á todos los habian de matar. Los españoles con las rodela para protegerse de las flechas, pero eran tantas é tan espesas que hirieron á algunos de ellos é mataron á uno que habia por nombre Hernando Gallego, que no duró de la herida más que dia é medio con la vida, porque, según pareció, la punta de aquella flecha debia de estar untada con yerba pestífera.*²⁵⁵

O cronista fornece mais detalhes sobre o modo como esses indígenas lutavam, ao mesmo tempo em que revela o juízo que faz desses indivíduos, em outro trecho sobre a entrada de Pedro de Candía:

*Los indios que entre aquellas montañas vivían, que no son muchos, á la fama de la venida de los españoles se juntaban, y estando un dia adobando el camino y echando rama en unas ciénagas, los bárbaros vinieron á la retaguardia é comenzaron de flechar á los que en ella venían, é, á la grito que tenían, algunos españoles con las ballestas é arcabuces mataron á algunos de ellos; é traían estos rústicos bárbaros en sus manos arcos, flechas, é unas rodela de muy recio cuero de danta, con que se defendían de los golpes de las espadas.*²⁵⁶

O ataque realizado pelas costas, favorecido pela vegetação cerrada e pelo melhor conhecimento do terreno e dos caminhos, pode ser entendido como a utilização de uma estratégia inteligente por parte dos naturais da terra, a fim de livrar-se de um grupo invasor muito numeroso. Justamente o fato de serem grupos pequenos lhes permite um deslocamento mais ágil, veloz e discreto, o extremo oposto do que acontecia com as expedições espanholas. Além do retorno do arco e flecha, os indígenas aparecem agora dotados de escudo feitos com couro de anta, constituindo outro dos equipamentos utilizados por eles para fazer a guerra.

Cieza de León classifica esses equipamentos como rústicos bárbaros. Essa classificação é muito estimulada pela comparação que faz com os povos do altiplano, cujo modelo de civilização é muito mais próximo do que ele considera como o adequado. As armas dos indígenas da *montaña* são vistas como primitivas e pouco eficazes, desde que não estejam com as

²⁵⁵ Id., Ibid., p.363.

²⁵⁶ Id., Ibid., p.342.

setas envenenadas, ao passo que por meio dos seus arcabuzes e balestras, eles conseguem debelá-los sem grande dificuldade. Em face ao que, segundo seu pensamento, constitui uma superioridade técnica e tecnológica dos castelhanos, o recurso que resta aos naturais da terra é a emboscada e os golpes traiçoeiros.

Havia outras artimanhas, elaboradas com o propósito de dificultar o reabastecimento dos espanhóis. Durante a passagem dos homens de Peranzures, na "Jornada dos Chunchos", os indígenas teriam recorrido ao seguinte expediente:

*creyendo que hallarían algún poblado donde pudiese venir todo el real, para que, sustentándose en él, pudiesen pasar adelante á la noticia tan grande que tenían; mas no hallaron lo que pensaban ni tropezaron si no fué algunos yucales cortados, é las raíces ó yucas arrancadas y escondidas porque los indios, como tenían noticia de la venida de los españoles, habíanse ausentado é arrancado de aquella yuca, como decimos.*²⁵⁷

Possivelmente cientes do grande trabalho enfrentado pelos expedicionários para alimentar um grupo tão numeroso, os indígenas retiram do caminho as raízes que poderiam contribuir para amenizar sua fome. O estratagema funciona e os espanhóis caem em desespero devido a privação de comida, acordando em retornar pelo caminho que vieram. Esse trecho demonstra, mais uma vez, que a grande vantagem dos índios da *montaña* consistia no melhor conhecimento do território em que viviam, com o qual estavam acostumados a lidar, sabendo usá-lo em seu favor quando se fazia necessário conter o avanço de invasores.

Acerca da cultura material daqueles povos, o relato de Cieza de León é mais pobre, talvez por conta de sua compreensão de que esta seria rudimentar. Há porém um trecho do qual poderemos tirar proveito. Em uma das refregas ocorridas na "Jornada de Ambaya", um natural da terra é capturado pelos expedicionários, sendo interrogado sobre a possibilidade de encontrar alimentos nos arredores, para dar de comer ao *real* faminto. Cieza de León reproduz o que teria sido a resposta:

nosotros no tenemos otra cosa que una pequeña casa cobijada con las ramas de estos árboles, é más armas que son estos arcos é flechas que veis, y el manjar que comemos es raíces de yuca que sembramos, é con ellas nos sustentamos é vivimos

²⁵⁷ Id., Ibid. p.375

*contentos, y pensábamos que estábamos seguros de veros ante nuestros ojos; é por estos árboles hay monos é galos que con estas flechas matamos, é algunas-dantas, é vosotros no paséis adelante porque vais perdidos.*²⁵⁸

A voz do indígena finalmente aparece, tornando essa uma passagem singular. Seu relato é frustrante para as expectativas dos espanhóis, tanto no que concerne o encontro de alimentos, quando a descoberta de províncias grandiosas. Não há sinal de agricultura intensiva, como aquela verificada no altiplano, isso torna improvável que consigam encontrar comida para tanta gente. A morada dos indígenas é simples, contrastando, aos olhos dos espanhóis, com as construções monumentais que esperavam encontrar.

De um modo geral, os povos que viviam na *montaña* só aparecem nas linhas escritas por Cieza de León em momentos de enfrentamento com as hostes castelhanas. Esses encontros costumam ser breves, com rápidas vitórias para o lado dos europeus. A ação dos nativos raramente tem por objetivo o confronto aberto, preferindo a adoção de estratégias e armadilhas a fim de atrasar ou ferir o maior número de invasores que for possível. Desse modo, é como se esses indígenas fossem um vulto, uma sombra que hora ou outra volta para tornar mais agudo o suplício enfrentado pelos expedicionários. Pouco se avança sobre a compreensão da organização desses povos em Cieza de León.

3.4 A DESCOBERTA DO RIO DAS AMAZONAS:

O episódio mais divulgado sobre a história do vale no período quinhentista é, provavelmente, a descoberta do principal rio da bacia amazônica. Tal feito ocorre somente três anos depois das *entradas* de 1538, no entanto, já se trata de um momento bem diferente para o arranjo e execução dessas empresas. A *montaña* já não é mais uma região completamente desconhecida, ainda que isso não implique em maior facilidade para cruzá-la. As notícias sobre as províncias tornavam-se mais elaboradas, e os espanhóis dedicavam maior atenção para as histórias que os indígenas contavam a respeito dessas.

As ações que resultaram no descobrimento daquele que será chamado “Rio das Amazonas” origina-se a partir do estímulo gerado por esse contexto. Em contrapartida, as novidades reveladas pelos participantes dessa empresa também contribuíram para esse imaginário sobre a fronteira oriental. O principal nome identificado com o fato é o de Francisco de Orel-

²⁵⁸ Id., Ibid. p.342

lana. Entre os anos de 1541 e 1542, Orellana liderou um pequeno grupo que navegou pelo grande rio por quase toda a sua extensão, até desembocar no Oceano Atlântico. Há menções, comentários e até descrições pormenorizadas em grande parte da produção cronística subsequente. A mais importante dessas narrativas foi escrita por um de seus integrantes: o texto do frade dominicano Gaspar de Carvajal.

A viagem de Orellana origina-se em um destacamento formado durante a "Jornada da Canela", empresa liderada por Gonzalo Pizarro e organizada a partir de Quito. Em carta endereçada ao rei espanhol Carlos V, esse último denunciou Orellana, acusando-o de ter traído sua confiança e autoridade, ao deixar-lhe para morrer à míngua em plena selva. A delação de Gonzalo obrigou os participantes do destacamento a constituir defesa, justificando as razões para terem procedido daquela maneira. A salvaguarda de Orellana foi feita a partir dos testemunhos apresentados por seus companheiros, mas acima de tudo, pelo relato detalhado redigido por Carvajal. As nuances registradas pelo religioso constituem uma peça muito rica para a descrição da natureza e das populações amazônicas.

Os leitores mais críticos trataram o relato de Carvajal como um mero produto de sua imaginação, acreditando que este estaria projetando elementos de sua formação intelectual, enraizada na tradição ibérica medieval e moderna, sobre o cenário que visualizava enquanto navegava com seus companheiros. Essa percepção deriva, em grande parte, do clímax representado pelo combate que os espanhóis teriam travado contra guerreiras Amazonas, em plena selva, episódio que renderia o nome que até hoje batiza o curso d'água pelo qual a expedição passou.

A tese da “invenção” precisa ser matizada, pois como foi demonstrado no primeiro capítulo, não convence mais a tantos pesquisadores. A retomada desse texto se faz necessária, para que possamos identificar outras possibilidades interpretativas. O primeiro passo consiste em um esforço de melhor contextualização da viagem de Orellana, a partir do estudo da *Jornada da Canela*, expedição que lhe deu origem.

3.4.1 Jornada da Canela

No ano de 1541, Francisco Pizarro criou a governança de Quito e entregou o comando ao seu irmão mais moço, Gonzalo. O cronista Cieza de León salienta que nada constava na *capitulación* recebida pelo conquistador do Peru, que lhe autorizasse a dividir as terras rece-

bidas da Coroa.²⁵⁹ Essa decisão tinha, na verdade, um caráter estratégico; Pizarro buscava conter o crescimento do prestígio de outro *caudillo*, Sebastian de Benalcázar, que entre os anos de 1533-1534, ainda sob as suas ordens, conquistou e pacificou aquele território, instalando-se a seguir na companhia dos seus favorecidos.²⁶⁰ Temeroso de que Benalcázar reivindicasse junto ao rei o governo daqueles domínios, Pizarro antecipou-se, transferindo-o para seu irmão.

Em Quito, conforme tratamos no capítulo anterior, havia uma grande variedade de indivíduos ociosos, provenientes das mais diversas regiões, muitos dos quais veteranos de incursões pela fronteira oriental. De acordo com o historiador Johnni Langer, em 1534 um índio chamado Muequetá chegou àquelas bandas, com o propósito de conseguir apoio na guerra que seu povo movia contra um grupo rival. Na descrição que apresenta de suas terras, verifica-se a primeira menção conhecida sobre o Eldorado, "cacique principal" que governava uma cidade de ouro.²⁶¹ O cronista Gonzalo de Oviedo y Valdés descreve a opulência desse senhor:

*aquel grand señor (...) continuamente anda cubierto de oro molido (...);paresçe á él que traer otro qualquier atavio es menos hermoso, é que ponerse pieças ó armas de oro labradas de martillo (...) es grosería é cosa común, é que oíros señores é príncipes ricos las traen (...); pero que polvorizarse con oro es cosa peregrina, inusitada é nueva é más costosa, pues que lo que se pone un dia por la mañana se lo quita é lava en la noche (...); é esto haçe todos los dias del mundo. É es hábito que andando, como anda de tal forma vestido ó cubierto, no le dú estorbo (...) ni ofende la linda proporción de su persona é disposiçion natural, de qué mucho se presçia, sin se poner en çima otro vestido ni ropa alguna.*²⁶²

O relato em questão já sugere um discurso mais elaborado sobre as províncias grandiosas, enriquecidos pelas crenças e mitologia indígenas.²⁶³ Segundo Cieza de León, um dos objetivos da expedição de Gonzalo seria justamente encontrar a referida província, possivelmente como um novo estratagema para chegar à frente de Benalcázar. Esse, no entanto, não era o único objetivo da *entrada*, visto que os espanhóis também estavam preocupados em en-

²⁵⁹ Cieza de León, *Guerra de Chupas*, p.61.

²⁶⁰ Cf. BERNAND & GRUZINSKI, *História do Novo Mundo*, p.542.

²⁶¹ Cf. LANGER, Johnni. *O mito do Eldorado*. Revista de História (USP), São Paulo, SP, v. 136, 1997., p.28.

²⁶² Oviedo y Valdés, *Historia General*, p.383.

²⁶³ Idem

contrar o lugar onde se dizia haver uma grande quantidade de canela, especiaria muito valorizada na Europa, desde os tempos medievais:

*por las grandes noticias que en Quito y fuera del yo tuve, así por caciques principales y muy antiguos como por españoles, que conformaban, ser la provincia de la Canela y Laguna del Dorado tierra muy poblada y muy rica, por cuya causa yo me determiné de la ir á conquistar y descubrir y por servir á V. M. y por le ensanchar y aumentar sus reinos y patrimonio real, y porque me certeficaron que destas provincias se habrían grandes tesoros de donde V. M. fuese servido.*²⁶⁴

O fragmento citado faz parte da carta que Gonzalo Pizarro escreveu ao seu soberano, poucos dias depois de retornar de sua experiência na selva amazônica. Como toda *carta relatoria*, trata-se de um texto sucinto, destinado a informar o monarca de um fato ocorrido em seus domínios no Novo Mundo. Sua narrativa está repleta das fórmulas características já expostas em passagens anteriores desta dissertação. De um modo geral, os motivos que impulsionaram Gonzalo a escrever para o soberano estão ligados a duas situações: o cenário político verificado no Peru, marcado pela morte de seu irmão Francisco Pizarro; e a já comentada acusação de traição contra Francisco de Orellana.

O primeiro objetivo da *entrada* de Gonzalo, encontrar o lugar onde haveria abundância de canela, resultou segundo ele mesmo, em uma grande frustração. Em sua carta ao rei, informa a maneira como a especiaria estava disposta naquelas terras:

*Hallamos los árboles que llevan la canela, que son unos capullos, la muestra de la cual envió á V. M.; y la hoja tiene el mismo gusto, y la corteza ni lo demás no tiene gusto ninguno; los cuales estaban en unas montañas muy ásperas, despo-
bladas e inhabitables; y unos árboles eran pequeños y otros más gruesos, y esta-
ban apartados unos de otros mucho trecho. Es tierra y fruto de que V.M. no puede
ser dello servido ni aprovechado, porque es poca cantidad y de menos prove-
cho.*²⁶⁵

O desapontamento com árvores tão pequenas, espalhadas por um território de acesso tão difícil fez com que, em favor de ambições maiores, Gonzalo descartasse tomar posse do

²⁶⁴ Carta de Gonzalo Pizarro, p.85-86.

²⁶⁵ Idem.

"País da Canela". Era preciso buscar alternativas, chegara a hora de procurar o Eldorado? Após interrogar os naturais da região, com o auxílio dos seus "línguas", questiona sobre a existência de províncias ricas no interior daquelas terras. A cena é caracterizada pela cordialidade dispensada ao interlocutor indígena, que supostamente lhe confirmou a possibilidade de chegar ao lugar que estava procurando. Sabemos que a versão de Cieza de León, exposta no capítulo anterior, é sensivelmente diferente; o cronista acusa Gonzalo de recorrer à violência extrema, com o uso de tortura e outras crueldades.

De acordo com a carta, a província que o indígena descreve seria habitada por gente vestida, algo que desde a descoberta do México era tomado pelos espanhóis como um indicativo para "povos dotados de razão". Gonzalo informa que o seu *real* avançou até atingir a província dos Omágua, na qual tentou, sem sucesso, manter contato com os naturais daquela região:

*los indios desta provincia se tratan y contratan por el agua en sus canoas, porque la tierra adentro no se puede andar, porques todo ciénegas y mucha agua y todos tienen sus viviendas y casas junto á lengua del agua. (...) y son tan diestros en el andar destas canoas y en el gobernallas, que á esta causa nadie es parte para los facer mal ni poder conquistar.*²⁶⁶

O relato do encontro com os Omágua revela uma inconsistência na narrativa de Gonzalo, pois de acordo com outros espanhóis que viajaram pela Amazônia quinhentista, este povo estaria assentado bem mais à frente. O próprio Orellana levaria algum tempo para encontrar com a referida terra, muito depois do ponto em que se separou da Jornada da Canela. É possível que se trate de uma interpolação, já que quando escreve sua carta, Gonzalo já dispunha das notícias dos eventos vividos no Rio das Amazonas, de modo que poderia estar buscando primazia sobre essa conquista.

Gonzalo alega que por conta da dificuldade em encontrar comida e terras povoadas, teria sido procurado por Francisco de Orellana, que prontamente se voluntariou para liderar um destacamento destinado a encontrar alimentos para o *real*. O capitão informa ao seu comandante, que de acordo com o que pudera descobrir junto aos guias, haveria terra povoada uma jornada à frente, e esta poderia ser atingida muito mais rapidamente com o auxílio do bergantim e de sessenta homens. Assim que cumprisse sua missão, Orellana retornaria para abastecer

²⁶⁶ Id., p.88.

os que estavam fracos e doentes. Gonzalo afirma ter concordado com esta situação, fazendo a seguinte ressalva:

*confiando quel capitán Orellana lo haría así como lo decía, porqué él era mi teniente, dije que holgaba que fuese por la comida, y que mirase que viniese dentro de las doce días y por ninguna manera no pasase de las juntas de los ríos, sino que trajese la comida y no curase de más, pues llevaba gente para lo hacer así.*²⁶⁷

Conforme já sabemos, o expediente dos destacamentos era bastante recorrente no curso das *entradas* espanholas. Ganhava-se em velocidade e discrição, usando principalmente os expedicionários mais dispostos, saudáveis e capazes de tomar parte nessas ações. No caso da empresa de Gonzalo Pizarro, a opção pela separação foi terrível para os que ficaram. A constatação de que estavam abandonados é narrado com revolta pelo comandante:

*no mirando á lo que debía al servicio de V.M. y á lo que debía hacer como por mí le había sido dicho, como su capitán, y al bien del real y jornada, en lugar de traer la comida, se fue por el rio sin dejar ningún proveimiento, dejando tan solamente las señales y cortaduras (...), usando con todo el real la mayor crueldad que infieles ningunos usaran, viéndole quedar tan desproveído de comida y metido en tan gran despoblado y entre tan grandes ríos, llevando todos los arcabuces y ballestas y municiones y herrajes de todo el real.*²⁶⁸

Aos olhos de Gonzalo Pizarro, a traição de Orellana não se resumiu a um simples ato de insubordinação, passava também pelo roubo dos equipamentos, dentre os quais estava o bergantim, deixando os remanescentes à míngua para que morressem. Sem a embarcação, o deslocamento tornou-se ainda mais complicado, os expedicionários caminhavam quase o tempo todo por áreas alagadas, com água pelo joelho ou até mais acima, dependendo da ocasião. A travessia dos rios caudalosos seria impossível, não fosse o fato de toparem com alguns indígenas e de terem confiscado cinco das suas canoas. Com elas, faziam várias viagens até que todos os membros do *real* cruzassem o rio, em uma operação que, segundo Gonzalo, levava dias para se completar.

²⁶⁷ Id., p.90.

²⁶⁸ Id.

Orellana levou também as armas, deixando os expedicionários vulneráveis, dotados apenas de seus facões e machados, utilizados para abrir a vegetação cerrada. Sem os arcabuzes e as balestras, o grupo torna-se exposto aos ataques indígenas e dispõe de poucos recursos para caçar. A alimentação passa a ser restrita às frutas que encontravam pelo caminho, algumas vezes confundidas com plantas venenosas, bem como à carne dos cães e cavalos que sacrificavam para matar a fome. A privação de comida e o esforço da viagem de volta ceifou a vida de grande parte dos espanhóis que ficaram com Gonzalo, mas ainda assim, houve sobreviventes. Chegaram ao Peru extenuados e praticamente nus, em um espetáculo vivo do sacrifício pelo qual foram submetidos.

As mudanças na ordem política provocaram surpresas e desgostos à Gonzalo: seu irmão, Francisco Pizarro, fora morto pelos partidários de Diego Almagro, o moço; o licenciado Cristóbal Vaca de Castro, enviado pelo monarca, para resolver a querela entre *pizarristas* e *almagristas*, retirara de Gonzalo o direito sobre a governança de Quito e adjacências; as sublevações nativas contra a presença dos espanhóis só aumentavam.

Como se não bastasse, chegava a notícia de que Francisco de Orellana, a quem Gonzalo culpava não só pelo sofrimento vivido na selva amazônica, como também pelo atraso que lhe fez perder tantos momentos decisivos da política peruana, saíra daquele inferno verde pelo Mar do Norte, relatando maravilhas acerca das províncias interiores. Na condição de representante do Marquês Francisco Pizarro, seu irmão e, por conseguinte, de Carlos V, rei da Espanha, Gonzalo sentia-se ultrajado por seu subordinado. Tal afronta demandava medidas severas contra Orellana e seus homens, forçando-lhes a apresentar suas justificativas para tudo o que ocorrera desde que os grupos se separaram.

Antes de passarmos para a "Jornada das Amazonas", precisamos reter algumas contribuições proporcionadas pelo relato de Gonzalo Pizarro, bem como por sua experiência na fronteira oriental.

Diferente do que ocorrera com as expedições autorizadas por seu irmão Hernando, dessa vez a expedição não estava sob o comando de um homem de confiança da família, mas sim por um Pizarro. O que podemos apreender disso? Uma primeira hipótese seria garantir a supremacia em relação ao espaço que vinha sendo conquistado por Sebastián de Benalcázar. Como antecipamos, Francisco Pizarro havia cedido a governança de Quito ao irmão justamente com esse propósito, anular um antigo aliado que vinha se tornando um *caudillo* adversário. O projeto de Benalcázar em encontrar a região onde estava situada a Província do Eldorado

precisava ser antecipado, garantindo à família a primazia sobre a conquista de um novo grande reduto indígena.

A segunda hipótese para o interesse de Gonzalo na jornada é um corolário da anterior. Como sabemos, as *entradas* de 1538 possuíam um interesse precípuo em gerar descobrimentos para aliviar as tensões internas, decorrentes das disputas coloniais, bem como da abundância de gente ociosa nas terras do Peru. Embora Quito não destoasse de Cuzco, no que diz respeito a esse último ponto, parece-nos que o envolvimento direto de Gonzalo indica que as notícias sobre províncias ricas e grandiosas na fronteira oriental começavam a ser levadas mais a sério. Os informes indígenas, cujas motivações eram muitas vezes questionadas, estavam agora acompanhados pelos relatos dos castelhanos que incursionaram pela *montaña*. Homens como Peranzures estiveram nas terras planas, outros, como os que acompanhavam Diogo Nunes, alegavam mesmo que tinham estado em províncias grandiosas.

Outras notícias provenientes de outras regiões, como a busca de Diego de Ordáz pelo "País de Meta"²⁶⁹ reforçavam a convicção de que fosse, de fato possível, tomar posse de um "Novo Peru", ideia que começava a ganhar corpo naquele tempo.

A logística da *entrada* de Gonzalo Pizarro também aponta para inovações. Enquanto as expedições de 1538 ocorreram, basicamente, a partir de ações terrestres, a "Jornada da Canela" fez uso da construção de uma embarcação, o bergantim que deu início à discórdia com Francisco de Orellana. Carpinteiros e ferreiros, responsáveis por fazer os pregos, tornaram-se integrantes indispensáveis para as incursões na fronteira oriental. Os rios largos e caudalosos que atrasavam em muitos dias a passagem do *real* eram agora os cursos pelos quais as expedições deveriam prosseguir. A consciência da necessidade desse expediente provém do conhecimento preliminar, que já vinha se esboçando sobre as terras do leste.

3.4.2 A apologia de Orellana: o relato do frei Gaspar de Carvajal

As denúncias que Gonzalo Pizarro apresentou contra Orellana foram graves, tornando-se ainda mais sérias por não se tratar de um simples comandante de *entradas*, mas sim de uma autoridade colonial de primeira importância. Caso essas questões não fossem esclarecidas corretamente, o destino do acusado poderia ser o cárcere, ou até mesmo, a pena capital. Em seu favor, o capitão Orellana convocou vários dos participantes de sua *jornada* para testemu-

²⁶⁹ Oviedo y Valdés, *Historia General*, p.218

nhar junto ao Conselho de Índias, e a peça mais importante dessa defesa foi a *relación* escrita pelo frade dominicano Gaspar de Carvajal.

O religioso, assim como Orellana e os próprios irmãos Pizarro, era natural da região da Estremadura. No ano de 1535, veio para o continente americano ao lado de Frei Vicente de Valverde, famoso por sua participação na conquista do Peru. Em 1538, era o vigário provincial da “cidade dos reis” (Lima), sendo o responsável pela fundação do primeiro convento dominicano naquelas terras. Seu ingresso na *Jornada da Canela* ocorre a convite de Gonzalo Pizarro, desempenhando assim o papel de capelão. Buscaremos agora identificar algumas características gerais desse texto, a fim de salientarmos o seu caráter apologético.

Começaremos por seu parágrafo derradeiro, que bem poderia ter feito às vezes de abertura, no qual o dominicano explica porque escreveu aquele relato:

*Yo, fray Gaspar de Carvajal, el menor de los religiosos de la Orden de nuestro religioso Padre Santo Domingo, he querido tomar este poco trabajo (...) para decirla y notificar la verdad en todo ello, como para quitar ocasiones á muchos que quieran contar esta nuestra peregrinación, ó al revés de como lo hemos pasado y visto; y es verdad en todo [lo] que yo he escrito y contado (...), así, superficial y sumariamente, he relatado lo que ha pasado por el capitán Francisco de Orellana y por los hidalgos de su compañía y compañeros que salimos con él del real de Gonzalo Pizarro.*²⁷⁰

Apresentando-se de modo cerimonioso, Carvajal sublinha sua condição de dominicano, uma das ordens religiosas mais importantes atuando no Peru colonial. Essa credencial certamente confere credibilidade ao texto, demonstrando que ali está um homem de Deus, honrado e cujo testemunho estará acima de qualquer suspeita. Classifica também os companheiros de Orellana como “*hidalgos*”, ou seja, gente da pequena nobreza espanhola, indivíduos comprometidos com a causa régia, e não vis traidores interessados apenas no enriquecimento fácil. O religioso é ainda explícito quando avisa que o propósito desse seu escrito é “informar a verdade”, fórmula que como sabemos, está presente na maioria dos testemunhos diretos quinhentistas, e nesse caso, direciona-se contra a carta anotada por Gonzalo Pizarro, poucos dias depois de seu regresso à Quito.

²⁷⁰ Relación de Carvajal, p.83

Nas primeiras linhas da *relación*, Carvajal apresenta um retrospecto de como Francisco de Orellana acabou envolvido com a *Jornada da Canela*, descrevendo sua saída de Santiago de Guayaquil até unir-se ao grupo de Gonzalo Pizarro. Quando ocorre finalmente o encontro entre os dois personagens, o religioso faz a seguinte ressalva:

*y aunque esto que he dicho hasta aquí no lo vi ni me hallé en ello, pero infórmeme de todos los que venían con el dicho Capitán, porque estaba yo con el dicho Gonzalo Pizarro y le vi entrar á él y sus compañeros de la manera que dicho tengo; pero lo que de aquí en adelante dijere será como testigo de vista y hombre á quien Dios quiso dar parte de un tan nuevo y nunca visto descubrimiento, como es este que adelante diré.*²⁷¹

Carvajal faz questão de ressaltar sua condição de “*testigo de vista*” para os eventos relativos ao destacamento de Orellana. Como foi dito no primeiro capítulo, esse era um argumento que buscava persuadir o leitor de sua veracidade, confrontando com as impressões de quem não teve acesso em primeira mão ao que estava sendo contado. Gonzalo Pizarro estaria falando de traição sem ter conhecimento de tudo o que se sucedeu depois da partida do destacamento, a narrativa do religioso se propunha a esclarecê-los, a fim de debelar completamente a mais vaga suspeita de traição.

O primeiro argumento usado em benefício do capitão trata dos termos firmados com o comandante, quando o destacamento foi organizado. Lembremos que, segundo Gonzalo Pizarro, após autorizar aquele expediente, teria determinado, sem margem para dúvidas, que *viniese dentro de las doce dias y por ninguna manera no pasase de las juntas de los ríos*.²⁷² A acusação de deslealdade é formulada justamente a partir da desobediência desta ordem direta. A versão exposta pelo dominicano traz uma diferença fundamental:

fué al dicho Gobernador y le dijo cómo él determinaba de dejar lo poco que allí tenía y seguir el río abajo, y que si la ventura le favoreciese en que cerca hallase poblado y comida con que todos se pudiesen remediar, que él se lo haría saber, y que si viese que se tardaba, que no hiciese cuenta del, y que, entre tanto, que se retrajese atrás donde hubiese comida, y que allí le esperase tres ó cuatro días, ó

²⁷¹ Idem, p.5

²⁷² Carta de Gonzalo Pizarro, p.90.

*el tiempo que le pareciese, y que si no viniese, que no hiciese cuenta del; y con esto el dicho Gobernador le dijo que hiciese lo que le pareciese.*²⁷³

O prazo para a volta é mais curto e fornecido pelo próprio Francisco de Orellana, com o acréscimo de que se não voltasse no tempo estipulado, que fosse dado como perdido. Em nenhum momento a narrativa fala de uma ordem direta de Gonzalo em sentido contrário. Carvajal também salienta que o capitão determinou-se a *dejar lo poco que ali tenía*, em uma formulação sugestível ao leitor de que, na verdade, Orellana abandonou suas posses, ao invés de levar o que era de seu superior. Na verdade, em um trecho anterior, encontramos alusão ao quanto o descobridor do rio Amazonas teria investido para tomar parte *da Jornada da Canela*:

*el dicho Capitán dijo al dicho Gonzalo Pizarro como quería ir con él en servicio de Su Majestad y llevar sus amigos y gastar su hacienda para mejor servir (...) y para seguir la dicha jornada gastó sobre cuarenta mil pesos de oro en cosas necesarias, y, aderezado, se partió.*²⁷⁴

A viagem de Santiago de Gauyaquil até onde estava acampado o *real* de Gonzalo Pizarro foi duríssima, a ponto de Orellana perder quase tudo o que havia adquirido para ingressar na expedição. Chegado ao seu destino contava apenas com *una espada, y una rodela, y sus compañeros*.²⁷⁵ Sob a perspectiva de Gonzalo, portanto, o contributo de Orellana para os custos com a expedição fora limitado, aceitando-o muito mais pelo seu valor como pacificador da costa, bem como pelos braços a mais que ele agregava. Porém, sob a ótica do capitão, muito havia sido investido (e perdido) para que pudesse estar ali, o insucesso da *entrada* indicaria também o seu fracasso.

O segundo argumento de Carvajal consiste em demonstrar o quanto os homens de Orellana também foram vítimas de dificuldades terríveis, ao enfrentar rios tão largos com uma embarcação feita de modo improvisado. A sequência dos eventos encadeia diversos sofrimentos, capazes de rivalizar com os enfrentados por Gonzalo Pizarro e os remanescentes do *real*:

no fallamos comida en doscientas leguas, ni nosotros la hallábamos, de cuya cabsa padecimos muy gran necesidad, (...) y así, íbamos caminando suplicando á

²⁷³ Relación de Gaspar de Carvajal, p.6-7.

²⁷⁴ Idem, p.4

²⁷⁵ Id., p.5.

*Nuestro Señor tuviese por bien de nos encaminar en aquella jornada de manera que pudiésemos volver á nuestros compañeros. El segundo día que (...) nos apartamos de nuestros compañeros nos hubiéramos de perder en medio del río, porque el barco dio en un palo y sumióle una tabla, de manera que á no estar cerca de tierra acabáramos allí nuestra jornada; pero púsose luego remedio en sacarse de agua y ponerle un pedazo de tabla.*²⁷⁶

O regresso não ocorre, em primeiro lugar, devido ao insucesso em encontrar os alimentos que resolveriam o problema da fome, tanto do grupo de Gonzalo, quanto (faz questão de frisar) dos próprios homens de Orellana. A embarcação, por seu turno, também não representou uma grande vantagem, tendo em vista o acidente sofrido dois dias depois da partida. Carvajal também descreve o modo como a fome começou a abater os ânimos dos expedicionários:

*á falta de otros mantenimientos, vinimos á tan gran necesidad que no comíamos sino cueros, cintas y suelas de zapatos cocidos con algunas yerbas, de manera que era tanta nuestra flaqueza que sobre los pies no nos podíamos tener, que unos á gatas y otros con bordones se metieron (...) á buscar algunas raíces que comer, y algunos hubo que comieron algunas yerbas no conocidas, los cuales estuvieron á punto de muerte, porque estaban como locos y no tenían seso.*²⁷⁷

A sorte dos homens de Orellana só começou a virar após o ano novo de 1942, quando chegaram até a província de Apária. Nesse lugar, finalmente encontraram comida em abundância, sendo possível matar sua fome e descansar. Teriam ficado por ali quase um mês, mantendo uma relação relativamente amistosa com os naturais da terra. A estadia prolongada se justificava pelo interesse em construir uma nova embarcação, mais resistente, que teria levado vinte dias para terminar. O *real* estava prestes a ter um meio de transporte mais seguro e dispunham de mantimentos, não era chegado então o momento de regressar? Gaspar de Carvajal descreve como se deu a discussão sobre o tema:

el Capitán acordó de dar mil castellanos a seis compañeros si juntarse quisiesen y dar la nueva al Gobernado Gonzalo Pizarro, y demás desto les darían dos ne-

²⁷⁶ Id., p.7

²⁷⁷ Id., p.8-9.

*gros que les ayudasen a remar y algunos indios para que le llevasen cartas y le diesen de su parte nueva de lo que pasava; y entre todos no se fallaron sino tres, porque todos temían la muerte que les estaba cierta, por lo que habían de tardar hasta vuelta, porque habían andado ciento cincuenta leguas desde que habían dejado al Gobernador en nueve dias que habían caminado.*²⁷⁸

Nesse fragmento, encontramos o terceiro elemento da argumentação de Carvajal. Francisco de Orellana demonstra-se preocupado com a sorte do *real* comandado por Gonzalo Pizarro, no entanto, seus homens passaram por privações semelhantes e agora temiam retornar ao trecho em que estas foram mais agudas. Caso o medo não fosse justificativa satisfatória, havia ainda a tarefa hercúlea em tentar navegar contra a corrente daquele poderoso rio. O bergantim emprestado de Pizarro, um dos pontos da discórdia, já não tinha mais serventia alguma, visto que sua estrutura não suportava a navegação por aquelas águas, seguiram a viagem com o barco que construíram na província de Apária. Além disso, de acordo com a versão de Carvajal, o combinado com Gonzalo Pizarro previa que este esperasse a volta de Orellana por alguns dias, devendo desistir dele caso não regressasse.

A quarta estratégia consiste na divulgação do mérito das descobertas produzidas a partir da viagem. Enquanto nas *entradas* anteriores a descrição de ricas províncias é algo que os castelhanos apenas "escutam", a partir dos relatos obtidos junto aos indígenas, Em Carvajal encontramos o testemunho visual. Os homens de Orellana enxergam e algumas vezes até caminham pelo interior das terras desejadas.

A meticulosa descrição realizada pelo Frei Gaspar de Carvajal sobre a várzea faria um leitor quinhentista pensar que, caso aquilo fosse verdadeiro, os espanhóis estariam diante da oportunidade de uma nova conquista de vulto, até mesmo comparável à do Peru. Sua narrativa soa como a materialização de tudo o que, desde as primeiras incursões, os expedicionários imaginavam existir naquelas terras: províncias muito povoadas, assentamento em terras planas, cultura material refinada, artefatos de ouro e inúmeras outras joias e riquezas. Em muitas passagens, é possível identificar com clareza características das zonas andinas, no que concerne o vestuário, o clima, motivos artísticos e ornamentais, animais, plantas e elementos religiosos.

Nos primeiros encontros com indígenas, Francisco de Orellana se esforça em obter a amizade e a aliança dos principais, a partir da troca de presentes e de gentilezas. A guerra e a

²⁷⁸ Id., p.16-17.

pilhagem são reservadas para situações extremas, contra aqueles que eventualmente impunham resistência aos conquistadores, como mandava a cartilha de Cortés e Pizarro. Preocupado em afirmar os méritos de seu capitão, Carvajal sugere que essa atitude não se justifica apenas pela busca por comida, já que Orellana como um líder valoroso, mesmo em face das mazelas vivenciadas, pensava grande, projetando a ampliação do reino espanhol, por meio da incorporação daquelas terras.

Nas situações de conflito aberto, como no célebre e polêmico encontro com as guerreiras amazonas, Orellana também é apresentado como um líder extraordinário. Sua valentia contagiava seus companheiros e seu senso tático, não poucas vezes conduz os espanhóis à vitória, mesmo quando confrontados por grupos numericamente superiores. Passaremos agora ao relato das províncias feito por Carvajal

3.4.3 As províncias da várzea do rio das Amazonas:

Após terem deixado Gonzalo Pizarro, antes da junção dos rios, Carvajal informa que viajaram por uma região inóspita, carente de alimentos e basicamente despovoada. A paisagem então começa a se transformar. O ponto de inflexão ocorre próximo à região de “Apária”, nome com o qual, segundo Antonio Porro, se designa o senhor principal, duas de suas maiores aldeias (Apária maior e Apária menor) e a província como um todo.²⁷⁹ Ali, Orellana conquistou a confiança dos naturais, fazendo uma preleção sobre o Cristianismo e o Império espanhol, convocando-os para viver sob a proteção de Deus e de seu monarca. Em meio a esse discurso, insere um elemento dissonante:

*le dijo más, que éramos hijos del Sol y que íbamos á aquel río, como ya le había dicho. Desto se espantaron mucho los indios y mostraron mucha alegría, teniéndonos por santos ó personas celestiales, porque ellos adoran y tienen por su Dios al Sol, que ellos llaman Chise. Luego dijeron al Capitán que ellos eran suyos y que le querían servir, y que mirase de qué tenía necesidad él y sus compañeros, que él se lo daría muy de su voluntad.*²⁸⁰

Um dos problemas que dificultam a aceitação dessa e de outras passagens é a linguagem. Ainda que se tenha recorrido ao uso de gestos, ou que, como afirma Carvajal, Orellana

²⁷⁹ Cf. PORRO, Antonio. *Dicionário Etno-histórico da Amazônia Colonial*. São Paulo: IEB-USP, 2007. p.18

²⁸⁰ Relación de Carvajal, p.22-23.

fosse mesmo muito hábil com as línguas indígenas, não nos parece razoável que, penetrando profundamente a região amazônica, notabilizada por sua extraordinária diversidade linguística, o diálogo tenha se processado com tamanha fluência. Especialmente quando pensamos que o tema da conversa é dotado de uma série de abstrações, dificultando ainda mais o entendimento. Ao se proclamar “filho do sol”, Orellana estaria tentando confundir os naturais da terra, divinizando a si e aos seus companheiros; nesse caso, forjando um entendimento que dera certo no México e no Peru. Mais do que uma resposta bem compreendida, parece-nos que Orellana escutou a resposta que imaginava certa.

Um pouco à frente, Carvajal nos fornece outra informação que parece mais convincente na tarefa de explicar o bom trato recebido dos indígenas, o uso da reciprocidade, sobre a qual comentamos anteriormente:

*El Capitán (...) mandó luego dar muchas cosas, y á los demás principales, y quedaron tan contentos que dende en adelante ninguna cosa el Capitán les pedía que luego no se la daban; y se levantaban todos en pie, y dijeron al Capitán que se aposentase en el pueblo, que ellos se lo dejarían desembarazado, y que se querían ir á sus casas y que cada día vendrían á traernos de comer.*²⁸¹

Mas o que afinal esses homens teriam para oferecer aos indígenas? Depois de tantos sofrimentos, da perda de grande parte das suas posses, e da total escassez de comida. Carvajal fala sobre roupas e objetos pessoais, qualquer coisa que chamasse a atenção dos naturais da terra. Em certa altura, encontram indivíduos incomuns:

vinieron cuatro indios á ver al Capitán (...) y eran de estatura que cada uno era más alto un palmo que el más alto cristiano, y eran muy blancos y tenían muy buenos cabellos que les llegaban á la cintura, muy enojados de oro y ropa; y traían mucha comida; y llegaron con tanta humildad que todos quedamos espantados de sus disposiciones y buena crianza: sacaron mucha comida y pusiéronla delante del Capitán, y le dijeron como ellos eran vasallos de un señor muy grande, y que por su mandado venían á ver quién éramos ó qué queríamos ó dónde

²⁸¹ Idem, p.23.

*íbamos; y el Capitán les recibió muy bien, y primero que los hablase, les mandó dar muchas joyas, que ellos tuvieron en mucho y se folgaron.*²⁸²

A imagem desses indígenas parece distante da bestialidade com a qual os *antis* das *montañas* costumavam ser descritos, tanto pelos povos do altiplano, quanto pelos primeiros expedicionários. Sua tez alva e sua cordialidade no trato com os espanhóis significaram, aos olhos destes, características incomuns, diferenciando-os de quase tudo o que já tinham tomado conhecimento no Novo Mundo. Era mais uma evidência da existência de regiões ricas e de sociedades complexas nos arredores de onde estavam.

A boa relação com os povos nativos terminou ao sair dos domínios de Apária, passando para a província de Machiparo, onde Diogo Nunes alega ter estado, alguns anos antes. Segundo Antonio Porro, a região ficaria situada na *margem direita do rio Solimões, desde acima do Tefé até o Coari*.²⁸³ Os espanhóis foram recebidos por um grande contingente de indígenas em canoas, prontos para o combate, armados e com escudos feitos com cascas de lagartos e couro de peixe-boi e anta.²⁸⁴ Devido à pólvora molhada, os expedicionários não conseguiram usar seus arcabuzes, precisando combater apenas com as suas balestras. Carvajal descreve um combate épico, onde a providência divina e o valor dos espanhóis recebem o mérito pelo triunfo. Após uma dura refrega, os cristãos conseguem intimidar os indígenas, enfim saltando em terra firme, onde o combate ainda perduraria por várias horas.

A bravura e a superioridade numérica dos nativos fizeram com que Francisco de Orellana não visse outra solução, senão ordenar a rápida saída daquelas terras. A partida leva dois dias e duas noites, tamanha era a grandiosidade das terras de Machiparo, algo que fica evidente na seguinte passagem:

tanto tardamos en salir de la población deste gran señor llamado Machiparo, que al parecer de todos duró más de ochenta leguas, que era toda una lengua, éstas todas pobladas, que no había de poblado á poblado un tiro de ballesta, (...), y hubo pueblo que duró cinco leguas sin restañar casa de casa, que era cosa maravillosa de ver; como íbamos ele pasada é huyendo no tuvimos lugar de saber qué es lo que había en la tierra adentro; pero, según la disposición y parecer de ella, debe ser la más poblada que se ha visto, y así nos lo decían los indios de la pro-

²⁸² Id., p.25-26.

²⁸³ PORRO, *Dicionário Etno-Histórico*, p.60.

²⁸⁴ Relación de Carvajal, p.31.

*vincia de Apária, que había un grandísimo señor la tierra adentro hacia el Sur, que se llamaba Ica, y que éste tenía muy gran riqueza de oro y plata.*²⁸⁵

Do barco, os expedicionários observam a extensão considerável da Província de Machiparo, mas não podem descer para explorá-la da forma mais adequada. Essa situação faz com que Carvajal mescle a narrativa do que seus sentidos identificam com aquilo que infere, a partir de sua memória; declaradamente, os relatos obtidos na Província de Apária, naquele processo de comunicação deficitário, e certamente os boatos que corriam pelo Peru. A partir dessa operação, deduz que a terra seja farta em metais preciosos, bem como, agrega a informação sobre a existência de um grande senhor no interior.

Os domínios subsequentes correspondem à terra dos Omágua, lugar que Orellana não teria aportado, pois estava ressabiado com a experiência anterior em Machiparo. Apesar dessa precaução, os moradores dessa província, mais uma vez, ofereceram resistência ao avanço dos espanhóis, combatendo-os em pleno rio até que esses se afastassem das zonas mais povoadas. Chegando a um lugar que Carvajal interpretou como a “casa de descanso” de um principal local, encontraram uma grande variedade de artefatos, conforme aparece a seguir:

*En este pueblo estaba una casa de placer dentro de la cual había mucha loza de diversas hechuras, así de tinajas como de cántaros muy grandes de más de veinte y cinco arrobas, y otras vasijas pequeñas como platos y escudillas y candeleras desta loza de la mejor que se ha visto en el mundo, porque la de Málaga no se iguala con ella, porque es toda vidriada y esmaltada de todas colores y tan vivas que espantan, y demás desto los dibujos y pinturas que en ellas hacen son tan compasados que naturalmente labran y dibujan todo como lo romano; y allí nos dijeron los indios que todo lo que en esta casa había de barro lo había en la tierra adentro de oro y de plata, y que ellos nos llevarían allá, que era cerca.*²⁸⁶

Sabemos hoje que o uso da cerâmica é um indicativo da especialização do trabalho, alcançado em sociedades que apresentam um razoável grau de densidade demográfica, tornando possível que certos membros dediquem-se a esse ofício. De acordo com os estudos arqueológicos mais recentes, tal condição encontrava-se acessível na região da várzea amazônica, local onde existem registros de cerâmica policromada, semelhante às que foram descri-

²⁸⁵ Id., p.40-41.

²⁸⁶ Id., p.44

tas por Carvajal no fragmento acima.²⁸⁷ Porém, mais uma vez, o religioso mescla as notícias daquilo que viu, com o que ouviu, apontando a existência de peças em ouro e prata no interior das terras. Logo em seguida, descreve uma série de ídolos que encontrou no mesmo lugar:

*en esta casa se hallaron dos ídolos tejidos de pluma de diversa manera, que ponían espanto, y eran de estatura de gigante y tenían en los brazos metidos en los molledos unas ruedas á manera de arandelas, y lo mismo tenían en las pantorri-llas junto á las rodillas; tenían las orejas horadadas y muy grandes, á manera de los indios del Cuzco, y mayores.*²⁸⁸

O filtro peruano faz-se mais uma vez presente, tendo em vista a associação quase imediata com os motivos verificados em Cuzco. As peças amazônicas eram construídas em palha e em plumas de aves coloridas, porém remetiam aos *orejones* cusquenhos. Explorando os arredores dessa casa, os espanhóis descobrem estradas muito largas, supostamente conduzindo a províncias maiores localizadas no interior. Em virtude das poucas condições que dispunham para combater, Orellana resolve abandonar aquele lugar e seguir o curso de sua viagem, deixando aquela conquista para uma ocasião futura. Do barco, Carvajal avista novamente o cenário de regiões muito povoadas:

*metida la comida y todos dentro de los bergantines, comenzamos á caminar ya que era noche, y toda ella fuimos pasando muchos y muy grandes pueblos, fasta que vino el día, que habíamos andado más de veinte leguas, que por huir de lo poblado no hacían nuestros compañeros sino remar, y mientras más andábamos más poblada y mejor hallábamos la tierra, y así íbamos siempre desviados de tierra por no dar lugar á que los indios saliesen á nosotros.*²⁸⁹

A jornada prosseguiu passando pela Província de Paguana, onde também encontraram uma região muito habitada, com *un pueblo que tendría más de dos leguas de largo*. Os índios aqui não impuseram resistência aos espanhóis, informando-lhes que desta aldeia *iban muchos caminos la tierra adentro, porque el señor no reside sobre el río*. Carvajal observa a existência de *muchas ovejas de las del Perú*, metais preciosos e que a terra é *muy alegre y vistosa y*

²⁸⁷ Cf. NEVES, Arqueologia da Amazônia, p.64-66.

²⁸⁸ Relación de Carvajal, p.44

²⁸⁹ Ibid., p.45.

*muy abundosa de todas comidas y frutas.*²⁹⁰ O rio, àquela altura, demonstra-se tão longo que, segundo ele, navegando por uma margem, era impossível enxergar a margem oposta.

Saindo dessas terras, entraram nos domínios de um principal, cujo nome Carvajal não foi capaz de dizer. Trata-se provavelmente de uma região localizada nas proximidades da atual cidade de Manaus, visto que Carvajal descreve, pouco adiante, o encontro das águas do Rio Negro com o Solimões. Nessa área, os expedicionários avistaram uma construção muito sólida, descrita como uma fortaleza:

*Este pueblo estaba en una loma apartado del río como en frontera de otras gentes que les daban guerra, porque estaba fortificado de una muralla de maderos gruesos, y al tiempo que nuestros compañeros subieron á este pueblo para tomar comida, los indios lo quisieron defender y se hicieron fuertes dentro de aquella cerca, la cual tenía no más que una puerta, y comenzáronse á defender con muy gran ánimo; mas, como nos víamos en necesidad, determinamos de acometerlos, y así, (...), se acometió por la dicha puerta, y entrando dentro sin ningún riesgo, dieron en los indios y pelearon con ellos hasta los desbaratar, y luego recogieron comida, que había en cantidad.*²⁹¹

A partir desse ponto, os espanhóis começam a se aproximar dos domínios em que eles irão enfrentar as mulheres guerreiras. Desde o encontro com os índios Apária, Carvajal vem preparando o leitor para este que é, certamente, o clímax de sua narrativa. Nessa passagem, o grupo atinge uma aldeia de médio porte, na qual travam contato com um painel em relevo, localizado no meio de uma espécie de praça. Interrogando um nativo, mais uma vez em um processo problemático de comunicação, eles obtêm a informação de que se trata da descrição de suas aldeias:

una ciudad murada con su cerca y con una puerta. En esta puerta estaban dos torres muy altas de cabo con sus ventanas, y cada torre tenía una puerta frontera la una de la otra, y en cada puerta estaban dos columnas, y toda esta obra ya dicha estaba cargada sobre dos leones muy feroces que miraban hacia atrás, como recatados el uno del otro, los cuales tenían en los brazos y uñas toda la obra, en medio de la cual había una plaza redonda: en medio desta plaza estaba un agujero

²⁹⁰ Id., p.46.

²⁹¹ Id., p.48.

*ro por donde ofrecían y echaban chicha para el sol, que es el vino que ellos beben, y el sol es en quien ellos adoran y tienen por su Dios.*²⁹²

Os mantimentos que garantiam a sobrevivência do grupo eram obtidos em saques rápidos, executados nas aldeias mais vulneráveis que encontravam pelo caminho, em ações de pilhagem que remetiam à experiência histórica dos povos ibéricos nesse quesito. O grau de beligerância dos nativos torna-se ainda mais acentuado. Munidos de armas e escudos, desferindo seus gritos de guerra, os guerreiros da floresta davam combate aos expedicionários em terra ou no leito do rio. Orellana ordenava a sequência da viagem, abrindo caminho com os arcabuzes e balestras. Em muitos pontos, o ataque não era aberto, mas sim baseado em emboscadas armadas pelos indígenas, Orellana buscava evitá-las mantendo o curso da embarcação no meio do rio, descendo em terra apenas para buscar comida, em operações iguais as que descrevemos acima.

Em um dos povoados em que desceram em busca de comida, os espanhóis aprisionaram uma índia, que deu a ele informações acerca de outros cristãos vivendo nas proximidades do local onde estavam:

Tomóse en este pueblo una india de mucha razón, y dijo que cerca de aquí y la tierra adentro estaban muchos cristianos como nosotros y los tenía un señor que los había traído el río abajo; y nos dijo como entre ellos había dos mujeres blancas, y que otros tenían indias y hijos en ellas: estos son los que se perdieron de Diego de Orclás, á lo que se cree, por las señas que daban, que era á la banda del Norte

Em fins da década de 1520, Diego de Ordás recebeu autorização para realizar o descobrimento e a conquista do “País de Meta”, local rico em ouro e outros tesouros, supostamente localizado em algum ponto entre os atuais Peru e Colômbia.²⁹³ Ao entender que haveria espanhóis vivendo nos arredores, Carvajal imediatamente associou a possíveis sobreviventes daquela expedição.

Por volta de uma semana depois de terem, supostamente, ouvido notícias acerca de outros cristãos, os homens de Orellana finalmente entraram nos domínios das guerreiras amazonas. A cena da batalha é intensa, os castelhanos são recebidos com uma chuva de flechas que

²⁹² Id., p.49.

²⁹³ Cf. PEREZ, “La Conquista”, p.20.

torna qualquer movimentação difícilíssima, pois para se defender das setas, não conseguiam remar. O capitão, à duras penas, consegue ordenar que a embarcação aporte, de modo que conseguem descer para enfrentar os agressores em um duelo corpo-a-corpo. Com a água na cintura o combate prossegue por cerca de uma hora, mas os indígenas mortos eram rapidamente substituídos, criando uma situação caótica. Carvajal então informa o contato visual com as míticas guerreiras:

*Quiero que sepan cuál fué la cabsa por qué estos indios se defendían de tal manera. (...) ellos son subjectos (...) á las Amazonas, y sabida nuestra venida, vanles á pedir socorro y vinieron hasta diez ó doce, que éstas vimos nosotros, que andaban peleando (...) como capitanas, y peleaban ellas tan animosamente que los indios no osaban volver las espaldas, y al que las volvía delante de nosotros le mataban á palos, (...).*²⁹⁴

Na sequência, faz uma descrição sobre o seu aspecto físico:

*Estas mujeres son muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entrenzado y revuelto á la cabeza, y son muy membrudas y andan desnudas en cueros, tapadas sus vergüenzas, con sus arcos y flechas en las manos, haciendo tanta guerra como diez indios; y en verdad que hubo mujer de éstas que metió un palmo de flecha por uno de los bergantines, y otras que menos, que parecían nuestros bergantines puerco espín.*²⁹⁵

A província das Amazonas é, concordando com Antonio Porro, o *calcanhar-de-Aquiles da credibilidade de Carvajal*.²⁹⁶ No balanço historiográfico do primeiro capítulo, demonstramos com a historiografia vem tratando essa questão, desde o IHGB até a produção mais recente. O ponto central da polêmica é que, diferentemente dos viajantes posteriores que relatam o que ouviram sobre as guerreiras Amazonas, Carvajal alega ter visto essas mulheres e seu grupo, inclusive, teria dado combate a elas. O esforço dos pesquisadores foi sempre explicar o que os espanhóis de fato viram, desqualificando o relato do dominicano, quando não conseguiam chegar a uma conclusão satisfatória.

²⁹⁴ Relación Carvajal, p.59.

²⁹⁵ Id., p.60.

²⁹⁶ PORRO, *As Crônicas do Rio das Amazonas*, p.42.

Ocorre que a construção da narrativa sobre as amazonas se deve muito mais ao que Orellana e seus homens ouviram, do que necessariamente à visão das mulheres combatendo descrita na passagem acima. Após matarem “sete ou oito” dessas guerreiras, os indígenas parecem refrear seu ímpeto de combate, permitindo assim que os castelhanos escapem daquela situação. Lançando mão de um “índio trombeta” que havia sido capturado, tem início um importante interrogatório, no qual se justificará a confusão entre as amazonas sul-americanas e as míticas guerreiras da antiguidade clássica:

El Capitán le preguntó qué mujeres eran aquellas [que] habían venido á les ayudar y darnos guerra: el indio dijo que eran unas mujeres que residían la tierra adentro siete jornadas de la costa (...). El Capitán le preguntó si estas mujeres eran casadas: el indio dijo que nó. (...). El Capitán preguntó si estas mujeres eran muchas: el indio dijo que sí, y que él sabía por nombre setenta pueblos, y contólos delante de los que allí estábamos (...). El Capitán le dijo que si estos pueblos eran de paja el indio dijo que no, sino de piedra y con sus puertas, y que de un pueblo á otro iban caminos cercados de una parte y de otra y á trechos por ellos puestos guardas porque no pueda entrar nadie sinque pague derechos.²⁹⁷

Em seguida, teria sido questionado sobre a gestação das Amazonas:

El Capitán le preguntó si estas mujeres parían: el indio dijo que sí. El Capitán le dijo que cómo no siendo casadas, ni residía hombre entre ellas, se empañaban: él dijo que estas indias participan con indios en tiempos, y cuando les viene aquella gana juntan mucha copia de gente de guerra y van á dar guerra á un muy gran señor que reside y tiene su tierra junto á la destas mujeres, y por fuerza los traen á sus tierras y tienen consigo aquel tiempo que se les antoja, y después que se hallan preñadas les tornan á enviar á su tierra sin les hacer otro mal; (...) cuando viene el tiempo que han de parir, que si paren hijo le matan y le envían á sus padres, y si hija, la crían con muy gran solemnidad.²⁹⁸

Finalmente, descreve detalhadamente o interior das terras das Amazonas, onde supostamente já teria estado em mais de uma ocasião:

²⁹⁷ Relación de Carvajal, p.66-67.

²⁹⁸ Id., p.67.

*hay muy grandísima riqueza de oro y plata, (...) Dijo que en la cabecera y principal ciudad (...) hay cinco casas muy grandes que son adoratorios y casas dedicadas al Sol, las cuales ellas llaman caranain, y en estas casas por de dentro están del suelo hasta medio estado en alto planchadas de gruesos techos aforrados de pinturas de diversos colores, y que en estas casas tienen muchos ídolos de oro y de plata en figura de mujeres, y mucha cantería de oro y de plata para el servicio del Sol; y andan vestidas de ropa de lana muy fina, porque en esta tierra hay muchas ovejas de las del Perú: su traje es unas mantas ceñidas desde los pechos hasta abajo, encima echadas, y otras como manto abrochadas por delante con unos cordones.*²⁹⁹

Contraditoriamente, ao menos no que concerne a produção acadêmica, parece haver certo consenso a respeito de um aspecto na interpretação desse episódio. Os principais autores que já analisaram o trecho acima reconhecem que esta se trata, na verdade, da projeção de uma paisagem andina.³⁰⁰ O interrogatório teria se dado a partir do próprio capitão Orellana, valendo-se, de acordo com Carvajal porque *ya le entendía por um vocabulario que había fecho*.³⁰¹ Isso nos permite considerar que quase tudo o que foi usado, por Carvajal, para certificar que aquelas eram as conhecidas amazonas foi, na verdade, produto do que os espanhóis esperavam ouvir.

Como sabemos, os estudos no campo da Antropologia atestam que em certos povos indígenas, em diversas partes do continente americano, é possível identificar a participação feminina nas guerras movidas por seus grupos.³⁰² A imagem em questão não condiz com o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade ibérica medieval e moderna, geralmente submetidas à autoridade de seus pais e maridos. A atividade militar é, por excelência, reservada aos indivíduos pertencentes ao gênero masculino. A única forma encontrada por Carvajal para dar sentido ao que observou, fosse para facilitar o entendimento de seu público leitor, ou mesmo para retratar suas próprias impressões acerca do ocorrido, acabou sendo a

²⁹⁹ Id., p.67-68.

³⁰⁰ Cf. HOLANDA. *Visão do Paraíso*, 1996; MOTT. “As Amazonas”, 1992; PORRO. *As Crônicas do Rio Amazonas*, 1993; MATOS, “Encontros, Desencontros e Recriações”, 2001; UGARTE. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas*, 2004.

³⁰¹ Relación de Carvajal, p.66

³⁰² Cf. MOTT, “As Amazonas: um mito e algumas hipóteses”, pp.33-57; PORRO, *O Povo das Águas*, p.143-146.

identificação com as lendárias guerreiras Amazonas. Uma “tradução cultural” esperada para homens formados na cultura europeia.

O próprio Gaspar de Carvajal, mais adiante, reconhece ter recebido notícias prévias dando conta da existência daquelas mulheres. Segundo conta, os boatos falando a seu respeito já circulavam até na costa do Mar do Sul:

*todo lo que este indio dijo y más nos habían dicho á nosotros á seis leguas de Quito, porque de estas mujeres había allí muy gran noticia, y por las ver vienen muchos indios el río abajo mil y cuatrocientas leguas; y así nos decían arriba los indios que el que hubiese de bajar á la tierra de estas mujeres había de ir muchacho y volver viejo.*³⁰³

Em nossa compreensão, é inegável que a leitura de Carvajal sobre as mulheres guerreiras está parcialmente condicionada por seu estoque cultural europeu. Como pensa Auxiliomar Ugarte, era necessário traduzir uma realidade absolutamente estranha para um público leitor que não tinha acesso ao que estava sendo visto pelo narrador.³⁰⁴ Por outro lado, retomando o argumento de Maria Izilda Santos de Matos, o estranhamento nesse caso residia no fato de que não fazia muito sentido, aos olhos dos espanhóis, a existência concreta de uma sociedade na qual as mulheres assumissem posições de comando.³⁰⁵ As personagens míticas e literárias cumpriam muito bem o papel de mediação cultural entre Carvajal e os leitores de sua *relación*.

O último fragmento que citamos permite apontar uma questão importante, a decisão por recorrer à analogia com as Amazonas foi, provavelmente, pensada antes mesmo do contato concreto com as mulheres guerreiras. Se como diz Carvajal, a notícia sobre a existência dessas personagens já era ouvida desde Quito, talvez o religioso tenha vindo para a fronteira oriental aguardando por essa oportunidade de contato. Em que medida isso condicionou seu olhar? A ponto de enxergar o que gostaria de ver? Podemos pensar que diante da frustração de encontrar personagens mais adequadas às míticas guerreiras clássicas, o religioso fantasiou? Tomou liberdades, especialmente quando do interrogatório com o índio capturado?

As questões acima dificilmente poderão ser respondidas com segurança, não conseguimos enxergar argumentos definitivos, na verdade, sequer consideramos que eles sejam

³⁰³ Relación de Gaspar de Carvajal, p.69

³⁰⁴ UGARTE, O Mundo Natural..., p.

³⁰⁵ MATOS, “Encontros, Desencontros e Recriações”, 260.

necessários. As licenças poéticas de Carvajal não são capazes de invalidar por completo todo o seu testemunho. A rigor, retirando alguns comentários de ordem espiritual, característicos e esperados de um religioso do século XVI, a passagem das Amazonas é praticamente a única em que, de modo claro, o maravilhoso vem para a linha de frente de sua narrativa.

3.4.4 O epílogo de Francisco de Orellana

O fracasso da Jornada da Canela foi imediatamente ofuscado pela descrição das províncias amazônicas, presente na narrativa do Fr. Gaspar de Carvajal. O fato de terem visto e estado em terras tão ricas e populosas parecia confirmar a tese de que a fronteira oriental era a passagem para a próxima etapa da conquista espanhola. O próprio Francisco de Orellana, além de conseguir afastar as suspeitas de traição que pesavam sobre ele, obteve por intermédio da Coroa espanhola, licença para retornar àquelas províncias e iniciar sua ocupação em nome de Sua Majestade. Para tanto, em 1544 foi expedida uma *Capitulación* em Valladolid, na qual está escrito:

*por la (...) noticia que tovistes de la grandeza y riqueza de la tierra, posponiendo vuestro peligro, y sin interés ninguno, por servir a Su Majestad (...), y que así descubristes y hallastes grandes poblaciones, (...) y que vos, por el deseo que tenéis al servicio de Su Majestad (...), y á que las gentes que hay en el dicho río y tierras vengan al conocimiento de nuestra fee católica, queríades volver á la dicha tierra á la acabar de descubrir y á poblar, (...) sin que Su Majestad ni los reyes que después del vinieren sean obligados á vos pagar (...), más de lo que en esta capitulación vos será otorgado, y me suplicastes vos hiciese merced de la gobernación de lo que descubriédes en una de las costas del dicho río.*³⁰⁶

A terra seria chamada de “Nova Andaluzia”, Francisco de Orellana deveria cuidar para levantar os recursos necessários para povoá-la, sem que contasse com o financiamento direto da Coroa espanhola. O Conselho de Índias indicaria oito religiosos que deveriam, imediatamente, iniciar o processo de evangelização dos naturais da terra. Dois núcleos coloniais deveriam ser fundados, um na saída do rio das Amazonas para o mar e outro mais adentro, preferencialmente em uma das Províncias mais povoadas, na qual fosse possível abastecer o assentamento com os recursos naturais. Orellana seria, por isso, nomeado governador e capitão-geral de todas as terras por ele descoberta.

A *Capitulación de Valladolid* estabelecia que Orellana só retornasse ao Novo Mundo, na condição de reunir 300 homens, dos quais 100 seriam cavaleiros e 200 peões, posto que

³⁰⁶ Capitulación que se tomó con Francisco de Orellana para el descubrimiento y población de la Nueva Andalucía. Valladolid, 13 de Febrero de 1544. In: José Toríbio de Medina, p.198

esse fosse o contingente preciso para conquistar e iniciar o povoamento da região. Além disso, era imperativo que levasse consigo o material necessário para construir embarcações, a fim de que a navegação pelo rio fosse satisfatória. Entre fevereiro de 1544 e maio de 1545, Orellana viu-se em busca dos recursos necessários para atender tais exigências, partindo ao término desse prazo em direção ao Rio das Amazonas. Essa nova viagem foi marcada pelo naufrágio de navios, deserções, morte por inanição e ataques indígenas. O próprio Francisco de Orellana morreria vítima de uma flecha envenenada. A expedição não pode sequer encontrar a foz do rio descoberto pelo comandante.

3.5 O ARREFECIMENTO DAS *ENTRADAS* AMAZÔNICAS:

O fim dos anos 1540 e o início dos anos 1550 foram marcados pelo recrudescimento das tensões inerentes à política interna do Peru. Podemos apenas relembrar a sequência dos eventos, uma vez que estes já foram apresentados no capítulo anterior. Em 1546, Gonzalo Pizarro liderou os *encomenderos* do Peru em um levante contra Blasco Núñez Vela, primeiro titular daquele vice-reinado. Dois anos depois, o "pacificador" Pedro de la Gasca consegue costurar uma série de alianças, isolando Gonzalo até provocar sua derrota. Entre os anos de 1550 e 1556, uma série de pequenas rebeliões continuava ocorrendo, dentre as quais merece destaque a que foi liderada por Francisco Hernández Girón.

Aparentemente, as coisas começaram a se acalmar com a chegada de um novo Vice-Rei, batizado como Andrés Hurtado de Mendoza, mais conhecido pelo título de Marquês de Cañete. Esse burocrata condenou os envolvidos nos tumultos, justificando alguns e deportando outros para as prisões espanholas. No entanto, o desfecho dessa história não ocorreria nas cidades do Peru ou da Espanha, mas sim, no interior da fronteira oriental.

A turbulência política do Peru, em certa medida, enfraquecera o interesse dos espanhóis pelas *entradas* orientais. De modo secundário, colaborava também o insucesso de Francisco de Orellana tomar posse das terras que descobriu. Em sentido contrário, porém, a chegada dos *índios brasis* aos Andes no final da década de 1540 renovou a rede de informações sobre as províncias grandiosas. Reprimidas as últimas rebeliões, era chegado o momento de buscar novamente a conquista da fronteira oriental

3.5.1 Jornada de Omágua e Dourado

No ano de 1558, o Marquês de Cañete, concedeu a Pedro de Ursúa o título de “Governador de Omágua e Dourado”. Para tomar posse dessas terras, Ursúa passou os meses subsequentes cuidando do penoso processo de captação de recursos, chegando perto de desistir em muitas ocasiões. A despeito de todos os problemas, em setembro de 1560, o *real* estava finalmente equipado para partir; tratava-se de uma das maiores expedições já organizadas para incursionar pelo território amazônico: mais de trezentos castelhanos, cerca de quinhentos indígenas, inúmeras embarcações de portes variados e toneladas de equipamentos. A viagem, porém, não se caracterizou pelo êxito no descobrimento e conquista, sua memória estará para sempre marcada pelo signo da loucura e da traição.

A *entrada* comandada por Pedro de Ursúa produziu um grande número de testemunhos diretos, chegando a um total de sete depoimentos, de acordo com Auxiliomar Ugarte.³⁰⁷ Apesar do volume, os relatos são pobres em descrições geográficas e etnográficas,³⁰⁸ visto que seus autores parecem mais preocupados em explicar os eventos que conduziram à insubordinação. De uma maneira geral, as narrativas são dotadas de críticas contundentes aos fatos vividos, denunciando os seus maiores responsáveis e procurando afastar dos redatores, na condição de participantes, qualquer suspeita de que tenham tomado partido da traição.³⁰⁹

Para o propósito desta dissertação, a Jornada de Omágua e Dourado constitui um evento de primeira importância. A empresa de Pedro de Ursúa/Lope de Aguirre fecha o ciclo das expedições que nos propomos a analisar, contribuindo decisivamente para o arrefecimento do interesse hispânico em relação à fronteira oriental. A possibilidade de haver um “Novo Peru” escondido na selva amazônica será ridicularizada pelos membros dessa jornada que, como veremos, irão abrir mão do direito de tomar posse das supostas províncias amazônicas, para retornar e conquistar o que entendiam ser o “verdadeiro Eldorado”, aquele que haviam deixado para trás, quando aceitaram se aventurar pela fronteira oriental: o Peru.

Na tentativa de historiar os eventos da jornada, a *relación* de Francisco Vásquez elege a má índole de seus integrantes como o primeiro grande motivo para a tragédia. Grande parte dos homens possuía amplo histórico de envolvimento nas rebeliões e guerras civis que assolaram o Peru nos anos anteriores. Estavam inseridos naquela gente ociosa, sobre a qual tratamos anteriormente, ávida por enriquecer e pré-disposta a se envolver em qualquer tumulto. Desde

³⁰⁷ Altamirano, Anônimo, Filho de Juan Pérez, Francisco Vázquez, Gonzalo de Zúñiga, Pedrarias de Alместo e Pedro de Monguia. Cf. UGARTE, *Sertões de Bárbaros*, p.60.

³⁰⁸ Cf. PORRO, *Crônicas do Rio Amazonas*, p.82.

³⁰⁹ Cf. UGARTE, *Sertões de Bárbaros*, p.70-71.

o início da narrativa, encontramos indicativos sobre a predisposição para o motim; o primeiro consiste em um boato, que corria o Peru às vésperas da viagem de Pedro de Ursúa, dando conta de uma suposta conspiração em curso, idealizada pelo próprio Marquês de Cañete:

*dijo públicamente que el marqués de Cañete, teniendo recelo de la cuenta que le venían á tomar, y que también enojado y afrentado porque Su Majestad le removía el cargo, quería, en achaque de la jornada, juntar gente para se alzar con el Pirú contra Su Majestad, y tener á Pedro de Orsúa, que era hechura suya, por su Capitán y valedor, para que, acabada de juntar la gente, revolviese sobre el Pirú.*³¹⁰

O fragmento se refere à notícia, proveniente do Reino, de que a Coroa pretendia retirar o Marquês de Cañete do cargo de Vice-Rei. Essa decisão teria sido abortada por conta da morte precoce de seu substituto, chamado Don Diego de Acebedo, fato que rendeu uma sobrevivência ao Vice-Reinado do Marquês. Francisco Vásquez apressa-se em desmentir essas maledicências, mas não esconde a informação de que muitos envolvidos as tomavam por verdade, acreditando mesmo que a organização da *entrada* seria apenas uma fachada para recrutar indivíduos, destinados a servir como força miliciana contra a nova burocracia do reino:

*algunos soldados de su campo(...)se habían hallado en el Pirú en muchos motines contra el servicio de Su Majestad, algunos de los cuales habían venido á esta jornada (...) huyendo y escondidos por delitos y traiciones que habían cometido, y tuvieron por último remedio venirse á ella, por se desviar de las justicias que los buscaban, y otros que, deseosos de los dichos motines habían venido desta jornada, porque públicamente se dijo en el Pirú que el gobernador Pedro de Orsúa no juntaba gente para jornada, sino para revolver sobre el Pirú por concierto hecho con el Visorey.*³¹¹

A construção da narrativa apresenta uma sensível abordagem teleológica, no qual o narrador procura preparar o leitor para o momento da insubordinação. Aos poucos, denuncia situações em que fica claro o espírito rebelde de muitos dos expedicionários, contestando e colocando à prova, sempre que possível, a autoridade dos seus superiores. O desejo de retor-

³¹⁰ Relación de Vásquez, p.5.

³¹¹ Idem, p.30-31.

nar ao Peru é outra situação que alimenta a insatisfação dos expedicionários. Muitos já demonstram o entendimento de que a incursão na selva amazônica não trará nada além de sofrimentos, de modo que ao primeiro sinal de dificuldade, começam a solicitar o regresso imediato para as terras peruanas:

*echamos en el rio abajo, harto descontentos por dejar los caballos y mucha ropa y ganados, y otras cosas que por la falta de barcos no se pudieron llevar, y con harto riesgo de nuestras vidas, porque el rio es poderosísimo y los navios que llevábamos eran quebrados y podridos, y también al tiempo de la partida hobo algunos motines, dejando aparte que se quisieron volver al Pirú.*³¹²

As embarcações construídas pelos homens de Pedro de Ursúa se revelaram de má qualidade; nem bem estas foram colocadas na água, e algumas começaram a abrir e afundar. Os expedicionários precisaram abrir mão de parte dos seus equipamentos, a fim de redistribuir o material que seria transportado durante a jornada. Francisco Vázquez enxerga nesse fato um prenúncio de que as coisas não dariam certo, pois a segurança do *real* dependia de um transporte rígido, capaz de enfrentar a corrente de rios muito poderosos. A perda de víveres seria sentida, dando origem à privação de alimentos.

Em princípio, o governador é capaz de apagar os focos de insubordinação que pontualmente aparecem em seu *real*, porém, não levaria muito tempo até que a sua autoridade começasse a ser questionada. Em que pese à descrição de Pedro de Ursúa como um homem bom, os narradores ressaltam inúmeros traços de sua conduta à frente da *entrada* que desabonam a sua condição de *caudillo*. Falta-lhe pulso para tratar com os insubordinados, sua brandura é excessiva, de modo que acaba permitindo o fortalecimento daqueles que lhe fariam oposição. Tomemos primeiramente o tratamento conferido contra um de seus homens, responsável por uma tentativa de fuga:

En esta isla prendió el Gobernador á un Alonso de Montoya, y le echó en una collar, porque dijeron, y fué cierto, que él y otros que se querían huir en canoas y volverse por el rio arriba al Pirú, que habia al pié de quinientas leguas que subir: así lo llevó preso algunos dias, y fuera más acertado matarle, como lo merecía,

³¹² Id., p.13-14.

*por éste y otros motines que éste, como hombre que le tenia odio, por esta causa fué después el principal urdidor de su muerte del Gobernador.*³¹³

De acordo com Francisco Vásquez, por muitas vezes, o governador foi alertado de que deveria ser mais cauteloso e, ao mesmo tempo, rigoroso com os homens que integravam o seu *real*. Tais alertas foram negligenciados por Ursúa, e de acordo com os narradores, poderiam ter evitado a tragédia:

*si se supiera guardar de sus enemigos y creyera á sus amigos, que le avisaron que pusiese guarda en su persona, no porque nadie de los que esto le aconsejaron supiese cosa cierta de motín, mas de que conjeturaban lo que podría ser, por la gran desvergüenza que algunos traían en el campo.*³¹⁴

Preocupado em reunir um contingente expressivo, Pedro de Ursúa deu de ombros em relação a todos esses avisos, insistindo em tornar seu *real* numeroso, imaginando que só assim poderia tomar as ricas províncias da fronteira oriental. O comandante sustentava que aquela empresa seria uma oportunidade para que aqueles homens expiassem suas faltas, empenhando-se com esse propósito à causa da conquista de Omágua e Dourado. Há de se considerar, no entanto, que essa descrição de um Pedro de Ursúa “bondoso” atende a um dos propósitos que mencionamos anteriormente. Demonstrar simpatia pelo governador funciona como uma reprovação velada de tudo o que ocorrera em seguida. Não podemos nos enganar, acreditando que as origens da traição residem, exclusivamente, no caráter malévolo dos expedicionários, há mais em jogo.

Os narradores evitam tecer críticas contundentes à (falta de) liderança de Pedro de Ursúa, porém, não se furtam em narrar situações que conduzem o leitor a essa conclusão. Há uma passagem, em especial, localizada logo após a descrição de sua morte, onde o autor faz um comentário geral sobre a personalidade do comandante. Ao destacar os aspectos positivos e negativos de Ursúa, reconhecemos um retrato mais frio a sei respeito, o qual está transcrito abaixo:

parecia en alguna manera codicioso, aunque cuando era menester, era largo en dar y más en prometer. Si tenia necesidad de alguno, hacía grandes ofertas y

³¹³ Id., p.22.

³¹⁴ Id.,p.30.

*promesas, y desde que le tenia donde no se podia desasir y hecho todo lo que pretendía, no cumplía todo lo que prometía, (...); y si via alguna cosa ó presea buena á algún soldado de los suyos, luego se lo cudiciaba y trataba ferias, y procuraba haberla en su poder. (...) Guardaba los enojos y rencores por mucho tiempo, y habíase hecho (...) descuidado en la buena gobernación (...) de su campo y armada, (...) tanto, que los que primero le conocíamos, decíamos unos con otros que no era posible que fuese Pedro de Orsúa, ó que estuviese en su libre juicio.*³¹⁵

Há uma questão, tratada com certa reserva, mas que de acordo com os narradores constitui uma das principais motivações para a perda da liderança de Pedro de Ursúa, desencadeando assim a sucessão de atos violentos que culminaria nessa imensa tragédia:

*En este tiempo vino (...) una Doña Inés, moza y muy hermosa, la cual era amiga del Gobernador, para se ir con él á la jornada, bien contra la opinión de los amigos (...) y la trujo contra la voluntad de todos, de lo cual pesó á la mayor parte del campo; lo uno, por el mal ejemplo; lo otro, porque de semejantes cosas siempre en las guerras donde van tantas diferencias de gentes, hay escándalos y alborotos, y sobre todo descuido en el buen gobierno del campo, que, cierto, fué causa principal de la muerte del Gobernador y nuestra total destruición.*³¹⁶

O envolvimento do gênero feminino nas *entradas* não constitui, propriamente, uma novidade, tendo em vista a presença de mulheres indígenas em praticamente todas as experiências anteriores. Hernán Cortés, por exemplo, esteve quase sempre acompanhado de Malinche, que além de sua companheira, atuava como sua intérprete na conquista de Tenochtitlán. A amante de Pedro de Ursúa, no entanto, não era vista com bons olhos pelos membros do *real*, supostamente desviava a atenção do comandante de seu verdadeiro objetivo, o descobrimento e a conquista das terras de Omágua e Dourado. Por outro lado, as horas perdidas ao lado da moça, também afastava o comandante do centro dos problemas, impedindo-o de acompanhar os rumos da insubordinação armada pelos seus comandados:

quisieron decir que le habia hecho en alguna manera que mudase la condición, y que le habia hechizado, porque de muy afable y conversable que solia ser con to-

³¹⁵ Id., p.42-43.

³¹⁶ Id., p.10

*dos, se había vuelto algo grave y desabrido, y enemigo de toda conversación, y comia solo, cosa que nunca había hecho, y no convidaba á nadie: habíase hecho amigo de soledad, y aun to alojábase siempre solo y apartado lo más que podia de la conversación del campo, y junto á sí la dicha Doña Inés, sólo, y á fin, según páresela, de que nadie le estorbase sus amores; y embebecido en ellos, parescia que las cosas de guerra y descubrimiento las tenia olvidadas.*³¹⁷

Pedro de Ursúa destacava certos expedicionários para servir sua amante, cuidando dos remos de sua balsa, para que esta fosse capaz de seguir o cortejo das embarcações espanholas. Os narradores contam que, para alguns desses, o serviço era comparado às galeras movidas por escravos:

*como quien los echaá galeras, los hacia que fuesen remando y bogando labalsa de Doña Inés; y aunque este castigo era hartoliviano para lo que merecian ellos, se afrentabandello mucho; y otros mal intencionados, por indignará los dichos, murmuraban diciendo que mejor era ahorcarlos que no hacerles remar las canoas y balsas.*³¹⁸

Em meio a uma série de indivíduos de péssima índole, envolvidos que foram nos motins do Peru, Pedro de Ursúa era visto como um líder fraco. Proibia os homens de pilhar os indígenas, tanto no que concerne à comida, quanto às riquezas, porém, voltava atrás e passava por cima de suas próprias ordens. Castigava uns e perdoava outros, sem qualquer critério aparente. Distribuía mal os víveres, e não vivia o cotidiano da jornada, preferindo passar suas horas ao lado de Dona Inés, sua amante. Para alguns, havia esquecido completamente sua missão naquelas terras, vivendo como um alienado. Para outros, toda aquela viagem não passava de uma falácia, destinada a afastar aquela gente indesejada de onde estavam os verdadeiros tesouros, ou seja, o Peru.

A conspiração começa a ganhar corpo, e os expedicionários elegem à Hernando de Gusmán, *alferes-general* de Pedro de Ursúa, como o indivíduo que reúne os melhores predicados para liderá-los nessa empresa. De acordo com Francisco Vásquez, isso ocorre:

³¹⁷ Id., p.30

³¹⁸ Id.

*porque todos estos que digo eran gente baja y de poca suerte, y los más oficiales de oficios bajos, no teniéndose ninguno dellos por suficiente para ser Capitán y cabeza á quien la gente obedesciese de buena gana, se concertaron con D. Fernando de Guzman (...) que allende de ser caballero era tenido por virtuoso y bien quisto entre ellos, porque era vicioso y amigo de su opinión.*³¹⁹

Gusmán deixou-se seduzir pela oportunidade de se tornar o principal da *entrada*. Na noite de ano novo de 1561, um pequeno grupo invadiu o lugar onde repousava Pedro de Ursúa, atacando-lhe com golpes de arma branca. O triunfo teria sido muito celebrado pelos conspiradores, que saquearam a reserva de vinho do comandante morto, a fim de congraçar pelo ocorrido. O nome de Lope de Aguirre aparece como o “mestre de campo” nomeado pelo novo líder, tomara partido do assassinato de Ursúa e, dali para frente, ganharia aos poucos o *status* de protagonista na insubordinação. Definido como “louco” ou “tirano”, Aguirre recebe por parte dos narradores, a maior parte da culpa pelos episódios subsequentes.

Após matar seu comandante, os expedicionários chegaram, em princípio, à conclusão de que deveriam dar continuidade a empresa de Omágua e Dourado. Pois acreditavam que perante o triunfo em uma ação como essa, seriam perdoados pela Coroa do crime que cometeram, ainda mais, tendo em conta que Ursúa era acusado de estar desligado de seus objetivos originais naquelas terras. Aguirre é descrito como um dos que não concordaram com essa decisão, tendo inclusive feito um discurso, aos mais próximos:

*¿qué locura (...) era aquella de todos que, habiendo muerto un Gobernador del Rey, y que (...) representaba su persona, pensaban por aquella vía quitarse de culpa? que todos habían sido traidores, y que, dado caso que hallasen la tierra, y que fuese mejor que el Pirú, que el primer bachiller que allá viniese les cortaría las cabezas á todos: que no pensasen tal, sino que todos vendiesen sus vidas antes que se las quitasen: que buena tierra era el Pirú, y buena jornada; y que allá tenían muchos amigos que les ayudarían, y que esto era lo que á todos convenia.*³²⁰

Abandonar a descoberta e retornar ao Peru. Não como um bando de maltrapilhos que foi derrotado pela selva, mas como conquistadores. Era a primeira vez que alguém formulava essa sentença em voz alta, outros companheiros reconheceram naquelas palavras um pensa-

³¹⁹ Id., p.31-32.

³²⁰ Id., p.46

mento que, por diversas vezes, passou pela sua própria cabeça. Aguirre sofreu oposição de Juan Alonso de la Bandera, o responsável pela primeira estocada em Ursúa, este dizia que o assassinato não era um ato de traição, mas sim de serviço ao rei, tendo em vista que o comandante andava esquecido de suas atribuições.

A oposição entre Aguirre e Bandera se agravou quando Gusmán optou por nomear este último Tenente-general de seu *real*, retirando em seguida a posição de “mestre de campo” do primeiro. O argumento usado era de que seria necessário evitar o conflito de poderes. Muitos recomendavam à Gusmán que matasse Aguirre, pois este começava a reunir, em torno de si, muitos amigos que partilhavam de suas ideias. O novo comandante preferiu fazer um acordo, no qual ele devolveria o cargo, assim que entrassem no Peru e, além disso, casaria uma das filhas mestiças de Aguirre com seu irmão, a fim de consolidar a aliança.

Bandera, por seu turno, andava desejoso de tomar o cargo de Gusmán, planejando a execução deste e de seus partidários. Aguirre aproveitou esse fato para confabular com o comandante, alertando-o para essa intriga e retomando, desse modo, a confiança e o cargo perdidos. No fim das contas, seria Bandera assassinato a partir desse conluio. A morte do seu maior desafeto e principal rival faz com que o caminho fique livre para a ascensão de Aguirre. Segundo Francisco Vásquez, com o objetivo de evitar a fuga dos descontentes, ele desamarra-va muitas das canoas à noite, deixando que fossem levadas pela corrente, acusando depois os indígenas de terem realizado tão façanha.

Lope de Aguirre é também apontado como o principal responsável pelo ato que consumaria, de uma vez por todas, a traição contra a Coroa espanhola. Pouco tempo antes, Gusmán havia conseguido que a tropa ratificasse, por aclamação, sua condição de capitão general. Além disso, fizera com que o grupo firmasse o pacto de regressar ao Peru, a fim de conquistá-lo. Na ausência de Gusmán e, possivelmente, sem o seu conhecimento, Aguirre reúne novamente os membros do *real* e lança a seguinte proposta:

que para que la guerra llevase mejor fundamento (...), convenia que hiciesen (...) por su Príncipe á D. Fernando de Guzman desde entonces, para le coronar por Rey en llegando al Pirú, y que para hacer esto era menester que se desnaturasen de los reinos de España, y negasen el vasallaje que debían al rey D. Felipe, y que él desde allí decia que no le conocia ni le habia visto, ni quería ni le tenia por Rey, y que elegía y tenia por su Príncipe y Rey natural á D. Fernando de Guz-

*man, y como á tal le iba á besar la mano, y que todos le siguiesen y hiciesen lo mismoi.*³²¹

Não teria demorado até que Fernando de Gusmán começasse a demonstrar arrependimento por seu envolvimento. Aguirre tornava-se mais forte a cada dia, seu séquito era cada vez mais numeroso e, além disso, ele começava a dar ordens em nome do “Rei do Peru”. Gusmán chegou a tramar sua morte, porém acabou traído por alguns dos participantes dessa nova conspiração, que acabaram levando o que estava ocorrendo aos ouvidos do Mestre de Campo. Aguirre antecipa-se aos planos de Guasmán e termina por matá-lo, eliminando desse modo o último obstáculo que havia entre ele e o comando absoluto do *real*.

Procurando aportar minimamente e passando ao largo das regiões mais povoadas, Aguirre pretendia evitar que os expedicionários voltassem a se interessar pela conquista das províncias amazônicas. O objetivo anunciado ele, efetivamente, a conquista das terras do Peru. Todos os que se opuseram a essa determinação foram mortos, jogados na água, abandonados em terras de índios hostis, na maioria das vezes sem ao menos ter o direito a realizar sua última confissão.

Ao saírem no Oceano Atlântico, os homens comandados por Lope de Aguirre tomaram de assalto a Ilha Marguerita, onde fez prisioneiro diversos líderes do *cabildo* local. Em seguida, avançou para a região de Borburata, na atual Venezuela, desejando atingir o Peru por terra. Por todos os lugares que passou, Aguirre deixou um rastro de destruição e morte, até que seu comportamento imprevisível começou a assustar os seus homens mais fiéis. Em 26 de outubro de 1561, alguns integrantes de seu grupo tiraram-lhe a vida, o objetivo era, possivelmente, obter o indulto pelo envolvimento em um crime de lesa-majestade. O corpo de Lope de Aguirre foi esquartejado, com suas partes enviadas para diferentes pontos dos domínios hispânicos na América do sul, sua morte deveria servir de aviso para qualquer que buscasse repetir o desrespeito à monarquia espanhola.

3.5.2 O desencanto com a fronteira oriental

Quando a rebelião liderada por Lope de Aguirre foi finalmente derrotada (1561), os espanhóis já estavam bem perto de completar três décadas no Peru. O triunfo sobre os Incas havia sido memorável, rendendo aos primeiros conquistadores fortuna, cargos, títulos e privi-

³²¹ Id., p.54-55.

légios concedidos por seu monarca agradecido. Em contrapartida, esses primeiros anos também foram marcados pela eclosão de inúmeros conflitos, como o enfrentamento de *caudillos* e uma série de insurreições contra a burocracia régia. Poucas regiões do Novo Mundo conseguiriam se equiparar ao Peru, em termos de instabilidade política, durante o período que estudamos. A quantidade de castelhanos insatisfeitos é significativa, como atestam os relatos quinhentistas; e essa contrariedade já se fazia notar desde muito cedo, nos instantes seguintes à partilha do saque de Cuzco.

O recurso da organização de “novos descobrimentos”, como o arranjo de *entradas* para incursionar por territórios inexplorados, funcionou, durante certo tempo, como um paliativo para o aborrecimento dos que tinham sido, até então, excluídos das principais vantagens da conquista do Peru. O total desconhecimento a respeito das terras baixas do leste, somado aos relatos indígenas que informavam sobre uma natureza portentosa, entrecortada por províncias tão ou mais ricas quanto aquelas que existiam nos Andes, contribuiu para criar a ilusão de que seria possível descobrir um “Novo Peru”. Inicialmente, essa perspectiva foi capaz de instigar os castelhanos, que se deixaram envolver pela ideia de que os sofrimentos enfrentados na descida da cordilheira seriam recompensados por uma conquista vultosa, capaz de compensar as ambições daquela gente ociosa e perigosa.

A experiência concreta com a floresta foi, aos poucos, desfazendo a ilusão da conquista gloriosa de tesouros ou da aquisição de prestígio social. O cenário nas *montañas* era frustrante, caracterizado pela existência de *pueblos* indígenas pouco povoados, dotados de cultura material com baixo apelo comercial e com pouca oferta de alimentos. As grandes províncias pareciam estar sempre um passo adiante, e para chegar nelas, seria necessário enfrentar perigos incontáveis. À exceção dos homens de Orellana, do obscuro Diogo Nunes e dos índios “brasis” que migraram para os Andes, o contato com as terras prósperas jamais chegou a ocorrer conforme se esperava. Quando a *entrada* de Pedro de Ursúa/Lope de Aguirre chegou a Machiparo, o lugar já não parecia mais tão grandioso quanto o que fora descrito na carta de Diogo Nunes e na *relación* de Gaspar de Carvajal.

É possível que, àquela altura, uma mudança drástica viesse se processando com os povos da várzea amazônica, inclusive, estimulada pelas passagens anteriores de grupamentos de europeus. Por outro lado, considerando que ambos os narradores dirigiam-se aos seus monarcas em situações muito especiais, Nunes procurando obter licença e financiamento para conquistar Machiparo, Carvajal descrevendo os méritos de Orellana e seus homens no sentido de ampliar a glória da Coroa espanhola, há uma grande possibilidade de que a grandiosidade de

Machiparo fosse, mesmo, um exagero literário construído pelos dois narradores. De todo modo, um integrante da Jornada de Omágua e Dourado que também tinha estado com Francisco de Orellana colaborava para a impressão de que as terras haviam mudado:

*iba con nosotros un español de los que habian bajado por el rio con el capitán Orellana, el cual no conocía la tierra, y desatinaba; y así, la gente comenzó á desconfiar de la noticia, teniéndola por burla, y deseaban volver al Pirú, que decían que no habia más que buscar.*³²²

Somente uma questão permanece inalterada ao longo dos relatos, a terrível dificuldade que as hostes conquistadoras enfrentavam para penetrar o território amazônico a partir da cordilheira dos Andes. A entrada a partir da foz dos rios teria sido um caminho mais brando, em que pese às dificuldades de se navegar por rios tão caudalosos quanto os amazônicos. Devemos lembrar, no entanto, que no século XVI o conhecimento cartográfico sobre a região é ainda muito deficitário, a maior evidência disso é a crença, corrente na época, de que as bacias do Rio da Prata e do Rio das Amazonas estavam interligadas, constituindo o que ficou conhecido como “Mito da Ilha Brasil”. Além disso, a foz do maior dos rios amazônicos estava situada em uma região muito próxima das terras portuguesas, o que causava um desconforto diplomático e estratégico para a Coroa espanhola.

Os incontáveis sofrimentos descritos pelos narradores passam, principalmente, por duas questões centrais: dificuldades de deslocamento e de alimentação. Os dois casos são favorecidos pelo contingente elevado de expedicionários e serviçais. Embora os relatos sempre ponham ênfase na participação espanhola, sabemos que o número de indígenas e negros envolvidos era consideravelmente maior. Uma multidão em movimento não poderia ser ágil ou rápida, o deslocamento era inevitavelmente lento e sofrido. Uma evidência disso é o recorrente expediente dos destacamentos, destinados a obter informação sobre os arredores e conseguir comida. A caça, a pesca e a coleta poderiam resolver, com certa facilidade, as necessidades alimentares de um grupo pequeno, porém eram ineficazes para prover um grupo tão numeroso, de modo que os expedicionários terminavam padecendo com a fome.

Em 1545, os castelhanos tomaram conhecimento do Cerro de Potosí, riquíssimo em prata, que logo viria a se tornar um dos principais centros econômicos da América espanhola. Potosí não era uma província, mas era uma fonte incalculável de riquezas, que precisavam ser

³²² Relación de Vásquez. p.29-30.

extraídas, beneficiadas, taxadas e transportadas. A migração para aquela região foi intensa, absorvendo muitos dos indivíduos que constituíam a base para o recrutamento das *entradas*, o sonho de enriquecimento e de ascensão social não desaparecera, apenas começava a mudar de foco. Em torno de Potosí surgiria, ainda no século XVI, uma das cidades mais populosas do mundo, tamanho era o atrativo que a exploração argentífera representava.

Os olhares dos espanhóis estabelecidos no Peru passaram, a partir de então, a se focar cada vez mais para o interior do próprio Vice-Reino, as riquezas que ali estavam pareciam mais concretas e não produto de informações questionáveis. O uso das *entradas* como “válvula de escape” para as tensões interiores já não produzia mais o mesmo efeito e perdeu completamente a força com os eventos da Jornada de Omágua e Dourado. Já há nesse tempo consciência de que o verdadeiro “eldorado”, ou seja, o lugar das riquezas é o Peru. O desejo de retornar para conquistar funciona, em última instância, como a manifestação da frustração dos que se viam como excluídos e indesejados.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve por objetivo investigar as relações que, entre os anos de 1538 e 1561, os espanhóis estabelecidos no Peru mantiveram com sua fronteira oriental. Buscamos entender o que poderia ter atraído a atenção dos castelhanos, pouco tempo depois da conquista sobre os incas, em uma região de acesso difícil, geograficamente inexplorada e dotada de moradores que os povos andinos descreviam como “bárbaros comedores de gente”. Em busca desse propósito, utilizamos narrativas redigidas por participantes dessas *entradas*, mas também por seus comentadores, em busca de entender aquele que pode ser considerado como o primeiro descobrimento da Amazônia

Lamentavelmente, não conhecemos relatos produzidos a partir dos próprios habitantes da *montaña* ou do vale, durante esse período. A voz e a imagem desses ameríndios precisam ser buscadas no filtro gerado pela leitura dos espanhóis, neste caso, os viajantes que incursionaram por esse território no período que estudamos.

Há outros meios de jogar um pouco de luz sobre aqueles povos, e esses se encontram nas fronteiras de nossa disciplina. Os arqueólogos e os etnohistoriadores vêm gastando tinta, não é de hoje, a fim de reduzir minimamente a lacuna que possuímos acerca desse tema, ainda assim, trata-se de uma tarefa difícil. Tendo em vista que vivemos uma época em que as narrativas quinhentistas voltaram a ser lidas por esses pesquisadores, talvez seja possível e necessário estreitar os vínculos, superar os preconceitos e arregaçar as mangas em projetos conjuntos.

Infelizmente, nesta dissertação ainda não foi possível tomar parte desse esforço. Na ausência de testemunhos nativos, foi preciso mudar a posição de observação, olhando o vale amazônico de fora pra dentro, a partir da lente dos expedicionários espanhóis.

Desejando superar o número limitado de testemunhos diretos, buscamos conhecer um pouco melhor a produção das narrativas quinhentistas espanholas. Trata-se de um universo rico e pouco conhecido em terras brasileiras, à exceção dos pesquisadores que se filiam diretamente aos estudos de história da América. É absolutamente impossível no tempo disponível para uma pesquisa de mestrado dar conta de toda a documentação que se encontra disponível, em versões impressas, e de forma cada vez mais frequente, em sites como o Archive.org. A riqueza desse acervo, alimentado majoritariamente por versões digitalizadas em bibliotecas

norte-americanas, com edições raras, impressas no século XIX, compensa um pouco a pobreza que as bibliotecas brasileiras apresentam em fontes sobre as terras vizinhas.

Sabemos que não foi possível utilizar em toda a sua plenitude as fontes que se associam ao objeto dessa pesquisa. Em face a essa dificuldade, optamos por dar preferência aos testemunhos diretos, relidos em seus respectivos contextos de produção, e às obras de Pedro Cieza de León e Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés. Até mesmo essas narrativas não se esgotam nesta pesquisa, tendo em vista o seu caráter monumental, e o esforço de síntese produzido pelos dois autores. Ainda há muito sobre a fronteira oriental naquelas páginas.

Quanto aos nossos objetivos iniciais, cremos ter sido possível avançar em algumas questões. Tratando da produção historiográfica sobre a Amazônia, percebemos a recorrência das narrativas repisadas desde os tempos do IHGB; há pouco esforço em buscar novas leituras para entender os velhos problemas, em contrapartida, também há de se criar novos problemas para as velhas leituras. Buscamos nos relatos espanhóis modificar um pouco a lente desses estudos, mas admitimos que um avanço verdadeiro demanda pesquisa em arquivos estrangeiros, e ainda, conforme já dissemos o estreitamento do diálogo com os saberes vizinhos.

Até aqui, os historiadores brasileiros estiveram hesitantes em cruzar duas fronteiras: a disciplinar e a nacional. A projeção do mapa atual sobre o passado colonial é um dos equívocos mais frequentes; as incursões espanholas foram deixadas de lado a partir de uma opção declarada dos primeiros membros do IHGB, porém foi sendo assimilado, algumas vezes de forma até inconsciente pelos pesquisadores das gerações seguintes.

Procuramos demonstrar que o vale amazônico no século XVI era fundamentalmente um grande território indígena, não podendo ser classificado como espanhol ou português, situação que anula a importância de o estudo ser classificado como história da América ou História do Brasil. Quando as primeiras *entradas* espanholas começaram a ser organizadas, o conhecimento geográfico sobre a região era ainda limitadíssimo. Excetuando as informações que davam conta de províncias situadas em terras planas, passando a *montaña*, não era possível saber ao certo como chegar até elas, quão distante elas estavam, como deveriam ser preparar para alcançá-las em termo de equipamentos e víveres.

Acreditamos ter demonstrado o quanto a experiência indígena fazia parte das informações que levaram os espanhóis a organizar suas incursões. Sempre nos pareceu estranha a ideia sobre indivíduos que chegaram moços ao Novo Mundo atingirem a idade madura ainda observando o mundo exclusivamente pela lente ibérica, com a qual estava distanciado, tanto fisicamente, quanto em muitos casos, afetivamente. A vivência em terras americanas precisa-

va servir para alguma coisa. Conhecer melhor os indígenas consistia em capitalizar aliados e informações vantajosas. Desconfiar de seus relatos também fazia parte desse aprendizado do Novo Mundo.

A dinâmica das *entradas* na fronteira oriental encontrava-se profundamente relacionada com a política interna do Peru. Essa era outra questão que me causava dúvidas anteriormente, como do nada, Francisco de Orellana aparece em uma embarcação cercado de um punhado de companheiros e atravessa o rio Amazonas. O espanhol não era como Odisseu, condenado a vagar pelo Mar Egeu por ter desafiado Posídon. O caráter único de sua empresa não se devia a uma condição excepcional, mas sim ao conjunto dos eventos que lhe permitiu ir mais longe do que outros, que estavam buscando conseguir a mesma coisa que ele.

A busca em questão era a oportunidade de riquezas, honra e fama, relacionadas à participação em uma conquista vultosa, outro ensinamento aprendido na cartilha do Novo Mundo. Convivendo com homens que se tornaram poderosos por ter aceitado, no passado, tomar parte de empresas semelhantes, a organização de novos descobrimentos sempre despertou interesse daqueles que sonhavam em ascender socialmente. Porém, o caso das *entradas* amazônicas nos parece diferente. Hernán Cortéz partira de Cuba para o México, Francisco Pizarro do Panamá para o Peru; em ambos os casos, nos deparamos com empresas organizadas a partir de lugares já exauridos em termos de exploração colonial. As províncias grandiosas estavam adiante.

No caso do Peru, o caminho era absolutamente oposto, os indivíduos que desciam as *montañas* em busca de novas províncias, na verdade acreditavam estar deixando o que havia de mais rico para trás. Desde as primeiras experiências, essa já era uma questão em tela, foi apontada pelos homens que acompanharam Pedro de Candía. A constatação parece ter chegado ao clímax durante a Jornada de Omagua e Dourado, quando os expedicionários decidiram largar tudo e voltar para conquistar o Vice-Reino. Eles não queriam mais um "Novo Peru", queriam o "Verdadeiro Peru".

Francisco de Orellana foi quem mais chegou próximo de alcançar a conquista das províncias amazônicas, tendo inclusive recebido a governança sobre a região, que se tivesse se consumado seria chamada de "Nova Andaluzia". Passando os olhos por essas linhas, lembramos da tese do professor Arthur César Ferreira Reis, com a qual abrimos esse texto, afirmando que os espanhóis não consumaram a conquista por não terem ficado interessados pelo Vale amazônico.

Acreditamos também ter demonstrado que se a tomada de posse não aconteceu isso não se deve nem ao desinteresse, nem aos impedimentos da natureza. Os percalços aparecem como produto de um ambiente novo, sobre o qual os espanhóis ainda não estavam prontos para lidar. As cores com que os narradores pintam essas agruras tinham por objetivo acentuar a resiliência dos castelhanos, capazes de superar os feitos de outras civilizações em função da superioridade de seu povo, responsável pela expulsão dos mouros de suas terras peninsulares, bem como pela conquista dos astecas e dos incas.

Os obstáculos mais difíceis, na verdade, não estavam na vegetação cerrada, nos rios caudalosos, no calor ou nas flechas envenenadas. Estavam na incapacidade de gerir a conquista, lidando com dissensões internas desde o arranjo das empresas. Também no conhecimento rudimentar que dispunham da geografia da fronteira oriental, não percebendo que a entrada pela foz dos rios poderia resultar em operações mais simples do que por suas nascentes. Estavam ainda na insistência em incursionar com contingentes muito numerosos, tornando o grupo pesado, vagaroso e mais exposto.

Terminamos esse ciclo esperando ter contribuído com a produção historiográfica relativa ao Vale amazônico no período pré-lusitano, almejando conseguir, a partir dele, estreitar o debate com os saberes vizinhos externos e internos à disciplina da história.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

A) CARTAS E RELACIONES DE NARRADORES VIAJANTES:

Diogo Nunes. “Carta de Diogo Nunes”. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p.375-379, 1916.

Francisco de Xerez. *Verdadera Relación de la Conquista del Perú por Francisco de Xerez, uno de los Primeros Conquistadores, según la primera edición impresa en Sevilla en 1534.* (Colección de libros que tratan de América, raros o curiosos). Tomo Primero. Madrid: 1891.

Francisco Vázquez. *Relación de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado.* La Sociedad de Bibliófilos Españoles. Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, 1881.

Gaspar de Carvajal. “Descubrimiento del Río de Orellana”. In: José Toríbio Medina (Org.). *Descubrimiento del rio de las Amazonas según la relación hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal con otros documentos referentes à Francisco de Orellana y sus compañeros.* Sevilla: Imprenta de E.Rasco, 1894. p.3-84.

Gonzalo Pizarro. “Carta de Gonzalo Pizarro al Rey”. In: José Toríbio Medina (Org.). *Descubrimiento del rio de las Amazonas según la relación hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal con otros documentos referentes à Francisco de Orellana y sus compañeros.* Sevilla: Imprenta de E.Rasco, 1894. p.85-94.

B) CRÔNICAS DO PERU:

Agustin de Zárate. *Historia del Descubrimiento y Conquista de la Provincia del Perú, y de las Guerras y Cosas Señaladas en Ella, acaecidas hasta el Vencimiento de Gonzalo Pizarro y de sus Secuaces, que en ella se rebelaron contra su Majestad.* In: Don Enrique de Vedia

(Dir.). Biblioteca de Autores Españoles, desde la formación del lenguaje hasta nuestros días. Tomo Vigésimo Sexto. Historiadores Primitivos de Indias. Tomo Segundo. Madrid: Real Academia Española, 1853. p.459-574.

Inca Garcilaso de la Vega. *Comentarios Reales de los Incas*. 2v. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985.

Pedro Cieza de León, *La Crónica del Peru*, Madrid: Calpe. 1922.

_____. *Guerras Civiles del Peru I: Guerra de las Salinas*. In: Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España (Tomo LXXVIII). Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, 1877.

_____. *Guerras Civiles del Perú II. Guerra de Chupas*. In: Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España. (Tomo LXXVI). Madrid: Imprenta de Miguel Ginesta, p.1881.

_____. *Segunda Parte de la Crónica del Perú – que trata del señorío de los incas yupanquis y de sus grandes hechos y gobernación*. Madrid: Imprenta de Manuel Gines Hernandez, 1880.

C) TEXTOS ADMINISTRATIVOS:

“Capitulación que se tomó con Francisco de Orellana para el descubrimiento y población de la Nueva Andalucía”. Valladolid, 13 de Febrero de 1544. In: In: José Toríbio Medina (Org.). *Descubrimiento del rio de las Amazonas según la relación hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal con otros documentos referentes à Francisco de Orellana y sus compañeros*. Sevilla: Imprenta de E.Rasco, 1894.

Juan Matienzo. Gobierno del Perú. Buenos Aires: Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco. 1910.

Provisión por la que se nombra a Alonso de Alvarado Teniente de Gobernador y Capitan General de Chachapoyas. In: Guillermo Lohmann Villena (Org.). *Francisco Pizarro Testimonio: documentos oficiales, cartas y escritos varios. Monumenta Hispano-Indiana. Tomo III*. Madrid: Departamento de Historia da América “Fernandez de Oviedo”, 1986.

Titu Cusi Yupanqui, Don Diego de Castro. *Ynstruçion del Ynga Don Diego de Castro Titu Cussi Yupangui para el muy ilustre señor el licenciado Lope Garçia de Castro, Governador que fue destos reynos del Piru, tocante a los negocios que con su magestad, en su nombre por su poder a de tratar; la qual es esta que se siegue (1570)*. Lima: Ediciones El Virrey, 1985. p.1-36.

D) HISTÓRIAS GERAIS:

Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*. Tercera Parte – Tomo IV. Madrid: Real Academia de la Historia. 1855.

Antonio de Herrera y Tordesilhas. *Historia General de las Indias Occidentales, ò de los Hechos de los Castellanos en las Illas y Tierra Firme del Mar Océano, escrita por Antonio de Herrera, Coronista Mayor de su Majestad, de las Indias y de Castilla. En Ocho Décadas. Tomo Tercero, que contiene las Décadas Quinta y Sexta*. Amberes: Juan Bautista Verdussen, 1728.

OBRAS CONSULTADAS

A) OBRAS DE REFERÊNCIA:

MENDIBURU, Manuel de(Org.). *Diccionario Historico-Biografico del Perú*. Parte Primera que corresponde a la Epoca de la Dominación Española. Tomo I. Lima: Imprenta de J. Francisco Solis, 1877.

PORRO, Antonio. *Dicionário Etno-histórico da Amazônia Colonial*. São Paulo: IEB-USP, 2007.

B) LIVROS:

BERNAND, Carmen &GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, Uma Experiência Europeia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CAZEVITZ, France-Marie Renard (et al). *Al Este de los Andes: Relaciones entre las Sociedades Amazónicas y Andinas entre los Siglos XV y XVII*. QUITO: Ediciones Abya-Yala, 1988.

FAUSTO, Carlos. *Os Índios Antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

FAVRE, Henri. *A Civilização Inca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Os Reinos dos Cronistas Medievais (Século XV)*. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2006

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2007.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LATHRAP, Donald W. *O Alto Amazonas*. Lisboa: Editorial Verbo, 1975.

MATOS, Maria Izilda Santos de. “Encontros, Desencontros e Recriações: Imagens Perdidas no Rio das Amazonas”. In: BRAIT, Beth & BASTOS, Neusa. (Org). *Imagens do Brasil: 500 anos*. São Paulo: EDUC, 2001.

MEGGERS, Betty J. *Amazônia: A ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

NEVES, Auricléia Oliveira das. *A Amazônia na Visão dos Viajantes dos Séculos XVI e XVII: Percurso e discurso*. Manaus: Editora Valer, 2011.

NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OVIEDO, José Miguel de. *Historia de la literatura hispanoamericana. De las orígenes a la Emancipación*. Vol.1. Madri: Alianza Editorial, 2001.

PEASE G.Y, Franklin. *Las Crónicas y los Andes*. México: Fondo de Cultura Económica; Peru: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1995.

PORRO, Antonio. *O Povo das Águas: Ensaios de Etno-História Amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília DF: Editora da Universidade Nacional de Brasília, 1992.

REIS, Arthur César Ferreira. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil I: De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007

ROMANO, Ruggiero. *Os Mecanismos da Conquista Colonial: Os Conquistadores*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SALMORAL, Manuel Lucena. (Coord.). *Historia de Iberoamérica*. Tomo II (Historia Moderna). Madrid: Cátedra, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STEWART, Julian (Ed.). *Handbook of South American Indians – v.3 The Tropical Forest Tribes*. Washington DC: United States Government Printing Office, 1948.

UGARTE, Auxiliomar Silva. *Sertões de Bárbaros. O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (Séculos XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer, 2009.

VARNHAGEN, *História Geral do Brasil: Antes da sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

WEHLING, *Estado, História, Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

C) DISSERTAÇÕES E TESES:

HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces medievales de las crónicas coloniales españolas: las Relaciones del río Amazonas*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PEDRO, Juliana Castro. *Embates pela Memória: Narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia ibérica*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (Séculos XVI-XVII)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

D) CAPÍTULOS DE LIVROS:

CASTILLO, Guillermo Céspedes del. “Formas de la expansión europea en América”. In: Franklin Pease G.Y (Dir.). *Historia General de América Latina. Volumen II: El primer contacto y la formación de nuevas sociedades*. Paris: Ediciones Unesco; Madrid: Editorial Trota, 2007.

ELLIOTT, John H. “A Conquista Espanhola e a Colonização da América”. In: Leslie Bethell (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial. Volume 1*. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.p.135-194.

_____. “A Espanha e a América nos Séculos XVI e XVII”. In: Leslie Bethell (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial*. (v.1). São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

FERREIRA, Jorge Luiz. “Dilemas de um Conquistador: Pedro Cieza de León e a conquista do império dos incas”. In: Ronaldo Vainfas (Org.). *América em Tempos de Conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.118-134.

FREIRE, José Ribamar Bessa. “A Canoa do Tempo: Tradição oral e memória indígena”. In: Jaime Salomão (Dir.). *América: descoberta ou invenção*. 4º Colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.138-164.

GIUCCI, Guillermo. “Viagens: História e Literatura”. In: *Frei Gaspar de Carvajal*. São Paulo: Scritta, 1992. p.8-27.

GODINHO, Vitorino Magalhães. “O que significa descobrir?” In: Adauto Novaes (Org.). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.55-82.

LAVALLE, Bernard. “El Inca Garcilaso de la Vega”. In: Luis Íñigo Madrigal (Coord.). *Historia de la Literatura Hispanoamericana*. Madrid: Cátedra, 2008.p.135-143.

LE GOFF, Jaques. “Documento/Monumento”. In: *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.p.525-541.

LOWIE, Robert. “The Tropical Forests: An Introduction”. In: Julian Steward (Editor). *Handbook of South American Indians – v.3 The Tropical Forest Tribes*. Washington DC: United States Government Printing Office, 1948.p.1-56.

MATOS, Maria Izilda Santos de.. “Encontros, Desencontros e Recriações: Imagens Perdidas no Rio das Amazonas”. In: BRAIT, Beth & BASTOS, Neusa. (Org). *Imagens do Brasil: 500 anos*. São Paulo: EDUC, 2001.

MIGNOLO, Walter. “Cartas, Crónicas y Relaciones del descubrimiento y la Conquista”. In: Luis Íñigo Madrigal (Coord.). *Historia de la Literatura Hispanoamericana. (Época Colonial)*. Madrid: Cátedra, 2008.p.57-116.

MOTT, Luiz. “As Amazonas: um mito e algumas hipóteses”. In: Ronaldo Vainfas (Org.). *América em Tempo de Conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. p.33-57.

MURRA, John. “As Sociedades Andinas anteriores a 1532”. In: Leslie Bethell (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial, volume 1*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p.63-99.

PEREZ, Demétrio Ramos. “La Conquista”. In: Manuel Lucena Salmoral et all (Org.). *Historia de Iberoamerica. Tomo II: Historia Moderna*. Madrid: Cátedra, 1990.

STEWART, Julian (Ed.). “Culture Areas of the Tropical Forests”. In: Julian Stewart (Editor). *Handbook of South American Indians – v.3 The Tropical Forest Tribes*. Washington DC: United States Government Printing Office, 1948. p.883-899.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do séc. XVI”. In: Mary del Priore e Flávio dos Santos Gomes (Org.). *Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e Histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p.3-30.

VAINFAS, Ronaldo. “História das Mentalidades e História Cultural”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.127-162.

VEDIA, Don Enrique de. “Noticias Biográficas” In: *Historiadores Primitivos de Indias*, Tomo Segundo. Madrid: Real Academia Española, 1853.

E) ARTIGOS EM PERIÓDICOS:

“Actas das sessões do Instituto desde 21 de Dezembro de 1852 até 4 de Novembro de 1854”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo XVII. Rio de Janeiro, nº14, p.70-108, 1854.

BERTAIONI, Cristiana. Representações do Antisuyu em El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno de Felipe Guaman Poma de Ayala. *Revista de História (USP)*, São Paulo, nº153, p.117- 138, 2005.

CARNEIRO, Robert. *A Base Ecológica dos Cacicados Amazônicos*. Revista de Arqueologia, 20, p.117-154, 2007.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Imagens de Índios no Século XVI. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.4, n.10, p.91-110, 1991.

CORDIVIOLA, Alfredo. *Uma Crônica Impossível: A Instrcción do Inca Titu Cusi Yupanqui*. Revista de Letras, São Paulo, 45 (2), 2005.

COSTA LIMA, Luiz. Sérgio Buarque de Holanda: Visão do Paraíso. *Revista da USP*, São Paulo, nº 53, p.42-53, 2002.

DRUMOND, Carlos. “A Carta de Diogo Nunes e a Migração dos Tupi-Guarani para p Peru”. *Revista de História*. São Paulo, Universidade de São Paulo, V.1, 1950

GODINHO, Vitorino Magalhães. “O que significa descobrir?” In: Adauto Novaes (Org.). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GONÇALVES DIAS, Antônio. Amazonas. *Revista do IHGB*. Tomo XVIII, nº17, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p.5-70, 1855.

LACIANI, Giulia. *O Maravilhoso como Critério de Diferenciação entre Sistemas Culturais*. Revista Brasileira de História. São Paulo: Vol.11, nº21, 1990/1991.

LANGER, Johnni. As Amazonas: História e Cultura Material no Brasil Oitocentista. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, nº10, vol. 5, 2004. p.1-12.

_____. *O mito do Eldorado*. Revista de História (USP), São Paulo, SP, v. 136, 1997.

MACHADO, Juliana Salles. *Arqueologia e História nas Construções de Continuidade da Amazônia*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 4, 2009.

MACHADO DE OLIVEIRA, José Joaquim. *Qual a Condição do Sexo Feminino entre os Indígenas do Brasil?* Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ou Jor-

nal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo IV, nº14, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p.168-206, 1842.

MARTIUS, Karl F. P. von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tomo sexto, nº 24. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p.381-403, 1844.

MARTINS, M^a. Cristina Bohn. Cartografias da Floresta: a Amazônia nas crônicas coloniais Notas de Pesquisa. *História Unisinos*, v. 11, p.282-286, 2007.

_____. Descobrir e Redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As Relaciones de Carvajal (1542), Alonso de Rojas SJ (1639) e Christóbal de Acuña SJ (1641). *Revista de História (USP)*, v. 156, p.31-57, 2007.

MEGGERS, Betty J. *Environmental Limitation on the Development of Culture*. American Anthropologist, New Series, v.56, nº5, Part 1 (Oct., 1954), 801-824

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *A Anotação e a Escrita: Sobre a história em capítulos de João Capistrano de Abreu*. História e Historiografia, Rio de Janeiro, vol. 3, p.86-99, 2009.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *Repensando a História Comparada da América Latina*. Revista de História da Universidade de São Paulo nº153. São Paulo, p.11-33, 2005.

REBELO, José Silvestre; REBELO, Lino Antônio. “Juízo sobre a obra intitulada Examen critique l’histoire de la geographie du nouveau continent de Alexandre Humboldt”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1840). Tomo II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p.105-108, 1916.

ROOSEVELT, Anna. “Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia”. In: Walter Alves Neves (Org.). *Origens, Adaptações e Diversidade Biológica do Homem Nativo da Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1990. p.103-135.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Construir a História dos Povos Ameríndios com as Fontes Coloniais de Matriz Europeia”. In: Leandro Karnal et ali (Org.). *Cronistas do Caribe* – Coleção Idéias, 12.1 ed. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, p.19-46, 2012.

_____. “Fontes Históricas e Nativas da Mesoamérica e Andes: conjuntos de problemas de entendimento e interpretação”. *CLIO. Série Arqueológica (UFPE)*, v.22, p.07-49, 2007.

SCHELL, Deise Cristina; MARTINS, Maria Cristina Bohn. “Em busca do Maravilhoso Americano: A Rebelião nos Escritos da Jornada de Omagua e Dorado”. *Em tempos de Histórias*, vol, nº 12, 2008.